

CORREIO BRAZILIENSE

DE SEPTEMBRO, 1809.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvera la chegara.

CAMOENS, c. VII. e. 14.

POLITICA.



Collecção de Documentos Officiaes relativos a Portugal.

*Carta Regia dirigida do Rio de Janeiro ao Juiz Procurador
e Vereadores de Villa Nova de Mil Fontes.*

JUIZ, Procurador e Vereadores da Camara da Villa Nova de Mil Fontes. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Tendo-me sido presente a gloriosa parte, que tomastes na Restauração, que o Clero, Nobreza, e Povo fizeraõ dos meus reaes e inalienaveis Direitos, destruindo as maquinações com que o Governo Francez queria usurpar a minha Soberania, e roubar-vos as vossas Propriedades; e igualmente constando-me as distinctas provas da lealdade, e pura fidelidade, com que vos mostrastes em tão perigosas e criticas circumstancias, elevando-vos ao par dos vossos maiores nas mais gloriosas épochas da Monarquia. Rosolvi-me a mandar vos esta Carta em resposta da que me escrevestes em 20 de Julho do anno passado, e que possa ser em todo o tempo hum publico testemunho do muito que vos considero, e da Justiça que rendo aos vossos leaes e honrados sentimentos, esperando no favor de Deos Nosso Senhor, que sempre vos darei provas como até aqui tenho feito do muito que me inte-

ressa o bem dos meus Povos para o qual concorri sempre, administrando-vos imparcial Justiça, procurando-vos todos os meios de promover a vossa felicidade publica, e a de todo o Reino, e não me esquecendo nunca de acudir-vos em todas as vossas necessidades. Espero, e lisongeio-me que assim continuareis, como agora vos tendes mostrado, e que procurareis por todo o modo fazer a felicidade, dos meus Vassallos, cujos cuidados e interesses communicativos do Districto da vossa Commarca, vos tenho confiado, obedecendo como deveis ao Governo a quem por ora em minha ausencia tenho entregue a administração politica do Reino. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro em 3 de Janeiro, de 1809.

PRINCIPE.

Para o Juiz, Procurador e Vereadores
da Camara de Villa Nova de Mil Fontes.

◆◆◆◆◆

Hespanha pelos Francezes.

*Madrid, 26 de Julho. Ordem do dia.**

Aos 26 do corrente, S. M. Catholica, á frente do 1º. e 4º. corpo de sua reserva, se encontrou com o exercito de Inglezes, Portuguezes, e rebeldes, junctos em grande numero na planicie de Santo Domingo. Atacar, vencer, derrotar completamente foi obra de um momento. El Rey continua a perseguir o inimigo. O resultado deste brilhante successo será a expulsão dos Inglezes, e a terminação das calamidades de Hespanha.

O Governador General de Madrid.

AUGUSTO BELLIARD.

* A falsidade destas contas Francezas he evidente, mas he necessario dar as integras destes papeis officiaes, para que o leitor os compare com os outros; *audi alteram partem*. So assim se póde chegar a conhecer a verdade historica.

Gazeta official de Madrid. Artigo datado de Santa Òlalla, 26 de Julho.

S. M. Chegou aqui hoje á testa do seu exercito, perseguindo os restos do exercito inimigo, que escapáram da batalha de Santo Domingo. Em consequencia de terem os Inglezes puchado adiante os insurgentes debaixo do commando de Cuesta, fôram estes quasi inteiramente anihilados. Grande numero ficou prisioneiro, entrando o Baraõ Armendaers, Coronel do Regimento de Villa Viciosa, com varios outros officiaes do corpo. O exercito deseja anciosamente vir ás mãos com os Inglezes.— Varios prisioneiros Hanoverianos, que formávam parte dos regimentos Inglezes, tem declarado o circular-se no exercito de que Madrid seríã entregue ao saque por cinco dias.—Os officiaes Hespanhoes se admiráram tanto mais da derrota dos insurgentes, por que se lhes disse, que todos os Francezes tinham deixado a Hespanha, e que El Rey estáva em Vittoria.

Julho 27. Hontem ás duas horas da tarde estabeleceo S. M. o seu quartel general, n'uma altura, que fica a cavalleiro do campo de batalha de Torrijos. O inimigo se tinha refugiado em um mato, sendo espantado por alguns de nossos atiradores, trabalhou por ganhar a planicie. Os Francezes os perseguíram até ali. Os insurgentes trabalháram por tornar-se a formar; mas S. M. avançou contra elles ás 7, e tendo o primeiro corpo feito um vigoroso ataque, levou a morte e o terror aos seus renques.— A's nove horas da noite um official superior do 1º. corpo chegou aqui com a noticia de que, no decurso da noite se tinham obtido ainda mais assignaladas vantagens, do que no dia precedente, e o campo de batalha estava cuberto de mortos.

Julho 28. S. M. alcançou por fim o exercito Inglez, hontem, ás 4 horas da tarde, e estando ao ponto de o cercar se poz em ordem de batalha. O exercito Francez

atacou o Inglez com o maior vigor. Alguns matos que cubriam a ala esquerda não ficáram por muito tempo em sua posse, e a divisaõ do seu exercito, que os occupava, foi annihilada pelo duque de Belluno. Um regimento e uma das divisoens do 1.º corpo atacou os Inglezes em columna com a bayoneta, matou 1000, e fez 500 prisioneiros. A perca que o inimigo soffreo foi mui consideravel, e não pode ser calculada. Durante a batalha manobrava El Rey na direita dos Inglezes, em ordem a cortar-lhe a retirada para Talavera e Tejo.

Madrid, 10 de Agosto. Ordem do dia.

O 1.º e 5.º, corpo alcançáram a retaguarda do exercito Inglez, e a destruíram inteiramente, tomáram-lhe 30 peças de artilheria, caixoes, e grande parte de sua equipagem; muitos cavallo, e grande numero de prisioneiros. —Vai-se tambem em seguimento de Venegas, e se lhe tem feito grande numero de prisioneiros: elle se retirou para ás montanhas de Sierra Morena.

(*Assignado*) AUGUSTO BELLIARD, Gov. Gen.

Proclamação d' El Rey.

SOLDADOS! Saõ apenas passados 15 dias, depois que 120.000 inimigos, compostos de Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes, que marcharam de differentes pontos, se ajunctáram ao pé dos muros da minha capital; porém unindo-se aos 26 de Julho, na ponte de Guadarama o 1.º e 4.º corpo, e a reserva, derrotáram naquelle dia o inimigo. Aos 27 tornou elle a cruzar o Alberche, com toda a pressa. Aos 28, sendo atacado em uma posição que julgava segura de ataque, 80.000 homens não puderam contender contra 40.000 Francezes.—Desde entãõ, renunciando aos seus projectos chimericos de conquistas não pensám os inimigos em mais do que na sua segurança, e abandonáram o campo de batalha. Mais de 6.000 Inglezes feridos estão nos nossos hospitaes. O menor dos

nossos corpos se julgou sufficiente para conter este exercito ainda taõ numeroso naõ obstante as suas percas. Ficou sobre o Alberche, em quanto o 4.º corpo e a reserva marcháram aos 29 a soccorrer Toledo, cercada pelo exercito de la Mancha; e Madrid ameaçada pelo mesmo exercito; forçou o inimigo, ja distante 4 leguas da capital, a largar a sua preza. Elle tornou a cruzar o Tejo, com a maior pressa, e fugio para a Sierra Morena, depois de haver abandonado alguns milhares de mortos, feridos, e prisioneiros. O 2.º. 5.º. e 6.º. corpo estaõ perseguindo a retaguarda do exercito inimigo. Estes corpos formáram uma junção com o 1.º. corpo em Oropezo aos 7 de Agosto.—Os Inglezes fogem em desordem para toda a parte, e por caminhos que até aqui se sepunham impracticaveis á artilheria. O 2.º. e 5.º. corpo os estaõ perseguindo.—Soldados! Vós tendes salvado a minha capital. El Rey de Hespanha vollo agradece; vos tendes feito mais, o irmão de vosso Imperador vé fugir diante de vossas aguias o inimigo eterno do nome Francez. O Imperador sabe muito bem tudo que vós tendes feito; elle reconhecerá os valorosos, que se tem feito conspicuos entre os valorosos; e os que tem recebido honradas feridas; e se elle nos diz *eu estou satisfeito de vós*; ficaremos sufficientemente recompensados.—Quartel General de Toledo, 9 de Agosto, 1809. (Assignado) JOZE.

Pelo Governador de Madrid. Noticias do exercito.

Aos 10 o exercito de Venegas parou no seu movimento retrogrado, o se formou em Almonavez. Aos 10 unio El Rey o 4.º. corpo de reserva em Danbroca. Aos 11 El Rey marchou ao inimigo, cercou-o, atacou-o, e o expulsou de todas as suas posiçoens fortes; e o poz em completa derrota. Foi isto uma acção de tres horas.—Trinta peças de artilheria; 100 caixoes; 200 carros; 3.000 mortos, e infinito numero de feridos, varias bande-

ras; são o resultado deste brilhante dia. A nossa perda he mui inconsideravel.—Madrid, 14 de Agosto, de 1809.

(Assignado) AUGUSTO BELLIARD

Hespanha por Fernando VII.

Real Decreto de S. M.

Se algumas Provincias do Reino occupadas desde o principio pelo inimigo, e sujeitas a circumstancias infelizes, não tem podido manifestar todos os sentimentos de zelo e patriotismo que as animaõ; as que achando-se na mesma situação tem sabido fazer frente por todas as partes, são acreedoras a toda a attençaõ do Estado por seus extraordinarios e generosos esforços. Tal tem sido Catalunha: entregues suas fortalezas, e occupada sua Capital pela mais cobarde aleivosia; seus naturaes, em vez de desmaiar, corrêraõ ás armas, e tem apresentado aos Francezes em cada lugar hum forte, em cada Catalaõ um soldado. Um anno de guerra tem corrido ja, e he para aquella nobre e leal Provincia um seculo inteiro de gloria.

Entre todas as suas Provações que tanto tem merecido da Patria, brilha Gerona por sua vigorosa resistencia. Duas vezes tem sido investida, e duas vezes tem rechaçado seus inimigos, sem mais recursos para isso, do que um pequeno numero de soldados de linha, e seus valorosos habitantes. Porém a sua situação vantajosa, e a importancia da sua conquista empenhaõ cada vez mais o inimigo, que com forças novas, e nova teima ha emprehendido terceiro cerco. O seu exito será sem duvida o mesmo que o dos outros, se aos esforços dos Gerondezes acompanharem os da Provincia. Elles para dar á sua resistencia o character augusto e elevado, que necessita

uma guerra, cujos provocadores se mostraõ na verdade mais impios e sacrilegos para com Deos, do que inhumanos para com os homens, estabelecêraõ no recinto de suas muralhas uma Cruzada a exemplo da que com tanta vantagem do Estado se formou na Estremadura. Paisanos de todas as classes, o Clero Secular e Regular, todos á profia se alistáram naquellas santas bandeiras; e uma Cidade pouco populosa pôde em tres dias apresentar para a defesa da Praça oito companhias, de 100 homens cada uma organisadas e armadas completamente. A Juncta Suprema naõ só applaudio com a satisfação mais viva estas demonstrações de zelo patriotico e religioso; naõ só se apressou em recompensallas devidamente; mas concedeo fazer participantes do mesmo merito, e dos mesmos premios os valentes naturaes do Principado.

Catalães! Taõ interessados sois na conservação de Geronna, como os seus mesmos habitantes. Ella he hoje a chave da Catalunha; em quanto estiver em vosso poder, os Francezes se achaõ a todos os momentos expostos a ser arrojados do paiz; se a perdeis naõ bastaraõ depois torrentes de sangue que se verteriaõ para vos salvar do seu jugo: se amais verdadeiramente a vossa liberdade, se aborreceis os Francezes, se conservais a inteireza de character, e a heroica constancia dos vossos antepassados, se quereis aproveitar esse valor, e esses grandes sacrificios. dirigi e ordenai as vossas vistas á salvação de Gcronna. Armai-vos, e seguindo a direcção que vos der o General da provincia fazei que os Francezes soffraõ pela terceira vez a affronta de ser repellidos.

Para excitar e recompensar o zelo e patriotismo daquelles naturaes a uma empreza de taõ grande consequencia, El Rei Nosso Senhor D. Fernando VII. e em seu nome a Juncta Suprema Governativa do Reino decretou o seguinte :

I. Fica approvada a Cruzada, que á imitação da de Estremadura adoptou a Cidade de Gerona para sua defenza.

II. Convidaõ-se todos os Catalães a que se alistem nella, debaixo das mesmas regras e principios.

III. Todos os que se alistarem e provarem ter feito constantemente o serviço, pelo tempo que durar a guerra actual com a França, se declaraõ livres do imposto pessoal para sempre, elles, seus filhos, e descendentes.

IV. Todos os que por sua classe não se achaõ sujeitos a esta contribuiçaõ, e fizerem o mesmo serviço, seraõ premiados proporcionalmente.

V. O presente Decreto se imprimirá e circulará a quem competir para sua devida execuçaõ. Tende-o assim entendido e disporeis o conveniente para seu cumprimento. Real Alcaçar de Sevilha, 28 de Junho, de 1809.—M. O Marquez de Astorga, Presidente.—A. D. Martin de Garay.

Carta official do Exercito da Estremadura.

Excellentissimo Senhor.—Antes de hontem participei a V. E. da margem esquerda do Alberche o receio que tinha de ser atacado pelas forças, que o inimigo reuníra em Toledo, se eu continuasse a estar separado dos Inglezes. Esta conjectura me determinou a tornar a passar o dicto rio hontem de manhaã, e a tomar a posiçaõ ajustada com o General Wellesley, formando ambos os Exercitos huma linha diante de Talavera, aproveitando-nos dos valados, e de outras vantagens do terreno. Apenas tinhamos acabado de formar a nossa linha na dicta posiçaõ, quando se apresentáram, hontem ás cinco da tarde, os inimigos com todas as suas forças, que pensamos que seriaõ de 35 a 40.000 homens, entrando 5000 de cavallaria; e atacáraõ com a maior energia desde aquella hora toda

a nossa linha, dirigindo as suas principaes forças contra a esquerda, occupada pelos Inglezes, com o empenho de rodear o seu flanco esquerdo. O ataque, e a defeza fôram igualmente obstinados, chegando até a recorrer á bayoneta ; porém foram em fim rechaçados os inimigos, por duas vezes com muita perda, entre mortos e feridos, durando a acção até as oito e meia da noite. Os Inglezes tambem tiveram perda, especialmente em Officiaes ; a nossa não foi consideravel ; e geralmente fallando as nossas tropas portárao-se com valor e firmeza, exceptuando dous ou tres corpos, que tiverao suas fraquezas, e dos quaes fallarei mais de vagar.

Esta manhaã nui cedo repetiram os inimigos seus ataques, que ainda continuaõ até agora, que saõ sete horas da tarde ; porém em todos tem sido rechaçados, e espero que o seraõ nos seguintes. José Napoleaõ assistio em pessoa até esta tarde ; mas sabemos que se retirou com a sua guarda para Santa Olalla, e passou o Alberche com 18 carros de feridos. Naõ tenho tempo de entrar em maiores miudezas, e acções particulares, pois ha tres dias que estou no campo da batalha ; com todas as minhas tropas sobre as armas.—Deos guarde a V. E. muitos annos. Campo de Talavera, 28 de Julho, de 1809.—Ex^{mo}. Senhor—Gregorio de la Cuesta.—Ex^{mo}. Senhor D. Antonio Cornel.—

Officio segundo.

Excellentissimo Senhor.—Hontem ás sete da tarde participei a V. E., do campo de batalha, que os ataques do inimigo, e a nossa defeza coutinuavaõ com obstinaçaõ. Apenas entrou a noite paráraõ as hostilidades, porém sem abandonarem os inimigos as suas posições, até pouco antes de amanhecer, que foi quando começaram a sua retirada, e atravessaram o Alberche, dirigindo-se a Cazalegas, Santa Olalla, perdida a esperanza de poderem expulsarnos, nem mover-nos da nossa posiçaõ. Deixaram o seu

campo coberto de cadaveres e de feridos, que não tivéram tempo nem meios de retirar; soffrêraõ huma perda horrosa, e ainda seria maior se as nossas tropas não estivessem incapazes de os perseguir, por fadiga, e falta de alimentos. Os Inglezes soffrêram tambem muito na perda de tres Generaes, além de muitos Officiaes subalternos, e alguma tropa; mas não se lhes póde negar a gloria de terem combatido com muito valor e disciplina, e de fazerem conhecer aos Francezes que ja mais cederáõ em algum conflicto, especialmente se forem mandados, e dirigidos por seu sabio, activo, e valoroso General Sir Arthur Wellesley.

As tropas Hespanholas, e particulamente os Corpos que estava mais proximos não me deixáram que desejar em sua intrepidez e valor. O fogo horrivel, e bem sustentado da nossa Infantaria desbaratou o inimigo nos seus repetidos ataques, e as investidas da nossa cavallaria lhe causáram grave damno. O Regimento del Rei se cobrio particularmente de gloria; tomou algumas peças em concurrencia com os Inglezes; e fez hum general, hum coronel, e varios officiaes prizioneiros. Ainda que reservo falar de outros para premio dos que se distinguíram, peço desde ja que o seu Coronel, o Brigadeiro D. José Maria de Lastres, seja promovido a Marechal de Campo por ter atacado na frente do seu Regimento dando o melhor exemplo.

Pelas declarações dos prizioneiros sabemos que hontem de manhã assistio toda a Guarda de José Napoleaõ, na qual fundava todas as suas esperanças; porém logo que a vio rechaçada e derrotada se pôz elle mesmo em fugida para Santa Olalla. Acabo de saber que o seu Exercito consternado se dirige a Toledo, sem viveres nem meios alguns de subsistir.

Finalmente a falta de tempo só me permite dizer que foi a acção mais gloriosa e importante de toda a guerra,

e a qual espero que nos abra o caminho do Ebro, logo que tivermos o mais necessario para alimentar a tropa.

Deos guarde a V. E. muitos annos. Quartel General do Campo de Talavera, 29 de Julho, de 1809.—A's 10 da manhaá.—Excellentissimo Senhor—Gregorio de la Cuesta.—Excellentissimo Senhor D. Antonio Cornel.

Posteriormente o mesmo D. Gregorio de la Cuesta, do Quartel General de Talavera, com data do 1º. do cotrente avisa, que os inimigos em numero de 16.000 homens se conservaõ á vista nas alturas da outra banda do rio Alberche. A nossa vanguarda occupa a cabeça da ponte; o Exercito Hespanhol está adiante de Talavera: e o Britanico, formado em linha sobre a nossa esquerda, acha-se hum pouco mais atraz. Tambem diz que por confissaõ dos mesmos Francezes, e por noticias fidedignas, a sua perda passou de 9 ou 10.000 homens; e que entre os feridos se conta o Marechal Victor, e gravemente, e entre os mortos hum General de Divisaõ; e que Ofaril, Negrete, e Casa Palacio assistiraõ á batalha. Parte do Exercito se emprega em queimar os mortos.

O General Venegas avisa de Ocanha com a mesma data, que tendo mandado o Coronel D. Filippe La Corte com 250 cavallos, para atacar hum posto de 200 cavallos, e 300 Infantes, o executou com tal valentia, que os desalojou das alturas da Costa de la Reyna, matando-lhes 90 homens, e fazendo 28 prisioneiros.

O Brigadeiro Lacy acha-se sobre Toledo, ésta Cidade que tem 4000 homens de guarniçaõ, já teria sido occupada pela força senaõ fossem as considerações que merece hum povo nosso.



Carta de D. Francisco Vanegas ao Ministro de Guerra.

Ex^{mo}. Sñr.! Esta manhaá, pelas 5 horas e meia foi o exercito debaixo do meu commando attacado pelo inimigo em Almanarid, e ás 7 o fogo da artilheria e musqueteria

se fez geral, e mui vivo por toda a linha. O numero da força que nos atacava éra consideravel, e não pode haver duvida que excedia 25.000 homens. As nossas tropas pelejaram valorosamente por 9 horas, e por 5 horas se manteve um horroroso fogo; mas havendo o inimigo obtido posse de uma altura na nossa esquerda, adquirio vantagem de posição; e estava ao ponto de cercarnos; pelo que me determinei á retirada, cubrindo a primeira divisaõ com a segunda, que até entã tinha soffrido menos. Sustentou-se a honra nacional; ainda que perdemos certo numero de soldados, e muitos valorosos officiaes; mas julga-se que a perca do inimigo não he menos de 3000 homens, não posso presentemente mandar a Vossa Excellencia a rellação circumstanciada; o que farei logo que tiver tempo. O major-general D. Roman de Carivajal partio pela posta de Trembleque para tomar o commando da Carolina, e ajunctar ali todas as tropas que for possivel; até que eu chegue á Sierra com o meu exercito. Deus guarde a V. Ex^a. muitos annos. Quartel general de Camernas, 11 de Agosto, 1809. FRANCISCO VENEGAS.

Carta do Governador de Gerona á Suprema Juncta.

SENHOR! Considero ser do meu dever levar aos pés de V. M. uma breve narrativa do cerco, e bombardeamento, que está soffrendo ésta heroica cidade, cujo governo V. M. foi servido confiar me.—Mas como as circumstancias particulares destas acçoens, e suas provas, seriam demasiado volumosas, e o momento presente he mui precioso, tanto para os sublimes cuidados de V. M., como para a activa situação em que eu estou colocado, limitar-me-hei, por agora, a dar a V. M. uma leve prova dos sentimentos, que me animam, e do estado desta praça. Faz hoje 70 dias, que começou o cerco, e ha 48 que se abríram as trincheiras; e 33 de um incessante bombardeamento. O castello de Montjuich, que lhe fica completa-

mente a cavalleiro, a pouca distancia, e he a sua principal defenza ; tem estado por 13 dias com uma brecha aberta, practicavel para 50 homens de frente. A este tempo o inimigo tinha atirado á cidade 10.000 bombas, e granadas, e a consequencia de toda ésta furia tem sido reduzir as casas a ruinas, mas não debilitar em gráo algum o espirito de seus habitantes, os quaes de dia em dia, com crecido enthusiasmo, e amor da justa causa, que defendemos, correm ás armas, logo que isso se requer.

A guarnição ainda que muito pequena, pois apenas chega a 2.500 homens, tem feito prodigios de valor ; e nas suas sortidas, e dous ataques (um delles repetido tres vezes, na brecha, de que o inimigo foi repulsado com inexplicavel valor) tem ensinado ao inimigo o que he capaz de fazer o valor, e disciplina Hespanhola.—V. M., cujos trabalhos se dirigem á mantença da honra nacional, sabe quam meritorios tem sido estes serviços dos habitantes deste lugar. Eu não tenho, Senhor, visto o seu enthusiasmo declinar, por um so momento, e mil vezes teriam elles procurado a morte no campo, se o seu pequeno numero os não obrigasse a ficar dentro dos muros.—Nesta critica situação, tenho supplicado repetidas vezes ao segundo commandante general deste exercito, o marques de Coupigni, que me reforce com 2.000 homens, posto que isto apenas chegaria a ser metade do complemento necessario da guarnição ; mas até aqui não se tem feito isto, ainda que á proporção que a minha situação se faz mais urgente, eu tenho tambem apertado mais com o meu petitorio.—Tudo quanto posso segurar a V. M. he que este interessante baluarte da Catalunha se manterá até a ultima extremidade, e se sacrificará pelo seu amado monarcha e Soberano D. Fernando VII. a quem Deus guarde ; copiando o exemplo de Numancia e Sagunto, antes do que dobrar o collo ao jugo do Tyranno. A frente dos meus valentes Hespanhoes, tenho jurado isto ; e agora renovo

o meu voto aos pés de V. M. que o inimigo não entrará nesta cidade senão por cima de meu corpo. A copia do Decreto* aqui juncto informará melhor a V. M. dos sentimentos que me anímam.

Gerona, 16 de Julho, 1809.

MARIANO ALVAREZ.

—◆—
França.

Carta do gen. Fauconnet ao Ministro da guerra.

Antuerpia, 2 de Agosto, de 1809.

MONSIEUR! V. Ex.^a terá sem duvida sido informado, pelos gen. Monnet, e Chambarlhar, do desembarque que os Inglezes effectuáram na ilha de Walcheren; e dos progressos, que ao despois tem feito na Zelandia, pois me que asseguram, tomáram Middleburgh. Eu tenho tomado as medidas que me parecêram necessarias, para me oppor immediatamente a qualquer tentativa que o inimigo pudesse fazer, para desembarcar na margem direita do Scheldt. Em consequencia disto consultei, sobre o terreno, com o commandante das tropas do Rey da Hollanda. Concordamos sobre a nossa linha de defenza, que fiz occupar immediatamente; e neste instante reforçarei, porque recebi informação de que os Inglezes tomáram o forte de Bathz. Não me permittirei fazer reflexão alguma sobre a pressa do rendimento deste forte. O que me causa admiração he, que eu estava á vista delle, com o general Tarayne, desde as 10 da manhã, até despois do meio dia, e não ouvi um só tiro de canhão ou de espingarda. Neste momento chega de Maestrich o gen. Charbionnier, com uma columna de cavallaria, e infantaria.—Os fortes de Lillo, e Lifkenshock, estão em estado defeza. A marinha

* O decreto de que se trata he datado do 1.^o de Abril, quando o inimigo ameaçava a fortaleza, e impoem pena de morte a todo o individuo, qualquer, que tiver a baixeza de propor o rendimento ou a capitulaçãõ.

está desembarcando as peças de artilheria, que se assestarão a manhaã.

Carta do Ministro de guerra a S. M. o Imp. e Rey.

SENHOR! Saõ 5 horas da manhaã. Recebo a incomprehensivel noticia de que os Inglezes tomáram o forte de Bathz.—Uma fraze equivoca, em uma carta, escripta ao ministro de marinha, me fez suppor, que Flushing estáva bambardeado; transmitto a mesma a V. M., mas éra Tervere, o que se intentava dizer.—Sou com todo o respeito, &c.

CONDE DE HUNNEBERG, Ministro da guerra.

Carta do gen. Chambarlou ao Ministro da guerra.

Antuerpia, 4 de Agosto, de 1809.

Cheguei a Antuerpia ésta noite, com a cavallaria de baixo da minha conducta; o gen. de brigada Valetaux chegou um momento despois com a sua brigada. Amanhaã, quando a maré nos servir, irei ter com o almirante Missiessy, e concertarei com elle medidas. As nossas tropas communicam com as de S. M. o Rey de Hollanda, por Bergen-op-Zoom, e temos concordado com o general, que as commanda, de obrar de concerto.—A abominavel conducta de Mr. Bruce, o official Hollandez, que, sem esperar o inimigo, fugio de Bathz, he um daquelles exemplos de covardice, que deve proceder ou de infatuaçaõ, ou de traiçaõ. Este miseravel he a causa de que os postos avançados Inglezes ja naõ distem de Antuerpia senaõ 6 leguas; mas as nossas tropas os obsérvam, e poderaõ manter os seus postos.—Os fortes, que defendem as margens do Scheldt, estaõ bem armados.—

Copia de um relatorio, feito no 1 de Agosto, de 1809, pelo Ministro da guerra ao Imperador e Rey.

Tive a honra, em um relatorio de 31 de Julho passado, de dar ao Imperador uma conta da apparencia e movi-

mentos de uma frota inimiga, neste lado de Flushing ; e das medidas até aqui adoptadas para a defesa do Scheldt. Esta manhã tive uma conferencia com o Ministro da Marinha, o qual julga ser necessario, que todas as tropas que se possaõ dispensar da guarnição de Paris, tenham provisionalmente ordem de marchar para o Scheldt e Boulogne. Em consequencia do que ordenei ao gen. Hullin, que fizesse marchar hoje as meias brigadas de reserva, uma metade para Luzanher, e outra para Senles. Estas tropas acharaõ em ambos os lugares carrotoens, para as conduzir ao lugar de seu destino. Aquelles que marcharem para Boulogne chegaraõ la aos 4 de Agosto. As meias brigadas que marcham de Senles para Ghent, estaraõ lá a 5 de Agosto, e procederaõ dahi para o Scheldt. Tenho ordenado que varios batalhoens, e esquadroens da segunda divisaõ militar marchem para a costa de Boulogne.—Todas éstas ordens fõraõ expedidas, quando eu recebi um despacho telegraphico do gen. Suzanne informando-me de que elle tinha ordenado, que todas as guardas nacionaes do departamento do Norte, procedessem em carrotoens para a ilha de Cadsand, independentemente daquellas debaixo das ordens do gen. Rumpon, que estaõ marchando na mesma direcção. Em consequencia destas disposiçoens, as tropas empregadas nas costas formaraõ em tres dias uma força consideravel, exclusivamente das guardas de policia (*gens d'armes*) companhias de reserva, e officiaes d'alfandega, que tambem se tem chamado a campo. Em addição a estas tropas, tenho tambem ordenado que os batalhoens provisionaes, e esquadroens das divisoens militares 24, 16, 2, e 4, se ajuntem, e vão ter a Antuerpia em Carretoens, com a maior expedição.

Tenho encarregado ao gen. de artilheria Saint Laurient, cuja saude se acha perfectamente restabelecida, e que succedeo estar em Paris sem emprego, que fosse a toda apressa para Antuerpia, passando dahi ao Scheldt, e ilha

de Cadsand, e dirigir o serviço da artilheria, examinando o estado das barterias. Elle está tambem encarregado da inspecção da costa de Boulogna, no districto da 10^a. divisaõ militar, e dar todas as ordens necessarias para que o serviço se faça com ordem em todos os seus differentes ramos. Independentemente das forças empregadas entre o Somme e o Scheldt, tudo está arranjado, no districto da 15^a divisaõ militar, conforme as ordens, que tinha dado antes, e que á pouco reiterarei, he encorporar, á primeira noticia 6.000 guardas nacionaes escolhidas, tiradas da legião, na vizinhança da costa, e mandallas marchar para os quatro pontos principaes da costa, Havre, Fecamp, Dieppe, e St. Valery, alem de uma grande reserva, destinada a marchar para o ponto de ataque particularmente ameaçado pelo inimigo.—Tenho tambem dado as ordens necessarias para a defeza da costa de Havre até Bayonna. Terei a honra de referir a V. M. o resultado das medidas adoptadas para repellar o ataque, da parte do Scheidt, logo que os generaes mandarem as suas relaçoens.

(Assignado) CONDE HUNNEBERG.

Inglaterra.

Expedição aos Paizes Baixos.

Carta official do Conde de Chatham ao Secretario de guerra.

Quartel general, em Batz, 29 de Agosto, de 1809.

MY LORD! O major Bradford me entregou a carta de officio de V. S., datada de 21 do corrente; em que se me communicam as ordens de S. M. para que eu manifestasse ao Tn. gen. Sir Eyre Coote, ao general, mais officiaes, e tropas, empregadas ante Flushing, e particularmente aos das repartiçoens de artilheria, e engenharia, a graciosissima approvação que S. M. deo á sua conducta; ao que tenho obedecido, com a mais completa satisfacção.

Na minha ultima carta tive a honra de informar a V. S. de que intentava proceder para este lugar, e me teria julgado muito feliz se pudesse agora annunciar a V. S. ultteriores progressos deste exercito. Infelizmente, porém, he do meu dever expor a V. S. que, pelo concordante testemunho de muitas partes, que me não deixam duvida sobre a verdade da informaçãõ, parece que o inimigo tem ajunctado uma força taõ formidavel, que estou convencido de ter chegado o periodo, em que as minhas instrucçoens me ordênam retirar o exercito que commando, ainda que estivesse empenhado em operaçãõ actual.—Certamente eu fui informado, quando cheguei a Walcheren, de que o inimigo ajunctava grandes forças em todos os pontos; mas não me inclinava a acreditar estes rumores, e me determinei a perseverar até que fiquei satisfeito, com a mais plena informaçãõ, de que seriam inefficazes todas as tentativas ultteriores.—De tudo o que temos podido saber parece, que a força do inimigo, nesta parte, distribuida entre os arredores de Bergen-op-Zoom, Breda, Lillo, e Antuerpia, e acantonada na costa fronteira, não he menos de 35.000 homens, e algumas contas a avaliam ainda em mais. Ainda que eu não duvide de que se possa forçar um desembarque no continente, com tudo, como o cerco de Antuerpia, cuja posse unicamente nos poderia assegurar os ultteriores objectos da expediçãõ, éra, neste estado das cousas, absolutamente impracticavel; aquella medida, ainda que bem succedida não podia conduzir a vantagens solidas; e ficaria exposta a grandes riscos a retirada do exercito, a qual seria inevitavel, dentro em pouco tempo.—A maior força (e ésta diminue todos os dias) que eu podia pôr em campo, depois de haver providenciado a occupaçãõ de Walcheren, e Beveland do Sul; chegarãa a 23.000 infantes, e 2.000 de cavallo. V. S. deve á primeira vista conhecer, que ainda no caso de serem as forças do inimigo menos numerosas do que se repre-

sentam, e depois dos destacamentos necessarios, para observar as guarniçoens de Bergen-op-Zoom, e Breda, e segurar as nossas communicaçõens, quam inadequada força nos restaria para as operaçoens contra Lillo e Liefkenshoek, e ultimamente contra Antuerpia; cidade esta, que, bem longe de se achar no estado em que se tinha representado, apparece, por informações correctas, em completo estado de defenza; e os navios do inimigo fõram levados para cima, e postos em segurança, debaixo das peças da Cidadella.—Nestas circumstancias, por mais que me mortifique o ver impedido o progresso de um exercito, de cuja boa conducta e valor eu podia esperar tudo, não obstante conheço que o meu dever me não deixa aberto outro caminho, senão acabar as minhas operaçoens aqui; e será para mim sempre de grande satisfacção o pensar, que não arisquei levemente a segurança do exercito que me foi confiado, nem a reputação das armas de S. M. Foi ainda nova satisfacção para mim o achar, que a unanime opiniaõ dos Tn. gen. do exercito, a quem eu julguei que devia consultar, mais pelo respeito que lhes tenho, do que por ter duvida alguma na materia; conveio inteiramente nos sentimentos, que tenho submettido a V. S.—Sinto ter a dizer, que o effeito do clima, neste doentio periodo do anno, se tem mui seriamente sentido, e que o numero de doentes he ja mui proximo a 3.000.—He minha intenção retirar gradualmente as tropas dos postos avançados nesta ilha, e mandar para Walcheren toda a demais força, que pode ser necessaria para segurar ésta importante possessaõ; e embarcar o resto das tropas; para executar as ultiores ordens de S. M., que anciosamente espero. Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CHATHAM.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

Exercito Inglez na Hespanha.

Carta official do General Wellesley (Lord Wellington) ao secretario de guerra.

Deleitosa, 8 de Agosto, de 1809.

MY LORD! Eu avizei a V. S., no 1º. do corrente, de que um corpo Francez se adiantava para Puerto de Baños; e dos provaveis embaraços, que occasionarñam ás operaçoens uo exercito, a sua chegada a Placencia: e estes embaraços existiram despois em um gráo taõ consideravel, que nos obrigáram a retroceder, e tomar uma posiçaõ defensiva no Tejo; pelo que vos incommodarei, com uma conta mais circumstanciada do que se tem passado a este respeito.—Quando entrei na Hespanha tive uma communicaçãõ com o gen. Cuesta, por meio de Sir Roberto Wilson, e Coronel Roche, relativamente á occupaçaõ de Puerto-de-Baños, e Puerto-de-Perales; o primeiro destes, se ajustou que seria guarnecido por um corpo, que se devia formar debaixo das ordens do Marques de la Reyna, e devia consistir de dous batalhoens do exercito do gen. Cuesta, e dous de Bejar; e o Puerto de Perales devia ser guardado pelo Duque del Parque, com destacamentos de Ciudad Rodrigo. Eu duvidei de que a guarniçaõ de Ciudad Rodrigo estivesse em estado de poder fazer estes destacamentos para o ultimo destes postos; mas taõ pouco duvidava da occupaçaõ effectiva do primeiro posto, que, escrevendo ao marechal Beresford, aos 17 de Julho, o instrui de que cuidasse de Puerto de Perales, mas que eu considerava Baños em estado de segurança, como se vé do extracto da minha carta, que aqui incluo.—Aos 30 se recebeo noticia, em Talavera de que se tinham ordenado em Fuente Dueños 12.000 raçoens, para os 28 do mez; e 24.000, em Los Santos, para o mesmo dia, o corpo Francez, para quem isto éra, se suppunha andar em marcha dirigindo-se a Puerto de Baños.

—O gen. Cuesta mostrou alguma anxiedade a respeito deste posto ; e mandou-me propor, em um recado, que se enviasse ali Sir Roberto Wilson com o seu corpo.—Naquelle dia estava Sir Roberto Wilson em Talavera ; mas o seu corpo estava juncto ás montanhas de Escalona ; e como elle tinha ja sido de grande utilidade naquella parte, e estava proximo a Madrid, com quem tinha aberto uma communicação, que eu desejava conservar ; propuz eu, que se mandasse um corpo Hespanhol para Baños, sem perca de tempo. Não pude acabar com o gen. Cuesta que fizesse isto, posto que elle certamente admittisse a necessidade que havia de tal reforço, quando propos que se mandasse Sir Roberto Wilson para Baños ; e elle conhecia, taõ bem como eu, o beneficio que a causa podia colher de se tornar a mandar Sir Roberto para Escalona. A este tempo não tinhamos outras noticias da marcha do inimigo, senão a da ordem das raçoens ; e eu tinha esperanças de que o inimigo pudesse temer o avançar-se, recebendo noticia do bom successo que tivemos no dia 28 ; e de que as tropas em Puerto pudessem fazer alguma defesa ; e que, nestas circumstancias, não éra para desejar o divertir Sir Roberto Wilson de Escalona.—Aos 30 porém renovei o meu petitorio ao gen. Cuesta, de que mandasse uma divisaõ Hespanhola, assas forte, escrevendo ao gen. O'Donoghue, uma carta de que incluo aqui a copia ; mas isto não produziu effeito ; e elle não destacou o gen. Bassecourt, senão na manhaã de 2, depois de ter ouvido, que o inimigo tinha entrado em Bejar, e éra obvio que as tropas em Puerto não tinham feito defesa alguma.—Aos 2 recebemos noticia de que o inimigo tinha entrado Placencia, em duas columns.—O Marquez de la Reyna, e seus dous batalhoens, que consistiam somente de 600 homens, e unicamente com 20 cartuxos de munição cada um, se retiráram de Puerto, e de Placencia, sem dar um tiro, e fôram para a ponte de Almaraz,

a qual elle declarou que intentava remover ; os batalhoens de Bejar se dispersáram sem fazer resistencia alguma.— O gen. veio ter comigo naquelle dia, e propos-me, que metade do exercito marchasse para a retaguarda para se oppor ao inimigo, em quanto a outra metade mantinha o posto de Talavera.—A minha resposta foi ; que, se por metade do exercito elle entendia metade de cada exercito, eu só podia responder, que estava prompto ou para ir, ou para ficar com todo exercito Britanico ; mas que o não podia separar. Elle então me pediu que escolhesse se queria ir ou ficar ; e eu preferi o ir, pensando que as tropas Britanicas poderiam concluir este negocio mais efficazmente, e sem contestação ; e porque éra de opiniaõ, que mais a nós do que aos Hespanhoes importava abrir a communicação por Placencia ; ainda que para elles lhes fosse muito importante. O gen. Cuesta pareceo ficar perfeitamente satisfeito com esta decisaõ.—Os movimentos do inimigo, em nossa frente, desde o 1º. do mez me motiváram a opiniaõ de que, havendo elle desesperado de nos forçar em Talavera, intentava romper a passagem por Escalona, e abrir assim a communicação com o corpo Francez, que vinha de Placencia. Esta suspeita foi confirmada na noite de 2, por cartas que recebi de Sir Roberto Wilson, de que incluo copias ; e antes de que eu deixasse Talavera, aos 3, fui ter com o gen. O'Donoghue, e conversei com elle sobre o todo da nossa situação, e lhe notei a possibilidade, no caso de vir o inimigo por Escalona, de que o gen. Cuesta se achasse obrigado a deixar Talavera, antes que eu pudesse voltar a ter com elle ; e instei com elle a que ajunctasse todos os carros que pudesse achar, em ordem a remover o nosso hospital.—Desejou elle que eu puzesse esta conversação por escripto, e lho escrevi em uma carta, que havia ser apresentada ao gen. Cuesta, e de que envio Copia.—O exercito Britanico marchou, aos 3, para Oropezo, estando o corpo Hespanhol do

gen. Bassecourt, em Centinella, onde lhe pedi que fizesse balto no dia seguinte, a fim de que eu lhe pudesse estar proximo.—Perto das 5 horas da tarde, ouvi, que os Francezes tinham vindo de Placencia para Naval moral, onde ficávam entre nos, e a ponte de Almaraz.—Uma hora depois recebi do gen. O'Donoghue a carta, com suas inclusas, de que ajuncto aqui copias, annunciando-me a intenção do gen. Cuesta de marchar de Talavera naquela noite, e deixar la o meu hospital, excepto aquelles homens, que se pudessem remover pelos meios que ja havia ; com o fundamento de seu receio, de que eu não fosse bastante forte para o corpo que vinha de Placencia ; e que o inimigo se vinha movendo sobre o seu flanco, e tinha voltado Santa Olalla na sua frente.—Eu confesso que éstas razoens me não parecêram sufficientes para largar tão importante posto como he Talavera ; e para expor os exercitos combinados a um ataque em frente e na retaguarda ao mesmo tempo ; e para abandonar o meu hospital, assim lhe escrevi a carta, de que incluo copia.—Esta chegou infelizmente ao gen. depois de elle ter marchado, e chegou elle a Oropeso pouco depois de amanhecer, na manhã de 4 —A questão então foi, considerar o que se devia fazer. Dizia-se que o inimigo tinha uma força de 30.000 homens ; mas em todo o caso consistia dos corpos de Sout e Ney, ou unidos, ou pouco distantes um do outro ; e considerados pelo marechal Jourdan, e José Buonaparte como assas fortes, para attacar o exercito Britanico, que se dizia ser de 25.000 homens, estavam de uma parte em posse da estrada, que vai ter á passagem do Tejo em Almaraz ; e eu sabia que a ponte deste lugar se tinha removido, posto que os botes necessariamente estavam ainda no rio. Da outra parte, tinha razão para esperar o avanço do corpo de Victor para Talavera, logo que se soubesse da marcha do gen. Cuesta ; e depois de haver deixado 12.000 homens para vigiar a Vanegas,

dando que nas ultimas acçoens tivessem perdido 10, ou 11.000 homens, este corpo deveria ser de 25.000 homens. Nos somente nos poderíamos desembaraçar desta difficul-tosa situação, por uma grande celeridade de movimento, com o que não podiam as nossas tropas; porque havia alguns dias que não tinham a sua costumada razão de mantimentos; ou pelo bom successo em duas batalhas. Se fossemos mal succedidos em uma dellas ficavamos sem retirada; e se Soutl e Ney evitassem uma acção, e se retirassem diante de nos, esperando a chegada de Victor, ficavamos expostos a uma acção geral com 50.000 homens, e igualmente sem uma retirada.—Nos tinhamos razão de esperar que, como o Marquez de la Reyna não podia remover os botes do rio em Almaraz, Soutl os teria destruido.—Portanto a nossa unica retirada éra pela ponte del Arzobispo; e se marchassemos adiante, o inimigo, rompendo ésta ponte, em quanto o exercito estava empenhado com Soutl e Ney, nos privaria d'este unico recurso. Nos não pudemos tomar uma posição em Oropezo, porque isso deixaria o caminho aberto de Talavera para a ponte del Arzobispo, pela estrada de Galéra; e, depois de considerar com madureza tudo isto, fui de opiniaõ que era prudente retirar-nos pela ponte del Arzobispo, e tomar uma posição defensiva sobre o Tejo.—Resolvi-me a adoptar ésta ultima opiniaõ; porque os Francezes tem agora, pelo menos, 500.000 homens, de que podem dispor, para se opporem ao exercito combinado, e um corpo de 12.000 homens para vigiar Vanegas; e fui taõbem de opiniaõ, que, quanto mais depressa se tomar a linha de defensa, tanto melhor poderaõ as tropas defendella.—Consequentemente marchei aos 4; e cruzei o Tejo pela ponte del Arzobispo, e tenho continuado a minha marcha até este lugar, em que estou bem situado para defender a passagem de Almaraz, e da parte inferior do Tejo. O gen. Cuesta cruzou o rio na noite de 5, e está ainda em

Puente del Arzobispo. Cousa de 2.000 feridos se trouxeram para fora de Talavera, o resto que ficou saõ 1.500, e duvido se, em quaesquer circumstancias, teria sido possivel; ou consistente com a humanidade, o tentar remover mais alguns. Do tractamento, que alguns dos soldados feridos no dia 27, e que cahiram em suas maõs, experimentaram delles, e da maneira em que eu tenho sempre tractado os que tem cahido em minhas maõs; espero que estes homens seraõ bem tractados: e tenho somente de lamentar, que uma nova occurrencia, acontecimentos sobre que, por circumstancias, eu naõ podia governar, tenha posto o exercito em situaçaõ de ser obrigado a deixar atraz alguns delles. Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) ARTHURO WELLESLEY.

Downing Street, 7 de Septembro, 1809.

Receberaõ-se hoje do Tenente General Visconde Wellington, na Secretaria do Visconde Castlereagh despachos, dos quaes o seguinte saõ copias, e Extractos.

Truxillo, 20 de Agosto, 1809.

MY LORD! Eu escrevi ha dias uma carta ao Commandante em Chefe Francez, a qual lhe enviei pelo Tenente Coronel Walters, em que requeria o seu cuidado, e attençaõ aos officiaes, e soldados feridos do exercito Britanico, que cahiram nas suas maõs, em troco do cuidado, e attençaõ, que eu tenho prestado aos officiaes, e Soldados Francezes, que cahiram nas minhas maõs por diferentes vezes; requeria-lhe tambem, que houvesse elle de permittir, que se mandasse dinheiro aos officiaes, e que officiaes, que naõ fossem julgados prisioneiros de guerra, se enviassem a superintendent, e a ter cuidado dos soldados, até melhorarem das suas suas feridas; e entaõ fossem enviados outra vez para o exercito Britanico.

Recebi uma resposta muito attenciosa do Marechal Mor-

tier, promettendo que todo o cuidado, e attençaõ se pres-
taria aos officiaes, e soldados Britannicos, que foram ferĩ-
dos; mas declarando, que elle naõ podia responder aos ou-
tros artigos, que eu requeria na minha carta, sendo obrigado
quanto a elles, a reportar-se ao Commandante em Chefe.

Despois que recebi esta carta, Mr. Dillon, Ajudante-
Commissario chegou de Talavera, tendo sido feito pri-
sioneiro junto a Cevolla a 27 de Julho, antes da acçaõ, e
mandado embora. Elle refere que os officiaes, e soldados
Britanicos, que foram feridos, estaõ consideravelmente
melhor, e saõ muito bem tractados, e ainda melhor nutri-
dos, diz elle, que as tropas Francezas.

Eu pretendo enviar o Coronel Walters com outra ban-
deira parlamentaria a manhaã pela manhaã, e uma carta
ao Commandante em Chefe do exercito Francez, reque-
rendo, que a somma de dinheiro, que eu mandar, seja
dada aos officiaes, e eu buscarei estabelecer quanto antes
um regulamento para trocas.—Tenho a honra de ser, &c.

ARTHURO WELLESLEY.

Lord Visconde Castlereagh, &c. &c.

Truxillo, 31 de Agosto, 1809.

MY LORD!—Quando eu marchei de Talavera a 3 do
corrente, para oppor-me aos corpos Francezes, que, segun-
do ouvi, tinhaõ passado por Puerto de Baños, e chegado
a Placencia, Sir Roberto Wilson foi destacado sobre a es-
querda do exercito, para Escalona; e antes que eu marchas-
se naquella manhaã, o puz em communicaçã com o Ge-
neral Espanhol Cuesta, que segundo o que se tinha esta-
belecido devia ficar em Talavera. Eu ouvi que o Gene-
ral Cuesta, poz Sir Roberto em communicaçã com a
sua guarda avançada, a qual se retirou de Talavera na
noite de 4.

Sir Roberto Wilson com tudo naõ chegou a Valada
até a noite de 4, tendo feito uma longa marcha por mon-

anhas; e como elle estava entaõ a seis legoas da ponte de Arzobispo, e tinha de atravessar a estrada larga, que vai de Oropezo a Talavera, da qual o inimigo estava em posse, concebeo que era ja tarde para se retirar para Arzobispo, e determinou mover-se por Venta S. Juliaõ, e Centinella para Tietar e a travessar o rio juncto das montanhas, que sepáram Castella da Estremadura.

Naõ tendo chegado as minhas maõ alguns dos despachos de Sir Roberto Wilson, naõ me he possivel assegurar por que sitio elle a trevessou as montanhas, mas creio, que por Tornavacus. Elle chegou, toda via, a Baños a 11, e a 12 foi attacado, e desfeito pelos corpos Francezes do Marchal Ney, que com o de Soult, voltáram para Placencia a 9, a 10, e a 11, os de Ney tendo depois hido para Salamanca.

Eu remetto incluza a parte da acção dada por Sir Roberto Wilson. Elle se tem mostrado muito activo, intelligente, e util no commando do corpo Portuguez, e Hespanhol, com que fora destacado deste exercito.

Antes da batalha de 29 de Julho, elle tinha puxado o seu corpo quasi até ás portas de Madrid, com a qual cidade estava communicando; e teria entrado em Madrid, se eu naõ julgasse proprio chamallo, esperando aquella acção geral, que teve lugar a 28 de Julho. Elle inquietou depois o inimigo sobre a direita do seu exercito, e em todo o serviço se mostrou activo, intelligente, que conhecia muito bem o paiz, em que obrava, e que possuia a confiança das tropas, de que tinha o commando.

Estando persuadido que a sua retirada naõ podia effeituarse por Arzobispo, obrou muito bem em tomar o caminho, que tomou, o qual elle muito bem conhecia, e ainda que naõ foi feliz na acção, que teve, o que podia muito bem explicar-se pelo numero superior, e estado das tropas inimigas, a acção, no meu conceito, dálhe grande credito. Tenho honra de ser, &c. &c. &c.

(Assignado) ARTHURO WELLESLEY.

Miranda de Castenar, 13 de Agosto, 1809.

SENHOR—Tenho a honra de informar-vos, que hontem pela manhaã estando em marcha no caminho de Grenadella de Aldea Nueva, a fim de restaurar a minha communição com o exercito Alliado, um paisano nos segurou, que uma consideravel quantidade de poeira, que nós percebemos na estrada de Placencia, procedia da marcha de um corpo do inimigo.

Immediatamente eu voltei, e tomei posto defronte de Baños, com os meus piquetes avançados para Aldea Nueva, escolhendo aquelles pontos de defeza, que a urgencia do tempo permittia.

A cavallaria do inimigo se avançava pela estrada larga, e repellio os meus pequenos postos de cavallaria ; mas um piquete de infantaria Hespanhola, que eu tinha escondido, fez um fogo firme, e bem dirigido sobre a cavallaria, que matou, e ferio muitos.

Os duzentos Hespanhoes de infantaria avançados para Aldea Nueva, continuavam, debaixo da direcção do Coronel Grant, e seus officiaes, a manter o terreno com muitissima intrepidez, até que a cavallaria do inimigo, e os caçadores de cavallo em corpos consideraveis, apparecêram em ambos os flancos, quando foraõ obrigados a retirar-se.

A cavallaria do inimigo, e os caçadores de cavallo se avançavam em grande numero, em todas as direcçoens, e puxavam para cortar a legião postada entre Aldea Nueva, e Baños; mas pela firme conducta dos officiaes, e soldados, o inimigo pode apenas avançar pouco, e com grande perda pelo fogo exceivo, que se fazia sobre elles.

Com tudo, havendo o batalhaõ de Merida, cedido sobre a direita, abrio-se um caminho, que cortava por detraz a nossa posição, e fui obrigado a ordenar a retirada para as alturas acima de Baños, quando me vi na precizaõ outra vez de destacar um corpo, a fim de explorar o caminho de Monte Major, pelo qual vi o inimigo derigindo uma

columna, o qual caminho voltava inteiramente para Puerto de Baños, uma legoa na nossa recta-guarda.

Neste tempo, Don Carlos Marquez de Estragne chegou com o seu batalhaõ de infantaria ligeira, e na mais intrepida maneira se postou ao longo das alturas, que commandavam o caminho de Baños, o que fez com que eu enviasse alguns do batalhaõ de Merida sobre a montanha, que á nossa esquerda dominava a estrada principal, e que o inimigo tinha pretendido subir.

O batalhaõ de infantaria ligeira, o destacamento da legião sobre a sua direita continuavam, a pezar do fogo de artilheria, e musqueteria do inimigo, a manter seu terreno, ás seis da tarde porem, tres columnas do inimigo montáram a altura á nossa esquerda, tomáram-na, e fizeram tal fogo sobre as nossas tropas em baixo, que a defeza não foi mais possivel, eo todo foi obrigado a retirar-se para as montanhas sobre a nossa esquerda, deixando aberta a estrada principal, por onde se espalhou immediatamente uma columna consideravel de cavallaria.

O batalhaõ de Sevilha tinha sido deixado em Bejar com ordens de seguir-me ao outro dia; mas quando eu fui obrigado a voltar, e acção commenço, ordenei que fosse para Puerto de Baños, para bater a estrada de Monte Major, e as alturas na recta guarda da nossa esquerda.

Quando a cavallaria do inimigo, se approximou, um official, e alguns dragoens gritáram ao commandante, que se entregasse, mas uma descarga o matou, e ao seu bando, e o batalhaõ continuou desde logo a subir as alturas, no qual movimento elle foi atacado, e cercado por uma columna de cavallaria, e outra de infantaria; o que não obstante elle rompeo, e abriu caminho, matando muitos do inimigo, principalmente da sua cavallaria.

O inimigo está passando agora com grande pressa para Salamanca. Sinto não ter podido por mais tempo embaraçar seus progressos, mas quando se considerar a

a enorme superioridade das forças do inimigo, e que nos não tínhamos artilheria, que Puerto de Baños pelo lado da Estremadura ; não hé um passo tão forte como pelo de Castella, especialmente sem peças, espero que uma resistencia de nove horas, que custou ao inimigo muitos homens, não se julgará desproporcional aos nossos meios. Eu tenho a reconhecer os serviços que nesta occasião me fizeram o Coronel Grant, o Major Reiman, Don Fermén Marquez, o Ajudante Maior dos dragoens de Pavia, o Cap. Carlos, e Mr. Bolman; e a exprimir a mais alta approvação de duas companhias dos battalhoens de Merida, avançadas na frente, e do official Commandante da soldadesca dos battalhoens de Sevilha, e da brigada Portugueza. Tenho ja noticiado a distincta conducta de Don Carlos, e o seu battalhão merece os mais altos louvores. Ainda não tenho podido colligir o montante da nossa perda. Pela qualidade de guerra, que se faz nas montanhas, faltaõ muitos homens, que não podem ajunctar-se por um, ou dous dias, mas eu creio, que o inimigo terá só que gabar-se de haver effectuado a sua passagem, e os seus mortos, e feridos seraõ uma grande diminuição da sua victoria.—Tenho a honra dê ser, &c. &c. ROBERTO WILSON.

Sir Arthuro Wellesley, &c. &c.

Truxillo, 21 de Agosto, 1809.

O General Cuesta moveo o seu quartel-general das vizinhanças da ponte de Arzobispo, na noite de 7 do corrente, para Peraleca de Garbin, deixando uma guarda avançada a qual consiste de duas divisoes de cavallaria do Duque de Albuquerque, para defeza da passagem do Tejo neste posto.

A cavallaria Franceza passou o Tejo a váo logo acima da ponte, á hora e meia da tarde do dia 8 do mez, e surprendeo esta guarda avançada, a qual se retirou, deixando

atrás de si todas as suas peças de artilheria, assim como as das baterias construídas para a defesa da ponte.

O General então moveu o seu quartel-Generál para Meza de Ibor, na tarde de 8, tendo a sua guarda avançada em Bohoral. Elle deixou o commando do exercito a 12 (em razão do máo estado da sua saude,) que se devolveo ao General Equia. O Quartel General do exercito Hespanhol está agora em Deleitosa.

Parece que o destacamento do exercito de Venegas teve alguma vantagem sobre o inimigo n'um ataque que teve com elle nas vizinhanças de Aranjuez, a 6 do corrente. O General Venegas estava então em Ocaña, e tinha determinado retirar-se para a Serra Morena, e depois de 5 moveu-se n'aquella direcção. Voltou, contudo, para Toledo na idea de atacar o inimigo a 12, mas a 11 o inimigo o atacou com os corpos de Sebastiani, e duas divisões de Víctor, nas vizinhanças de Almoracial. A acção parece ter durado algumas horas, mas os Francezes tendo a final ganhado vantagem sobre a esquerda do General Venegas, este foi obrigado a retirar-se, e estava a ponto de recobrar a sua posição na Serra Morena.

A 9, 10, e 11, grandes destacamentos das tropas Francezas, que tinham vindo de Placencia, voltaram para aquelle quartel, e a 12 atacaram, e desfizeram Sir Roberto Wilson em Puerto de Baños, na sua volta para Salamanca.

Parece agora que as forças Francezas nesta parte da Hespanha estão distribuídas da maneira seguinte.— O corpo do Marechal Victor esta dividido entre Talavera, e La Mancha; o do Marchal Mortier em Oropeso, Arzobispo, e Naval moral; o do Marchal Soult em Placencia, e o do Marchal Ney e Salamanca.

Falta de provisões, e os tristes effeitos, que della resultão, me obrigaram a retirar para as fronteiras de Portugal, a fim de refrescar as minhas tropas. Nos meus primeiros despachos informei a V.^a Senhoria do aperto, em

que nos viamos por falta de provisoens, e meios de transporte. Estas faltas, que foraõ a cauza da perda de muitas vantagens despois de 22 de Julho, as quaes se fizéram saber ao Governo, e que foram effectivamente conhecidas por elle a 20 de mez passado, ainda existem em gráo mais adiantado. Nestes termos determinei sahir, a 20, de Jarai-seco onde eu tinha o meu quartel general desde 11, com os postos avançados no Tejo junto á ponte de Almaraz, e a recuar sobre as fronteiras de Portugal, aonde espero que serei supprido de tudo quanto precizo.

*America.**Proclamação do Presidente dos Estados Unidos.*

Por quanto, em consequencia de uma communicação do Enviado extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade Britanica, declarando que as Ordens Britanicas em Conselho, datadas de Janeiro, e Novembro de, 1807, se revogariaõ no 10º de Junho passado; e em virtude da authoridade concedida, em tal caso, pela secção 11ª do Acto do Congresso, intitulado “ Acto de prohibição de correspondencia commercial entre os Estados Unidos, a Gram Bretanha, França, e suas dependencias, e para outros objectos.” Eu Jacob Madison, Presidente dos Estados Unidos, publiquei a minha Proclamação com data de 19 de Abril ultimo, declarando que as dictas Ordens em Conselho haviam de ser revogadas effectivamente aos ditos 10 de Junho, despois do que se renovaria o commercio suspendido por certos Actos do Congresso immediatamente. E por quanto se me fez agora officialmente saber, que as ditas Ordens em Conselho não tem sido revogadas, conforme a communicação, e declaração dictas. Eu por ésta proclamo o mesmo, e consequentemente o commercio renovavel no caso da revogação das dictas Ordens, deverá considerar-se como debaixo da operação dos diversos Actos, pelos quaes o dicto commercio foi suspendido.

Dada sob meu signal e Selo dos Estados Unidos, na Cidade de Washington, aos 9 de Agosto do anno de nosso Senhor mil oito centos, e nove, e da Independencia dos Estados o tregessimo quarto.

(Assignado)

“ JACOB MADISON.

“ R. SMITH, Sec. d'Estado.

LITERATURA E SCIENCIAS.

Analyse do folheto intitulado os pedreiros livres e illuminados, &c. Continuada de p. 149.

ALEM da doçura de costumes, que traz com sigo o multiplicado concurso das sociedades particulares, podem éstas considerar-se em outro ponto de vista naõ menos interessante. Nenhum governo, em nação alguma, se poderia encarregar da administração immediata de todas as cousas que contribuem para a prosperidade nacional; isto he, se o governo de uma nação quizesse cultivar por sua conta todas as terras de cultura; fazer só por sua conta todo o commercio; possuir a propriedade de todas as fabricas, &c. essa nação cahiria em tal apathia, que os homens viviriam mais como carneiros em um rebanho, do que como cidadãos industriosos. Ha porém muitos ramos, que naõ podendo ser bem administrados por individuos, nem sendo conveniente que o governo se encarregue delles, fazem que as sociedades particulares sêjam, neste caso, de absoluta necessidade, para a prosperidade nacional. Taes saõ os ramos de commercio em que se exigem grandes capitaes; taes saõ as sociedades de agri-

cultura, que pela reunião das experiencias de muitos se podem fomentar os melhoramentos nesta importante parte da industria humana: as sociedades para promover sciencias &c. &c. As sociedades particulares servem alem disto de augmentar as relações de amizades, e parentes-cós, augmentando assim, no cidadão; o amor da Patria, de que dependem os serviços que ella deve esperar dos individuos.

Apenas seria possível responder ao A. nas suas accusações vagas e sem raciocinio; e por tanto lembrarei eu mesmo os argumentos, que se produzem contra a sociedade dos Framaçons, em particular. Dizem alguns, que posto a sociedade dos Framaçons não seja em si má; com tudo se deve prohibir como inutil; outros porém dizem, que não só he inutil mas pernicioso. Examinemos a primeira.

A utilidade da sociedade dos Framaçons, ou se pode considerar relativamente á nação, ou relativamente aos individuos, membros da sociedade. Se a considerarmos pela utilidade que della pode resultar á nação, não pode chamar-se inutil; visto que fica provado que todas as sociedades particulares, que não são para maos fins, são uteis; porque augmentam a sociabilidade entre os homens, pulem os costumes, e fomentam as virtudes patrioticas, e ainda algumas moraes; Quanto á utilidade dos socios em particular; ainda que somente um Framaçon possa avaliar ao justo as utilidades que lhe resultam de pertencer á sua ordem, com tudo ainda quem não sabe do interior da sociedade pode ajuizar que os socios tiram della proveitos immediatos: he publico, por exemplo, que a sociedade se encarrega da educação e arrumação dos orfaõs dos seus membros, que necessitam deste amparo; e que os membros mais ou menos se entre soccorrem uns aos outros; logo isto são proveitos immediatos, e mui attendiveis.

Mas vejamos a opinão dos que seguem que a sociedade dos Framaçõs he, alem de inutil, pernicioso. Todos os adversarios da maçonaria são obrigados a fundamentar as suas accusaçõens em conjecturas; porque a natureza occulta da mesma sociedade faz com que não possam ter provas. O primeiro argumento he que, supposto as sociedades particulares sêjam uteis á nação, ésta regra he inapplicavel aos Framaçõs; porque estando dispersa por todo o mundo, não se pode dizer que pertença a ésta ou aquella nação. A soluçãõ desta duvida he obvia, porque aquella parte da sociedade, que existe na nação, a ella pertence. Sirvanos de exemplo uma sociedade literaria. A Academia Real das Sciencias de Lx^a. tem socios em muitos paizes estranhos, os quaes taõ bem são socios de outras sociedades particulares de seus respectivos paizes; mas disso ninguem deduz, que sêjam menores as vantagens que a literatura Portugueza recebe da Academia, antes por isso seraõ maiores.

Outro argumento he que se não sabe que a sociedade dos Framaçõs se empregue em objectos de utilidade commum: mas não entendo como disto se possa deduzir por consequencia, logo ella he pernicioso; porque a ignorancia do publico a respeito dos seus uteis, não da direito a concluir que seja má; quanto mais que ja fica demonstrado que ella he util, quando não fosse por outro motivo, so porque he sociedade.

Objecta-se tambem que he occulta; e da qui se infere a maior parte dos argumentos contra os Framaçõs. Sobre isto he mui notavel o que diz o celebre Hespanhol Feijoo, no seu theatro critico; na verdade este argumento he mais contra os accusadores do que contra os accusados. Feijoo, um author mui christão, Catholico Romano, e Jesuita, mui estimado dos seus collegas, he reputado em toda a Europa por sabio de Hespanha; admira-se, que se prohiba a sociedade dos Framaçõs, só por que os que a prohibem ignó-

ramo que ella he : de maneira que o crime de que se accusam os Framaçons he a ignorancia dos accusadores. Os procedimentos de todas as sociedades saõ sempre mais ou menos occultos para as pessoas estranhas ; isto he que naõ pertencem á corporaçãõ ; e naõ ha cousa mais vulgar nem mais racional do que a exclusãõ de pessoas estranhas, quando os membros de qualquer sociedade, se ajunctam para tractar negocios, que saõ relativos á mesma sociedade ; acontece isso até nas confrarias ou irmandades devotas, que ha em todas as igrejas ; e, ainda mais, em todas as sociedades ha certos negocios, em que naõ intervem todos os socios ; tal he por exemplo em uma companhia muito numerosa de commercio, como a das Indias em Inglaterra, ou de Hollanda, onde o estado actual dos fundos custuma ser um segredo, que nunca sahe para fóra do pequeno numero dos socios, que saõ os directores da companhia. E sendo isto taõ commum so a falta de reflexãõ pode fazer extranhavel nos Framaçons o que he practicado por todas as corporaçõens. He verdade que umas sociedades saõ mais escrupulosas que outras em occultar os seus negocios, e a sociedade dos Framaçons parece ser a mais escrupuloza neste artigo ; mas se em geral o costume se naõ reputa máo, tambem o grão naõ pode alterar a moralidade da açãõ. Até um pay de familia naõ tracta os negocios de sua caza ante estranhos, e ésta cautella só lhe chama crime a vizinha curioza, que se offende desta prudencia, sem outro motivo que o de naõ poder satisfazer á sua impertinente curiosidade.

Alguns pois que levam a conjectura mais longe ; dizem que d'esta sociedade ser secreta resulta o perigo de que se tramem nella conspiraçõens contra o governo. E pois isto he mera conjectura, devemos examinalla pelos principios da saã critica.

A necessidade de um governo nas sociedades civis he verdade taõ evidente, e taõ geralmente recebida, que ainda

naõ houve um só escriptor que a contra dissesse seriamente. Como he pois de presumir que os Framaçõs adoptem taõ absurdo principio, como he naõ querer governo algum? He uma regra de hermeneutica que tanto mais improvavel for o facto que se imputa a alguem, tanto maiores provas se requerem; e contra os Framaçõs se produz uma accusação de conspirarem contra todos os governos, e a unica prova he uma conjectura, deduzida unicamente da ignorancia dos accusadores, de naõ saberem o que se tracta na sociedade.

Mas dîraõ, se he absurdo, que uma sociedade regular qualquer, e a que pertencem muitos homens de conhecido bom senso, conspire contra todos os governos, naõ envolve absurdo que os Framaçõs, como corporação, sêjam oppostos a ésta ou aquella forma de governo: por exemplo que sêjam monarchomacos. He verdade que esta accusação assim limitada naõ envolve absurdo, mas isto naõ basta para a fazer bem fundada: tracta-se he verdade de um facto, que naõ envolve absurdo, logo he possivel mas isso naõ prova que existe. Neste caso temos ainda mais argumentos de conjectura, com que pode provar-se a improbabilidade da accusação; porque em todos os Estados do Europa Monarchicos, aristocraticos, democraticos, mixtos &c. se acham estabelecidas loges de Framaçõs, fazendo as suas assembleas mais ou menos publicas segundo as circumstancias lhes permitem; agora he necessario ver contra qual destes governos se dirige o odio dos Framaçõs; porque se em toda a parte os accusam de conspirar contra o governo; cahimos no absurdo de que elles saõ contrarios a todas as formas de governo. Deixemos pois as outras formas de governo, e examinemos simplesmente se he provavel que os Framaçõs sejam antimonarchicos por principio, visto que esta accusação he justamente a que importa mais em Portugal.

Todos sabem que a maior parte dos Estados da Europa, mais consideraveis, são regidos por governos monarchicos; e he igualmente manifesto, que em todos elles ha Framaçons estabelecidos, e com as suas assembleas determinadas; em umas partes approvadas expressamente pelo monarcha, em outras publica e manifestamente toleradas: só se exceptuam desta regra Portugal, Hespanha, e a pequena porção de Italia que occupa o Estado ecclesiastico. ¿ Como he logo possivel, que todos os Monarchas das mais illuminadas Naçoens da Europa consentissem e até approvassem, nas suas monarchias respectivas esta sociedade, se os seus principios fossem antimonarchicos?

As perseguissoens que em alguns Reynos se tem suscitado contra os Framaçons, tem indubitavelmente produzido maior credito a ésta sociedade; porque se tem concluido por permittir a existencia desta ordem. Isto prova que os Monarchas e governos que assim obráram, não ficávam consentindo os Framaçons nos seus Estados, por descuido ou falta de prevençãõ, mas que o fizéram com conhecimento de causa. Um exemplo notavel disto he a perseguição que soffrêram os Framaçons em Inglaterra, em tempo de Henrique I.; e que se acha em um celebre manuscripto conservado na biblioteca Bodleyana, em Oxford. Este manuscripto que mereceo ao celebre philosopho Locke, um commentario mui erudito; prova que depois de um circumspecto exame judicial de um Framaçõ, perante El Rey, ficou a sociedade permittida: os interrogatorios estão feitos com summa miudeza, e parece que se escolhêra para ser perguntado um homem de instrucçãõ. Esta inquiriçãõ foi tanto mais util aos Framaçons, quanto foi exacta, e circumspecta, porque desde esse tempo, nunca mais foram inquietados os Framaçons em Inglaterra; há mais de seis seculos.

Em 1746 se instiuo contra os Framaçons uma perseguiçãõ em Alemanha nos Estados do Imperador; principiou

a indagação não só com vigor ; mas até com symptomas de espirito de partido ; e não obstante isto acabou com a tolerancia expressa da ordem dos Framaçons nos Estados do Imperador ; assim como ja acontecia em todo o resto da Alemanha.

O Barão de Bielfeldt, nas suas *Instituicoens Politicas*, mostrando que a policia tem direito de examinar e prohibir as associaçoens cujos fins se ignóram diz expressamente que isto não deve comprehender a sociedade dos Framaçons, aque faz um decidido elogio.* O pezo desta authoridade se conhecerá bem, considerando, que ésta obra de Bielfeldt he considerada um primor em seu genero ; e que seu author a dedicou á Imperatriz Catharina de Russia ; e o Barão de Bielfeldt, não faria similhante asserção em uma obra dedicada a uma Soberana, se pensasse haver nesta sociedade principios antimonar-chicos.

Concluirei pois ésta analyze, que se alargou mais do que eu intentava, notando ao author, segundo minha promessa, que as melhores obras que se tem publicado contra os Framaçons, são o—*Framaçon ecrasée* ; e Robertson, *Proofs of a Conspiracy*. Barruel, ja o author o conhece, mas he tal o despreço em que todos os homens sensatos tem ésta obra, que apenas merece citar-se. A favor dos Framaçons, poder-se-ha ver Preston — *Illustrations on*

* Eis aqui as suas palavras fallando dos Framaçons (Part i. cap. vii. § 31.) “ Il ne faut pas cependant comprendre sous cette regle les loges des Francs Maçons. Cet odre est repandu par toute la terre : il subsiste depuis bien des siecles dans les pays les plus police's, il ne s'est jamais ingéré dans les affaires d'Etat ; il n'a jamais fait que du bien a la Republique, et a ses Citoyens ; il y a tant de Souverains, tant de Grands, tant de Magistrats, tant d'Ecclesiastiques qui sont Membres de cette Societé, que l'Etat ne peut rien craindre de ces assembleés, mais au contraire beaucoup de Sujets, e sur-tout beaucoup de pauvres n'ont que du bien á en attendre.”

Masonry. Banier *Moeurs Religieuses de tous les peuples du Monde.*

Historia Geographica, Natural, e Civil do Chili por D. Ignacio Molina.

Esta obra, cujo original he Italiano, appareceo agora traduzida, em Inglez, nos Estados unidos da America, com notas da versao Franceza, e Hespanhola; e um appendiz, em que se acham copiosos extractos do Arancana de D. Alonzo de Ercilla. As obras de que se tracta appareceram em Bolonha, uma em 1782 com o titulo de *Saggio Sulla Storia Naturale del Chili*, e outra em 1787; intitulada *Saggio Sulla Storia Civile del Chili*. Estas obras haviam ja sido traduzidas para o Hespanhol, e Francez antes de apparecer agora em Inglez; seu author um ex Jesuita, he natural do Chili, e por tanto uma authoridade respeitavel em todas as materias de facto. Assim como Clavigero, que escreveu a historia do Mexico, seu paiz natal; e Viscardo um natural do Peru, de quem ja fizemos mencao como author; he Molina uma prova de que os Americanos sao capazes de pensar e de escrever; e como naturaes daquelle paiz deviam ter meios de se informar de muitas particularidades, que necessariamente haviam escapar aos Authores Europeos, que tem dado a luz obras sobre a America.

O celebre Review de Edinburg, fez-lhe mui judiciosas observaçoens, e vai a publicar-se outra edicao em Inglaterra. No momento em que a confusao da Europa faz voltar os olhos de todos para o vasto continente da America onde parece offerecer-se um azylo aquelles, que escaparem da conflagrao geral; nao podia deixar de ler-se com interesse uma obra desta natureza.

Por occasiao disto entram os Revisores na theoria do provavel successo, que terao os negocios politicos da

America Septentrional; e achamos que não seria desagradavel aos nossos leitores no Brazil o ser informados do que aqui se pensa sobre seus vizinhos; e pedimos venia para dar a razão que nos obriga a desviarnos, em algumas pequenas cousas, da opiniaõ daquella celebre Revisaõ. Eis aqui o primeiro paragrapho dos Revisores, com que não podemos em todo concordar.

“ Não ha na nossa historia (dizem elles a p. 865, do N.º. XXIII,) periodo algum em que não se suppozesse um acontecimento digno de enumerar-se entre os maiores, que o curso dos negocios humanos podia produzir; a emancipação da America Hespanhola, e a mudança daquelle obscuro, zeloso, e incluso governo, que vigia sobre as suas colonias como um tyranno Asiatico sobre o seu serralho: que teme a chegada de um mercador como se fosse um inimigo, e fecha á communicação do Mundo uma taõ grande e bella porção do globo. He disso prova, e esforço que ésta nação tem continuadamente feito para obter, ao menos uma pequena parte, nas vantagens que a communicação com aquelle paiz parecia poder segurar; e estes forços se acham proseguidos desde as romanticas aventuras de Sir Walter Raleigh, até as recentes transacçoens de Sir Home Popham, e do General Whitelocke. —He disso prova a importancia que, por toda a historia do commercio Britanico, achamos que sempre se deo ao negocio de Contrabando com a Terra firme Hespanhola— e contracto que com tanta instancia se firmou no tractado de Utrecht—o interesse com que se tem mantido a questãõ do direito que tem os Inglezes de cortar na bahia de Campeche o páo daquelle mesmo nome. He prova disso a companhia do Mar do Sul, que absorbeo a taõ alto grão a attençaõ da nação. He prova a importancia que recentemente se deo á disputa sobre o miseravel pedaço de terra do estreito Nootka, e á maior importancia que se deo haverá 50 annos á posse das ilhas de Falkland; e o

pezo que se attribuiu á da Trinidad, quando se ajustava o tractado de Amiens.”

Mas se jamais a communicacão com a America do Sul foi justamente avaliada de importancia real para este paiz deve conceder-se que essa importancia se tem augmentado em razão decupla, pelas extraordinarias circumstancias, em que os extraordinarios acontecimentos dos ultimos dez annos, tem involvido as naçoens da Europa.”

Os Revisores coméçam o parographo por uma justa accusação ao governo Hespanhol, relativamente ao zelo com que prohibiam aos estrangeiros o negociar em suas colonias ; mas, éram, ou saõ, os Inglezes exemptos deste erro a respeito das suas ? A administracção das colonias Inglezas, assimilhando-se ao governo da metropole he summamente melhor que a das colonias Hespanholas ; mas ésta não he a questaõ: tracta-se do erro de excluir os estrangeiros ; neste caíram todas as naçoens Europeas ; e parece, que pede a justiça não fazer isto peculiar aos Hespanhoes.

Tambem nos não parece, que nos periodos passados da historia Ingleza se acham muitas provas dos desejos desta nação em emancipar as colonias de Hespanha ; e os exemplos que os Revisores alegam, quanto a nós, tendem mais a provar que os Inglezes se queriam aproveitar da exclusão dos de mais estrangeiros nas colonias Hespanholas, para serem elles sós os admittidos, do que fomentar a emancipação da quelles paizes, e a sua erecção em um Estado independente. Nas circumstancias actuaes porém a couza muda ; e convimos com os Revisores de que he o interesse, e talvez o desejo da Inglaterra essa emancipação. Eis aqui o que elles dizem a este respeito.

“ Supponhamos, que, no estado presente de embarço e susto em que nos achamos, a America Meredional nos apresentasse um prospecto tão infecundo de esperanças, como nos apresenta a Europa : que, infatuados com a superstição de sua Religião exclusiva, e de seu governo ex-

clusivo, os habitantes regeitávam e abjurávam toda a comunicação com herejes, ou com homens livres, e que nos expulsávam de suas praias, como ja fomos expulsos, por aquelles que os governávam ; quam profundamente não deplorariamos nos ésta desventura? Quam alto avaliariamos nós então estes vastos recursos, eo tão justo petitorio do novo mundo, se nos fosse prohibido obter o accesso a estas proveitosas emprezas, ao momento em que o continente da Europa parece fechar-se ás nossas esperanças! Antigamente, quando a emancipação da America Hespanhola, de um governo oppressivo, e humilhante, éra contemplada entre o numero dos acontecimentos desejaveis; a superstição dos habitantes, o seu odio dos hereges, o seu afferro cego mesmo ao governo que os opprimia, parecia erigir obstaculos invenciveis, e éram lamentados como motivos ou causas que excluam a aceitação de adjutorio do unico governo que éra assas liberal, e sufficientemente poderoso para lho offerecer. Pela feliz influencia dos conhecimentos, e successos, ésta superstição tem diminuido; e uma variedade de causas tem contribuido a enfraquecer a cadêa que atava estas colonias á sua metropole; cadea, que agora se pode suppor quebrada, e impossivel o reunilla outravez. Os habitantes do novo Mundo estendem os braços aos habitantes das ilhas britannicas, pedindo o seu auxilio na hora da necessidade; e offerecendo-lhe em retribuição, os mais illimitados prospectos de vantagens, que ja mais nação alguma teve em seu poder offerecer a outra.”

“ ; Como he então possivel, perguntará alguém, que um estado de cousas, que, em quanto se não podia obter, era o objecto de tão anxiosos esforços, excite tão pouca actividade para tirar partido delle; agora que espontaneamente occureo? A verdade he que o nosso odio, e o nosso temor da França nos não deixa lugar para outro sentimento; e que a proximidade, e interesse immediato

de nossas manobras diarias contra ella, nos impede o descortinar a importancia superior, até como medida de defesa ou hostilidade, da grande e facil empreza, a que se nos convida em outro hemispherio.

“ A importancia da America do Sul, ainda somente indicada pela sua extençaõ e situaçaõ no mappa do globo, fere os olhos de todos; mas a idea desta importancia he ainda mui imperfeita, em quanto ficam por examinar a extençaõ de seus recursos phisicos e moraes. Entre os papeis de Viscardo havia um, que infelizmente naõ está ao nosso capto, em que se achava uma dissertação sobre a populaçaõ dos dominios Hespanhoes, no Continente da America: nesta dissertação por muitos documentos interessantes, e por deduçõens racionaveis, se achou elle authorizado a estabelecer o numero de habitantes em naõ menos de 18:000.000.”

Temos em nossas maõs um documento mui curioso sobre a populaçaõ da nova Hespanha, que julgamos mui digno de ser communicado ao publico; naõ somente por causa da informaçaõ directa que contem, mas pelos dados que nos offerece para tirar-mos delles conclusõens, relativamente ás outras partes dos dominios Americanos. He este documento uma carta de Clavigero o celebre author da historia do Mexico, escripta da Italia a Viscardo, que entaõ estava em Londres, em resposta a certas perguntas, que este sugeito fez a Clavigero; e ao resto de seus confrades na Italia. Nos podemos afiançar a authenticidade desta carta, eisaqui a traducçaõ.

Perguntas.

1ª. Qual será o numero, pouco mais ou menos, dos Indjos vassallos da coroa de Hespanha, nas tres Audiencias de Mexico, Guathemala, e Guadalaxara?

2ª. Qual será o numero total de habitantes de todas as classes, nestas tres Audiencias?

Resposta.

Não se pode dar a estas perguntas uma resposta cabal; porque não temos documentos escriptos a respeito do numero de Indios ou outros habitantes, no districto de Guathemala, nem individuo algum, que nos possa informar sobre isto de seu proprio conhecimento. Quanto á Audiencia de Guadalaxara ha circumstancias bastantes por escripto de algumas partes, mas não que bastem para que possamos trilhar em terreno conhecido, relativamente ao todo. A unica cousa sobre que podemos pronunciar com certeza he o que diz respeito ás quatro dioceses, comprehendidas na Audiencia de Guathemala, duas, que são as de Nicaragua e Honduras, são mal povoadas; o archiepiscopado de Guathemala he extenso, e povoado, e o numero de Indios he excessivo; no bispado de Chiapa, ainda que a população não corresponde com a extensaõ, com tudo tem povoaçoens mui numerosas. No bispado de Yucatan o numero dos Indios he mui grande. A Audiencia de Guadalaxara, que he a maior em extensaõ territorial, contem igualmente quatro dioceses ecclesiasticas; a saber, Nova Galiza, Nova Biscaya, Nova Leaõ, e Nova Sonora; nestas, ainda que a população he muito inferior á sua vasta extensaõ, com tudo contem muitos centos de mil almas. Os missionarios, que os Jesuitas ali empregáram, nos asseguraram que ha perto de duzentas povoaçoens de Indios; alem de 100.000 Neophitos. Na Audiencia de Mexico se comprehendem as quatro dioceses de Mexico, Puebla, Mechoacan, e Nuaxaca, bem povoadas. D. Joaõ de Villa, Recebedor geral do azougue real, publicou em Mexico, em dous volumes em folio, nos annos de 1746 e 1748 uma descripção dos paizes pertencentes ao Vice Reynado de Mexico; e nesta obra, escripta por ordem de Philipe V. se exhibem as circumstanciadas relaçoens, a respeito da população. Conforme a estas contas, acham-se, nos quatro bispados, perto de 4:000.000 de

habitantes de todas as classes ; mas eu não duvido, que excedem, e não pouco, este numero ; 1º. porque o dicto author, em varias provincias, somente nos dá o numero de habitantes junctos em comunidades ou aldeas, não incluindo os que vivem dispersos nos campos, e que são numerosissimos. 2º. porque elle nos dá somente conta das relações que lhe fizeram os Alcaldes Mores, cujo interesse éra fazer apparecer, o menor que fosse possível, o numero de tributarios.

He verdade que a Audiencia manda algumas vezes ás provincias certos commissarios, chamados Contadores de Indios, porque tem a seu cargo contar os tributarios, e informar-se se as contas dadas pelos Alcaldes Mores são correctas ; mas taõbem he certo que estes estaõ de intelligencia com os contadores, e daõ as maõs uns aos outros para acutelar a descuberta ; por tanto podemos sem temeridade concluir, que o verdadeiro numero dos tributarios excede, um decimo pelo menos, o numero, de que os Alcaldes Mores daõ conta. O Doutor Eguiara affirma, no primeiro volume da Bibliotheca Mexicana, impressa em Mexico em 1775, que a diocese de la Puebla somente contem milhaõ e meio de habitantes, Quem conhece este grande homem, sabe que elle he incapaz de affirmar tal cousa sem ter boas razoes para estar seguro de sua verdade. A diocese de Mexico contem, sem duvida, taõ grande população como a de Puebla ; e consequentemente podemos crer que éstas dioceses, tomadas so de persi contem mais de tres milhoens. As de Mechoacan e Huaxaca saõ taõ bem provadas, que nenhuma pessoa que tem viajado por ellas terá duvida de que a população de ambas tomadas junctamente excêdam consideravelmente a do Mexico só de persi. De tudo isto podemos mui prudentemente inferir, que a Audiencia do Mexico, separadamente, contem de quatro e meio a cinco milhoens de habitantes. A respeito das outras duas Audiencias ; ainda que não te-

nhamos a respeito dellas tanta informação, como a respeito da do Mexico, estamos com tudo persuadidos de que não nos enganamos computando dentro do territorio das tres Audiencias, uma população de oito milhoens de christãos, vassallos da coroa de Hespanha. Deste numero mais da terça parte são Hespanhoes, Creolos, Mistiços, e Mulatos; as outras duas partes são Indios.

“ Mr. Pinkerton (continûam os Revisores) fundando-se na authoridade de uma colleção de viagens, novamente publicada em Madrid, intiulada *El Viagero Universal*, de cuja obra elle diz, que os unicos volumes dignos da attenção de um leitor intelligente são os que dizem respeito á America Hespanhola, ainda que não de as razoens de nos fiarmos no author, *Estalla*, mais nesta parte do que nas outras da uma conta bem differente. ‘ O mesmo author, diz elle (*Estalla*) observa, que ainda que elle não pudesse obter informações exactas, a respeito da população da Nova Héspanha, com tudo, pelas mais inteligentes computações ha na Intendencia do Mexico 1:200.000 almas; incluindo 140.000 na Cidade. E pela proporção entre esta provincia e as outras; assim como pelos mais bem fundados calculos, se pode suppor que ha, em todo o Reyno tres milhoens emeio de habitantes*. Façamos algumas comparações. Pelas contas officiaes, que se déram ao Recebedor geral em 1748, e que Mr. Pinkerton, e sua authoridade, parece ignoravam inteiramente, a população da Audiencia de Mexico éra de perto de 4:000.000; representando Clavigero ésta mesma população, com bons fundamentos, acima de 4:500.000; quando *Estalla*, não sabemos porque authoridade a avalia a 1:200.000. A cidade do Mexico dis *Estalla* contem 140.000 habitantes. Mas deveria saber de Raynal, que, em 1777, o numero de nascimentos chegou a 5.915, e o dos mortos a

* Pinkerton Mod. Geog. v. iii. p. 162, 2ª. Edic.

5.011, d'onde se pode concluir que a sua população deve andar perto de 200.000 almas. Esta conta se refere somente ás 14 parochias da cidade, sem incluir os seus extensos suburbios, e a immensa população que os habita. Temos diante de nos um almanack do Mexico do anno de 1802 de que transcreveremos o numero dos casamentos, nascimentos, e mortes das 15 parochias dentro da cidade."

O resumo disto he 948 casamentos, 6.155 nascimentos, e 3.591 mortes, donde se vê que ha um excesso de nascimentos ás mortes de quasi o duplo ; e daqui concluem os Revisores com muita razão que o Mexico deve ser um dos mais saudaveis lugares do Mundo ; e dá isto uma população de 295.440 almas ; o que se conforma ao que diz Alcedo (no seu Diccionario Geographico Historico de las Indias Occidentales, na palavra Mexico) que avalua a população da cidade do Mexico, e suburbios em mais de 350.000 almas.

Os Revisores dilatáram-se sobre a população do Mexico, de que tinham alguns dados, para argumentar daqui a respeito das outras provincias da America do Sul, pois a população de que elles tractam he toda ao norte do isthmo de Panama ; assim, dizem elles, que suppondo todas as mais provincias do Peru, Chili, Santa Fe, Caracas, Buenos Aires, &c. tenham só tanta população como aquella unica do Mexico, ainda assim terã os dominios Hespanhoes na America Meredional 16:000.000 de habitantes : computação que elles suppoem muito abaixo da verdadeira ; porque os deputados Americanos, que fóram ter com o General Miranda em Paris, em 1797, elévam a população a não menos de 20:000.000 de habitantes. As seguintes observaçoens dos Revisores são tão illustrativas que merecem ser copiadas por extenso.

“ Deve logo considerar-se, dizem os revisores, com a madureza e reflexão, digna de tão grande materia, o que 20 milhoens de gente, população quasi tão grande como

a da antiga França, em um paiz de vasta extensaõ, e fertilidade, he capaz de obrar ; tanto pela industria, como pelas armas, se lhes fosse concedido alguma vez o mais poderoso de todos os incentivos, isto he um bom governo. Poderá talvez fazer-se a objecção de que dous terços desta populaçãõ são Indios ; que são homens negligentes e ignavos. He verdade ; elles tem sido representados como desleixados, e indolentes, por seus severos arbitradores de trabalho os Hespanhoes. Mas em vez de acreditarmos a attestaçãõ destas suspeitosas testemunhas, attendamos ao que diz um homem neutral, e intelligente ; Mr. Thierry de Menonville, que viajou disfarçado no Reyno de Mexico, para transplantar para ás colonias Francezas a planta da cochinhilha, e soube o modo secreto de a cultivar. ‘ Os Indios, diz elle, são geralmente grandes, bem apessoados, as mulheres são bastante alvas, e tem as feiçoens delicadas, até se poderia dizer que, em geral, são formozas ; *naõ parece que lhes falta a industria ; mas elles nem tem liberdade, nem as faculdades necessarias para a exercitar....* Na minha viagem me empreguei a observar o character dos Africanos, e o dos Americanos ; achei-lhes muitas differenças, cuja vantagem he em favor destes ultimos, ainda que a sua sorte seja com pouca differença igual, debaixo da dominaçãõ dos Hespanhoes. O Africano me pareceo sempre orgulhoso, violento, vingativo, effeminado, fraco, e sobre tudo priguiçoso : o Mexicano, pelo contrario he phlegmatico, brando, submisso, fiel, e *laborioso* : a sua submissãõ naõ parece baixeza ; nos negros he devida ao temor ; nelles á razaõ, e muitas vezes á affeicãõ ; por que elles âmam realmente os Castilhanos, tanto quanto aborrecem os negros. Ve-se que muitas vezes fazem allianças com os primeiros, e nunca com os os ultimos. Os Americanos tem ésta polidez de coraçãõ, que os faz agradaveis, e hospitaleiros, para com todos. Encontrei nas minhas viagens mil Indios, a saudaçãõ sahia-lhe da boca

sem esforço, o mais longe que me viam ; e quanto não tenho a congratular-me da sua boa recepção ! Os negros apenas se dignavam inclinar-se, quando eu passava por elles ; e experimentei na minha ultima pousada, e em outras partes, quam pouco lhe importa com os infelizes viajantes. *Os primeiros vão fazer os seus trabalhos de tributo (corvées) á distancia de dez e quinze leguas de suas povoaçoens, e levam pezos enormes ; mas não pude encontrar um só negro, que levasse o menor embrulho, nem ainda que viajasse a pé.**”

Os Revisores, depois de haverem citado a authoridade de la Peyrouse, para mostrar a actividade do character dos Americanos, e a fertilidade do Chilli, lembram-se de que a abertura do estreito de Panama deve contribuir taõ bem, para approximar os interesses daquelle paiz á Inglaterra, e sobre a possibilidade dessa empreza fazem mui iudiciosas observaçoens.

“ No anno de 1785, dizem elles, se construiu uma carta espherica do mar das Antilhas, e da costa de Terra Firme, desde a ilha de Trinidad até o golpho de Honduras ; foi ésta carta construida por ordem do governo Hespanhol, e sobre mediçoens scientificas ; e por ella se fez uma importante descoberta. A bahia de Mandinga, que he um immenso braço de mar, e principia cerca de 10 legoas para Leste de Porto Bello, penetra o isthmo até a distancia de cinco leguas do mar Pacifico. Esta prodigiosa bacia, que está quasi encerrada por uma cadeia de ilhas, mui cerca umas das outras, na boca, nunca foi navegada por outros Europeos, senão Hespanhoes ; e jamais se suppoz, que se entranhava pelo interior a taõ consideravel distancia, o que abundantemente próvam todas as cartas antigas em que este braço de mar vem notado. Desemboca no fundo

* *Traité de la culture du Nopal, &c. par Mr. Thiery de Menonville*
V. I p. 100, 182, e 183.

desta bahia um rio de que ella tira o nome; este rio he navegavel, e sabemos que se aproxima de um braço do Chepo, um grande rio, que desemboca no golpho de Panama. Nos não temos ainda nenhuma relaçõens que satisfaçam, a respeito da navegaçãõ ou capicidade destes rios; porém pelo que Alcedo diz*, de ser a sua navegaçãõ prohibida pelo governo Hespanhol, sob pena de morte, com o expresso motivo de que se não descubra a facilidade da passagem para o mal do Sul; e pelo facto de que os chamados *Buccaneers* actualmente penetrãram de um mar a outro, nesta direcçãõ; temos direito de concluir, que aqui se nos apresentam facilidades extraordinarias para esta grande empreza. A bahia tem 10 braças de agua na entrada, chega a 11 no meio, e tem seis braças no fundo.”

Os Revisores cõtam mais algumas authoridades sobre a possibilidade, e utilidade de se abrir esta passagem; e dahi examĩnam as hypothezes todas, em que se pode considerar a terminaçãõ da presente crisis dos negocios da America do Sul, e suas consequencias; considerando estas duas hypotheses I Que Hespanha, a metropole destas colonias Americanas, fica independente. II Que a Hespanha fica sugeita a Buonaparte.

“ I. Se a Hespanha ficar independente, a America do Sul pode; 1º ficar unida com ella no estado de vassallagem, em que até aqui tem estado; 2º pode ficar unida com

* A passagem d'Alcedo he esta. 'El Rio referido (Mandinga) nace en las montañas de Bhepo, y corre al E hasta desembocar en la ensenada, a quieu da nombre: su curso es de quatro leguas, y está prohibida su navegaoion con pena de la vida por la facilidad com que se puede internar por el á la mar del sur, como lo hicieron de 1679 los piratas Juan Guarlem, Edwardo Blomeu, y Bartolomé Charps. La ensenada dicha en la Costa de la Provincia y Gobierno del Darien, y mar del Sur en el mismo Reyno, es grande, hermosa, y abrigada, &c. Alcedo dicc. Geog. verb. Mandinga.

ella em sua livre associaçãõ, ou uniaõ, como a da Irlanda com a Gram Bretanha: 3.º pode revoltar-se della com o adjutorio de Buonaparte: 4.º pode revoltar-se com a assistencia da Gram Bretanha: 5.º pode-se revoltar della sem assistencia de ninguem.”

“ II. Se a Hespanha ficar sujeita a Buonaparte, a America Meredional pode 1.º ficar unida com Hespanha em estado de vassalagem, mas naõ em associaçãõ livre; porque com uma coroa despotica, naõ pode haver uniaõ de subditos de outra maneira que naõ seja vassalagem: 2.º a America Meridional pode vindicar a sua independencia com o adjutorio da Gram Bretanha: 3.º pode fazello sem adjutorio de ninguem. Consideremos todas éstas possibilidades, por sua ordem.”

“ I. 1.º Ficando a Hespanha independente, pode a America Meredional continuar no seu estado de vassalagem. Naõ ha pessoa vivente, segundo cremos, que seja de opiniaõ, que este acontecimento, relativamente aos interesses da Gram Bretanha, he o mais desejavel. He ésta aquella identica condiçãõ das colonias Hespanholas, que neste paiz se tem por taõ longo tempo, e taõ profundamente lamentado; que tem feito com que tantas bençaõs, que a natureza tem concedido áquellas vastas regioens do globo, sêjam inuteis tanto para os habitantes, como para o resto da especie humana. Neste momento em que a Gram Bretanha tem necessidades, sem exemplo, e no actual estado das cousas, seria privalla daquelles recursos subsidiarios, a que a perca dos seus recursos Europeos dá um valor extraordinario.”

“ A pezar de tudo isto, achamos que o nosso Governo acaba de entrar em um tractado, em que garante a integridade de todos os dominios Hespanhoes. Se isto significa alguma cousa mais de que, durante a existencia do tractado, nos naõ faremos cousa alguma para desmembrar alguma parte destes dominios, deve significar alguma cousa

que he taõ impolitica, como impossivel para nós, o executar. Estas Colonias realmente naõ servem de cousa alguma á Hespanha. Naõ seríam de utilidade alguma, mesmo á Gram Bretanha, que pode tanto melhor tirar partido dellas; e nenhum homem sabio, estamos seguros disto, aconselharía a este paiz que aceitasse tal Soberania, ainda que ella lhe fosse offerecida, pela livre vontade dos habitantes. Porem a estipulaçaõ, neste sentido, he felizmente taõ impracticavel como he impolitica. Se este empenho na garantia da integridade do imperio Hespanhol, quer dizer, que nós nos obrigamos a impedir que os Americanos Meredionaes sêjam independentes, pelejando contra elles, no caso de que elles tentassem o ser independentes; nos perguntaremos sómente, se empregando nos, em tal conflicto, todas as forças da Gram Bretanha, ellas seríam sufficientes para este fim? Poderíamos nós, se fossemos assaz loucos para arriscar a Gram Bretanha nesta contestação, impedir a independencia da America Meridional, se la estivessem resolvidos a ser independentes? Mas concedendo que as forças da Gram Bretanha éram sufficientes para ésta empreza; temos nós algumas que possamos dispensar? Naõ são os negocios da Europa bastantes para, no presente momento, ocupar tudo o de que somos capazes? Naõ he o negocio da nossa defensa um, que as extraordinarias circumstancias dos tempos, e os exorbitantes esgotadouros, que há tantos tempos nos tem esgotado, fazem quasi igual aos nossos recursos? A estipulaçaõ pois de garantir a sugeiçaõ das Colonias Hespanholas, he uma estipulaçaõ que, se as colonias Hespanholas naõ gostarem disto; que vem a sêr, se alguma vez existir o caso em que ésta estipulaçaõ sêja de algum uso; nós naõ poderemos dar passo nenhum para a preencher. Mas supponhamos pelo contrario, que nós estavamos actualmente promptos a mandar um corpo de tropas, para resistir á emancipação da America Meridional; de todas

as cousas provaveis a mais provavel, se he que lhe não devemos chamar certa, he, que Buonaparte offerceria o seu auxilio aos Americanos do Sul, e que elles o acceptariam. Sendo assim, temos abundante experiencia para saber, que lhe não he impossivel mandar tropas á America Meridional; e entaõ temos de considerar em que maneira, e até que gráo um exercito Francez, pelejando na America Meridional pela parte do Povo, e contra nós, seria provavel que promovesse o bem, e previnisse o mal da nação Britanica.”

“ I. 2.º Ficando a Hespanha independente, a America do Sul pode continuar unida a ella em uma associaçãõ livre. Para este fim he indispensavelmente necessario, que a Hespanha forme para si mesma um governo livre. Um Governo despotico, na Hespanha, não pode governar as suas colonias senaõ despoticamente. Não ha associaçãõ livre dos subditos com uma coroa arbitraria:—isto he uma contradicçãõ nos termos.”

“ He uma conclusãõ, que provavelmente ja está fixa na mente da maior parte dos nossos leitores, que somente pela formaçãõ de um governo livre he que a Hespanha tem alguma probabilidade de tornar a adquirir a sua independencia, ou, o que mais he, o conservalla por longo tempo, depois de a adquirir. Nos ouvimos fallar das Cortes da nação, e do estabelicimento de um governo representativo, que se convidaraõ as colonias para entrar nelle; dir-se-ha que ésta proposiçãõ liberal, e benefica, reunirá os votos de todos os homens racionaveis.”

“ Na formaçãõ de um governo representativo, para os differentes districtos de um grande paiz, a unica regra segura, e justa, he talvez o seguir a proporçãõ da populaçãõ; que sempre, em ponto grande, dá tambem uma exacta proporçãõ da propriedade. Procedendo-se sobre outra baze, se põem a injustiça por fundamento de toda a estrutura. Sobre este principio os representantes da America Meridional,

nas Cortes de Hespanha, devem necessariamente ser o dobro mais numerosos que os da mesma Hespanha. Os representantes da America Meredional, portanto, vem a ser os governadores de Hespanha, e a America Meredional o paiz Metropolitano ; que devia ser por consequencia a sede do Governo, e em breve o seria ; porque a preponderancia dos representantes da America do Sul votaria pela translaçaõ. A consequencia, porém, seria mui provavelmente, que os Hespanhoes se não submetteriam ; e a uniaõ logo que fosse formada se dissolveria, por uma guerra civil.”

“ Supponhamos, que as colonias ficavam satisfeitas, sendo postas em igual pé com a metropole ; e que se ajustava a disputa concordando-se, que cada uma das partes teria igual numero de representantes. Neste caso os interesses de ambas as partes seriam situados em directa opposiçaõ ; e os seus esforços proximamente contrabalançados, de maneira que não resultaria daqui senão uma perpetua luta e contenda, e o consequente mau governo, e todas as miserias que se lhesequem ; até que esta mal pensada associaçaõ se dissolveria por si mesma, com muita promptidaõ.

“ Se os Hespanhoes se propuzessem a formar um systema representativo, em que a populaçaõ da America Meredional, muito maior do que a sua, tivesse somente uma porçaõ subordinada ; ha, em primeiro lugar, toda a probabilidade de que o povo da America Meredional senão submetterfa a esta inferioridade ; e em segundo lugar ; a sua situaçaõ não teria outra mudança senão, que sendo antigamente governados por um certo numero de Hespanhoes influentes, junctos no que d’antes se chamava o Conselho das Indias, agora vinham a ser governados por um numero, alguma cousa maior, de Hespanhoes influentes, junctos no que provavelmente se chamaria as Cortes. A mudança por consequencia consistiria em ser peor governados do que eram no primeiro caso ; porque os Membros do Conselho das Indias eram homens, em geral, esco-

Ibidos expressamente pelos seus conhecimentos dos negocios da America, e os representantes, nas Cortes, não haviam ser expressamente escolhidos por aquelle conhecimento. Os membros do Conselho das Indias, estavam sujeitos a algum genero de responsabilidade, os representantes a nenhuma estão sujeitos. Os membros do Conselho das Indias não tinham outros deveres, que preencher, senão attender ao governo da America; para com os representantes nas Cortes ésta seria somente uma entre as outras muitas obrigaçoens; e uma que nunca se poderia esperar, que estivesse mui alta na escala de importancia.”

“ I. 3º. Ficando a Hespanha independente, podem as colonias fazer-se independentes pelo adjutorio de Buonaparte. Se nos não enganamos, este successo não he muito temido neste paiz. Nós confiamos ás nossas frotas o guardar as regioens transatlanticas, puras do contagio dos exercitos Francezes. Com tudo, entre todas as combinaçoens possiveis de circumstancias, ha algumas, e essas não improvaveis, em que seria este um perigo, digno de alguma cousa mais do que desprezo. Supponhamos, que estando a Hespanha inteiramente libertada das armas de Buonaparte, as colonias declaravam a sua determinação de ser independentes, e que a Hespanha requeria, e obtinha, da Gram Bretanha, em observancia do tractado que agora existe, um auxilio de esquadras, e exercitos, para ajudar a subjugar, o que ella chamaria uma rebelião; nestas circumstancias, he por ventura alguma cousa menos que certo, que Buonaparte desejaria, e poderia, mandar um exercito em auxilio das colonias? Estas colonias, assim apoiadas, frustrariam sem duvida os ataques de Hespanha e Inglaterra; e teriamos a America Meredional independente, unida em amizade com França, e constante inimiga da Inglaterra. Se fosse necessario alguma cousa mais para encher a taça da desgraça Ingleza, seria isto.”

“ Outro acontecimento, e um que tememos sêja ainda

mais provavel, he que a Gram Bretanha se suspenda, em consequencia do presente tractado, em um estado alguma cousa entre desanimação, e neutralidade; achando se os Americanos Meredionaes divididos entre si; um partido pode chamar Buonaparte, e por sua efficacia dar-lhe meios de adquirir ascendencia no paiz.”

“ I. 4. Ficando a Hespanha independente, podem as colonias libertar-se pelo adjutorio da Gram Bretanha. De todas as combinaçoens possiveis, neste interessante caso, he ésta evidentemente, em todos os sentidos a mais avantajosa ao nosso paiz. O poder de Buonaparte, não augmentado, antes suffocado, e diminuido pela Hespanha, cessa-ria de ser-nos formidavel na Europa, ao mesmo tempo que os vastos, e então crescentes recursos da America Meredional serviriam ao nosso engrandecimento, e prosperidade.

I. 5. Ficando a Hespanha independente, podem as colonias erigir um governo para si, sem nenhuma assistencia externa; ésta contingencia he menos provavel; porque em quasi todos os casos possiveis, se as colonias não obtiverem o auxilio da Inglaterra, estão seguras de obter o da França. Que ellas são plenamente capazes de desafiar a opposição da Metropole sómente, não pode haver a menor duvida; mais, a influencia da Metropole he tão pouca, que apenas se achariam adherentes seus assaz numerosos para formar um partido. Porem sem alguma authoridade, para quem olhem os partidos todos; e a Gram Bretanha está admiravelmente bem situada para assumir o character de um tal bem feitor, haveriam differentes vistas, que seriam incommodas, e poderiam ser nocivas. Entretanto elles tem o exemplo da America Septentrional para os guiar; e mui possivelmente aquelle exemplo os guiará bem. O rumo que tem de seguir, he taõbem taõ plano, que duas ou tres boas cabeças, debaixo da poderosa influ-

encia das boas intenções, seriam bastantes para que, se não desviassem do verdadeiro caminho.”

“ Tal he uma leve, e por ésta razão imperfeita analyze do prospecto que offerece a America Meredional, no caso de que a Metropole fique independente. Entremos agora em uma analyze semelhante do prospecto que se nos offerece, se a Metropole perde a sua independencia. Este he o lado da alternativa sobre que insistiremos mais; porque se deve considerar como muito mais provavel; mas do que dissemos no primeiro ramo da questão, ha tanto que he applicavel a este, que o resto o poderemos dizer em poucas palavras.”

“ II. 1. Se a Hespanha perde a sua independencia, as colonias podem ficar unidas com ella, em tal sugeição que se assimelhe á que até agora estáva submettida, Que este resultado he, alem de todos os outros, o que todos os Inglezes se devem unir em deprecar, apenas merece mencionar-se. He este um resultado, que, entre todos os acontecimentos possiveis deste caso, nos não pensamos que sêja o mais provavel. Com tudo os meios, que se haõ de pôr em acção para o conseguir, não haõ de ser de bagatella. Se Buonaparte realizar todos os seus planos actuaes, dos quacs a subjugação da Hespanha deve formar a ultima parte; o seu poder será na verdade terrivel; e os motivos que elle poderá offerecer, seraõ motivos de uma formidavel efficacia. Os naturacs de Hespanha, em cujas mãos está agora colocado o governo da America Meredional, teraõ poderosos incentivos para olhar ainda para a Hespanha, e ficando-lhes aberto, naquelle paiz, o canal do interesse, a sua cooperação a favor de seu governo, sêja qual for a mão que possuir esse governo, pode facilmente elevar-se ao ponto de zelo, e actividade. Que Bonaparte, no caso da subjugação final da Hespanha nomeará Hespanhoes para vicereys, audiéncias, e grandes funcçionarios de todas as descripções,

que sêjam pela sua parte, he um acontecimento sobre que se deve calcular como certo, com mui poucas excepçoens. Nem he necessario insistirmos na importancia da influencia que o poder do governo communica aos que a vibram: nem no pezo que ésta circumstancia primeira deve dar a todos os outros meios, que entaõ poderia o inimigo empregar. Uma das circumstancias, a mais poderosa de todas, em dar efficacia aos meios seductores de Buonaparte, seria o odio da Gram Bretanha, se a sua recusaçãõ em não interessar-se na America Meredional, ou uma odiosa preferencia aos interesses de seu antigo, e aborrecido oppressor, despertasse entre aquelle povo sentimentos de aversaõ, e hostilidade. Que estes sentimentos, proprios a annihilar os interesses deste paiz, seraõ ali suscitados, a conducta que até aqui tem seguido os nossos ministros, e a conducta que, do seu character, podemos predizer, que continuaraõ a seguir, nos dá fortissimas razoens para temer.”

“ Se Buonaparte ficar senhor da Hespanha, parece que nada poderá impedir que elle venha a ser ao mesmo tempo senhor da America, senaõ he a forte e irresistivel determinação do povo Americano de não continuar a ser dependente. Se ésta determinação tem, como nos supponmos, chegado ja ao gráo de madureza, entaõ ella triumphará sobre todos os obstaculos que Buonaparte lhe pode oppor. Se ésta determinação he ainda, como muita gente imagina, taõ fraca, que permite ás colonias o ficar quietas debaixo de seus antigos oppressores; que força se podera suppor que tenha a mera antipathia ao nome Francez (a qual entretanto não existe) para resistir aos efficazes meios de Buonaparte. Na contingencia de que a subjugaçãõ da Hespanha se effectue, o que agora infelizmente he a mais provavel contingencia, a determinação dos Americanos Meredionaes de se fazerem independentes he o unico baluarte, em que podemos confiar, contra um dos mais

calamitosos acontecimentos que podem succeder á nossa patria. A luz, que isto dá ao tractado sobre que nos agora obramos, he forte, e instructiva.”

“ II. 2. Sendo a Hespanha subjugada podem as suas colonias adquirir a independencia, pelo auxilio da Gran Bretanha. Este he o acontecimento, que alem de todos os outros nos pertence, em tal caso, o desejar, e que, temos a consolação de pensar, será tão popular como desejavel. Por este adjutorio os progressos daquella grande revolução serão por tal maneira guiados, que possam produzir o maior bem possível tanto para nós, como para os Hespanhoes, e para a gente que nisto principalmente se interessa. Quanta, ou quam pouca fosse a probabilidade da subjugação da Hespanha, éra um ponto que merecia a mais séria consideração dos que formalizaram o tractado, a que temos muitas vezes alludido; porque, se a probabilidade do bom successo de Buonaparte não éra proxima á impossibilidade; atarnos as mãos, por um tractado, para não podermos tomar medidas que previnisses a extensão de sua influencia, na America Meredional, éra um exemplo de máo comportamento dos mais pezados que se podiam encontrar. Jamais houve acontecimento grande, que offerecesse maiores facilidades em sua execução, do que a regeneração da America Meredional, pela mão auxiliadora do Governo Britanico. De facto, pouco mais he necessario do que ir, e offerecer ao povo um ponto de reunião, e empregar aquella prudencia, e sangue frio, que um terceiro partido póde mui facilmente possuir, prevenindo em um povo inexperto, no calor de uma grande mudança, o cahir em confusão. Com que rapidez se não colheriam os fructos de tão nobre conducta! Que sublime distincção a de ter, uma vez mais, dado o exemplo de tão benefica intervenção nos negocios das naçoens! A revolta dos Hollandezes do máo Governo da Hespanha; uma revolta tão fertil em beneficios para o genero humano

triumphou, em grande parte, pelos meios Britannicos. A sabedoria da Raynha Izabel, e seus Ministros, vio a magnitude da occassião, e não a deixou escapar. Porém ¿o que éram as vantagens, que offerencia immediatamente á Gram Bretanha a liberdade da Hollanda, comparadas com as que promette a liberdade da America Meridional? Grandes, como éram naquelle tempo, os perigos que este paiz tinha a receiar da inimizade de Philippe II, a inimizade e poder de Buonaparte são infinitamente mais formidaveis. He felicidade para qualquer paiz ser emulo de si mesmo, nas acçoens sabias e beneficas; porque ha exemplos que he util seguir; outros, partos da loucura e de interesses sinistros, que he não menos util evitar.

II. 3. Vindo a Hespanha a ficar sujeita a Buonaparte, a America Meridional pode vindicar a sua independencia sem auxilio de ninguem. Se o tractado, que nos assusta, é a que temos tantas vezes alludido; obrando em um correspondente estado do espirito dos moderadores da Gram Bretanha, atár por tal maneira as mãos deste paiz, que lhe obrigue a differir a sua interposiçaõ, até que sêja demasiado tarde, restanos entaõ o desejar, e com inexpresivel energia, que os Americanos Meridionaes se erijam de si mesmo independentes; alias a sujeiçaõ a Buonaparte he a unica alternativa, que o povo da America Meridional tem de combater, para executar a obra de sua regeneraçãõ; difficuldades que a mão da Gram Bretanha removeria mui facilmente. A influencia, por exemplo, taõ perigosa, de todos os agentes do Governo Hespanhol, seria immediatamente annihilada pela influencia da Gram Bretanha. Todos estes impulsos repentinos e irregulares, que são são aptos para acumular-se nas situaçoens perigosas, em momentos de grandes mudanças, seriam saudavelmente modificados pela influencia moderadora de uma Potencia amiga. Todas éstas dissensoens das differentes

partes discordantes, que em semelhantes situaçoens se inflamam até ao derramamento de sangue, podiam facilmente temperar-se e guiar-se por uma Potencia protectora, que cultiva e merece a estimação de todas as partes. ¿Quem pôde contemplar os deliciosos resultados de tal intervenção como ésta, sem lamentar os riscos que ainda corre de ser frustrada? Se assim succeder, se o povo da America Meredional deve ser abandonado, a si mesmo, serâ presumpção em alguém o pretender predizer, quaes seriam as consequencias. Taõ firmemente estamos nos convencidos, que o espirito dos Americanos Meredionaes está maduro para uma revolução, que ainda pensamos que a crise terminará bem. E com tudo, quando as sementes do mal, que nunca faltam em taes circumstancias, saõ deixadas a arrebentar e vegetar, sem que haja uma mão que as extermine; principalmente debaixo de uma mão cultivadora, e nutriente, que lhe promova o crescimento, como he a mão de Buonaparte; he impossivel naõ temer o que tal mixtura de elementos pode produzir. Uma cousa he abundantemente certa, e he que os povos da America Meredional, vendo-se abandonados a si mesmos, e a todos os riscos de uma revolução, por um povo que tinha o poder, com pouco mais que um acto da vontade, de o salvar de taõ tremendo perigo, devem conceber tal antipathia a este povo, que seculos naõ seraõ bastantes para erradicar.

COMMERCIO E ARTES.

==
America.

A Carta seguinte foi dirigida pelo Secretario do Thesouro aos respectivos Collectores de direitos das alfandegas, em consequencia do Proclamação do Presidente.

(CIRCULAR.)

Repartição do Thesouro, Agosto 9, 1809.

SENHOR! Vos recebereis inclusa a copia de uma Proclamação do Presidente dos Estados Unidos, annunciando que certas Ordens Britanicas em Concelho não fôram revogadas aos 10 de Junho passado, e consequentemente que, o commercio renovavel no caso de que as ditas Ordens fossem revogadas, deve considerar-se como debaixo da operaçã dos diversos Actos, pelos quaes o dicto commercio estava suspendido.

O Acto para reformar, e continuar em vigor certas partes do Acto, intitulado, “ Acto de prohibiçã de conrespondecia commercial entre os Estados Unidos, a Gram Bretanha, França, e suas dependencias, e para outros objectos” passado a 28 de Junho, he portanto, em todos os respeitos, applicavel tanto a Gram Bretanha, e suas dependencias, como á França e suas dependencias, não obstante toda, e qualquer cousa em contrario na minha circular de 29 de Junho passado.

Desde que receberes ésta deveis em todos os casos, excepto os que forem daqui em diante expressos, recusar despachos de alfandega para os portos Britanicos, reque-rendo, segundo o costume, fianças de todos os navios destinados para os portos permittidos, da maneira providenciada pela secção 3^a do Acto acima mencionado.

“ Mas como muitos navios Britauicos podem vir aos portos dos Estados Unidos, em consequencia da Procla-

mação do Presidente, dos 19 de Abril ultimo, elle determina que vos deixareis sahir, sem darem fianças os navios Inglezes em Lastro, ou com carga, sendo lhe notificada a Proclamação inclusa; bem entendido, que esta indulgencia não se extenderá a outros navios, que não sejaõ aquelles que actualmente estaõ nos portos dos Estados Unidos, ou os que daqui em diante chegarem de algum porto estrangeiro, onde se não tenha ainda recebido noticia da Proclamação inclusa.

“ O Presidente tambem determina, que até a decisão do Congresso, sobre este ponto inexperado, ou até que recebais outras instrucçoens; as tomadias, e processos pelas suppostas contravençoens, ou do Acto acima mencionado, ou do Acto da Naõ-conrespondencia, datado do 1º. de Março passado, resultantes do Actos, que em conformidade da sua Proclamação de 19 de Abril ultimo se considerariaõ como Legitimos, se suspendaõ nos seguintes casos.—

1. “ Todos os navios, que tiverem entrado n'algum porto Britanico, depois de 10 de Junho passado ou que entrarem d'aqui em diante um tal porto, tendo partido para o mesmo antes de receber noticia da Proclamação inclusa á partida do porto, tanto quanto diz respeito a mulctas, ou penas que dahi podem resultar, ou tem resultado, em razão de assim terem entrado em porto Britanico.

2. “ Todos os navios, que tem chegado ou de portos Britanicos, ou com mercadorias Britanicas, aos Estados Unidos, subseqüente aos 10 de Junho passado, e tambem todos os navios, que d'aqui em diante chegarem deste modo, tendo partido para os Estados Unidos, antes de receberem noticia da Proclamação inclusa, no porto donde partiram, no tocante a qualquer pena, ou mulcta que dahi provenha, por terem chegado, ou chegarem aos Estados

Unidos de portos Britanicos, ou com mercadorias Britanicas.

3. Todos os navios pertencentes a cidadãos dos Estados Unidos, e que navegam com bandeira Americana, que estando em porto estrangeiro no tempo, em que a Proclamação inclusa se publicar no dito porto, com a devida diligencia d'elle partirem, e voltarem sem demora aos Estados Unidos, pelo que toca á pena ou mulcta, que provenha de chegarem aos Estados Unidos de portos Britanicos, ou com mercadorias Britanicas.

“ Nos casos acima mencionados de navios, que chegam aos Estados Unidos, e que pelo presente são exemptos de tomadia, os navios, e cargas podem ser admittidos a entrar.

“ O tempo, em que a Proclamação inclusa se fizer saber nos portos da partida, deve respectivamente ser determinado do melhor modo, que poder-mos, e os casos duvidosos vós os referireis a esta repartição.

“ Pode consequentemente fazer-se qualquer applicação em todos os casos para remissão absoluta de mulctas, e penas, da maneira providenciada pela Lei; tendo as instrucçoens aqui dadas para evitar processos, e tomadias somente por objecto poupar despezas, e inconvenientes, a que alias ficaríam sujeitas as partes interessadas.

“ Eu sou respeituosamente, Sñr,
vosso obediente servo,

(Assignado) “ ALBERTO GALLATIN.”

O Governo Dinamarquez publicou a 26 de Julho, a seguinte ordem.

“ Todos os portadores neutraes, ou provavelmente neutraes, de Lettras de cambio, que foram sacadas de Inglaterra sobre os negociantes de Dinamarca no principio da guerra, e que foram depositadas nas mãos dos Commissarios de Altona, segundo o avizo do Governo, devem proceder dentro de um anno a receber o seo dinheiro, ou

propriedade. Findo o prazo de doze mezes, os artigos depositados ficaraõ sendo propriedade do Governo. Aquellas Lettras, que se naõ tem entregue aos Commissarios, se ordena, que se entreguem dentro de tres mezes, afim de que os portadores recebam o beneficio do presente decreto.

*Hollanda.*

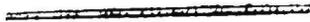
Extracto de um Decreto sobre o commercio, expedido pelo governo Hollandez.

“ O embargo fica por este levantado, em tanto quanto diz respeito a vasos carregados com artigos permittidos, excepto mantimentos.”

“ Naõ se permittirá, com tudo, aos vasos o sahir ao mar, até ordens ulteriores, excepto pelo Texel, e outros portos mais para o Norte; e mesmo entaõ se deteraõ por alguns dias, em apertada guarda, de maneira que se lhe corte toda a communicaçãõ com a praia, antes que lhe sêja permittido dar a vella.”

“ Poderaõ tambem sahir ao mar do Mosa, onde se acham postados vasos armados; e se observaraõ os mesmos regulamentos, relativamente ao pôr os vasos em guarda apertada por alguns dias antes que saíam ao mar.”

Sept. 7, 1809.



MISCELLANEA.

Parallelo da Constituição Portugueza com a Ingleza.

Nº. 2.

Legalidade do estabelecimento do governo de D. Affonso Henriques, e de Guilherme o Conquistador.

O DESEJO da independencia, e insubordinação he de tal maneira inherente ao coração do homem, que só uma madura reflexão dos beneficios, que nos podem resultar do estado de sociedade, nos obrigaria a sujeitarnos ao governo de outrem. He logo de primeira necessidade, para que os homens vivam de boa vontade sujeitos ao seu Governo, não só que conhêcam os beneficios, que delle lhe resultam, mas que estejam persuadidos da legitimidade, e bons fundamentos, que tem o direito de quem governa.

Alguns aduladores conrumpidos introduziram a maxima, que o poder dos Reys lhes provinha *jure divino*; cortezaõs astutos trabalharam por persuadir isto aos Monarchas; e Soberanos fracos deram ouvidos a éstas insinuaçoens; o que, bem longe de lhes ser util, tem dado motivo a querellas funestas, em mais de um Reyno da Europa.

Pode conceder-se que existisse tal direito, em um governo, que se admitte ser theocratico, como o dos Israelitas na Palestina; mas nunca similhante governo, nomeado immediatamente por Deus, jamais existio em nenhuma outra nação; excepto no sentido de que os Reynos, bem como todas as mais instituiçoens humanas, estão sujeitos ás geraes e ordinarias disposiçoens da Providencia. Saul poderia alegar, que Deus o nomeou Rey, e lhe deo o direito de governar o povo de Israel; porque este Rey produzia, como testemunha do seu dicto, a Samuel, que o ungira por mandado de Deus, e em quanto os nossos

Reys não mostrarem um semelhante Diploma ou documento ; devemos dizer, que o seu titulo a governar, lhe provem dos fundadores da Constituição, e das leis fundamentaes do Estado, e dellas somente ; que estes direitos não tem relação, nem dependem das leis civis dos Judeus, dos Gregos, ou dos Romanos, ou de alguma outra nação sobre a terra.

Desde que ha monumentos historicos no Mundo se sabe, que as differentes naçoens, que tem habitado e habitam o globo, instituíram, de sua propria authoridade, leis para se regularem ; as quaes contem a vontade implicita da maioria da nação. Esta he a origem do Governo de todos os povos ; quando uma força externa não estabelece outras formas ; que com o andar do tempo, e pelo consentimento continuado da nação, venham a adquirir a sancção dos povos, e o vigor de direito consuetudinario.

Os authores Inglezes tem disputado se o governo Saxónico, estabelecido na sua ilha, foi ou não destruido por Guilherme o Conquistador ; e até muitos negáram que houvesse tal conquista, no actual sentido desta palavra. Da mesma sorte em Portugal ha quem tenha negado, que D. Affonso Henriques adquirira a Soberania do Reyno, e fundára a Monarchia nas Cortes de Lamego ; suppondo-se que D. Affonso VI. de Leão e Castella, dando sua filha D. Tareja em cazamento a D. Henrique, lhe déra em dote o Reyno de Portugal ; como se pudesse ser valida semelhante doação de terras, que não éram de D. Affonso, e estávam em poder das naçoens Mouriscas, que as habitávam.

He logo neste primeiro passo da Monarchia Portugueza, que se acha uma preferencia ao estabelecimento da Ingleza ; sendo o Monarcha Portuguez eleito, e inaugurado pela sua nação, o mais pacifica e legalmente, que he possível imaginar fazer-se um acto de semelhante natureza ; quando Guilherme o Conquistador, posto que invadis

Inglaterra com o titulo de herdeiro nomeado por Duarte, o Confessor, ao despois, aproveitando-se do pretexto da resistencia que lhe fizéram, tractou a nação como rebeldes conquistados, e vencidos, exercitando o maior despotismo que pôde.

E primeiramente vejamos a legalidade da eleição de D. Affonso Henriques Rey de Portugal.

Naõ se tem até agora mostrado as condiçoens, com que D. Affonso VI. de Catella dera sua filha a D. Henrique com o titulo de Conde, e simplesmente se pode isso conjecturar da natureza das relaçoens, que havia entre El Rey e o Conde, o que a historia nos tem de alguma forma patenteado.

D. Affonso VI., temendo um acolecimento de todas as forças Mauritanas, em consequencia da tomada de Toledo; mandou pedir soccorros á França. Felipe I. que entãõ ali reynáva, enviou-lhe muita gente, e entre outros nobres aventureiros, que vinham buscar fortuna nos successos da guerra, como era entãõ costume, veio D. Henrique; e, com os seus sequazes, foi tomando aos Mouros as terras que pôde conquistar. Aqui he absolutamente necessario passar em silencio o direito com que estes invasores tomávam as terras aos Mouros, assim como naõ he preciso fallar do direito com que os mouros as tomáram aos Godos, nem estes aos Romanos, ou os Romanos aos antigos Lusitanos. Basta sabermos, que, morrendo o Conde D. Henrique, se achou seu filho D. Affonso, com os capitaens que havíam ajudado a ésta conquista, de posse completa daquellas terras e avizinhando com os Mouros, contra quem todavia continuava a guerra. El Rey de Castella pretendeo ter direito á Soberania sobre ésta tribu errante (para me explicar assim) de conquistadores, composta de varias naçoens, e habitante já de um paiz, que nunca pertencêra a D. Affonso de Castella; e quaesquer que fossem as pretençoens deste Soberano, he

evidente, que os Conquistadores de Portugal, que nem eram seus vassallos, nem habitavam terras que lhe pertencessem, não tinham obrigação de obedecer-lhe: assim bem como os Cruzados na Palestina, que havendo conquistado aquelle paiz nomearam a Gothofredo seu Soberano, o qual se considerou independente de todos os monarchas da Europa. Nem contra isto se pode alegar, que D. Affonso de Castella deo em dote a sua filha D. Tareja, mulher de Conde, o territorio ao Sul do Minho, porque alem de ser ésta uma mui limitada porção de terreno, em comparação do que os Portuguezes ao depois tomaram aos Mouros, não consta que estes conquistadores reconhecessem ja mais a D. Affonso por seu Soberano. Desta opiniaõ fôram os Portuguezes daquelle tempo como se vê dos factos inegaveis de chamarem Cortes, de fazerem paz, e guerra, e em geral exercitar todos os actos de Soberania. E desta opiniaõ foram tambem todos os escriptores Portuguezes antigos;* até que a adulaçãõ entrou a espalhar que dos Hespanhoes, e não dos Portuguezes derivavam os Reys de Portugal o seu direito ao throno; não se lembrando esses aduladores, que, se D. Affonso Henriques não recebeu a Soberania do Povo, nas Cortes de Lamego, e do consentimento geral da nação; mas sim do direito hereditario, por seu Pay, como feudatario de Castella, entãõ ficam esses, que deffendem tal opiniaõ, accusando a D. Affonso de rebelde ao Senhor Supremo; porquanto he não só contrario aos costumes feudaes da quelle tempo; mas inconsistente com o que se chama Razaõ-de-Estado; que D. Affonso VI. de Leaõ e Castella desse a soberania absoluta da pequena parte de Portugal, que entãõ possuia, ao Conde D. Henrique, sem reservar para si a homenagem; e por consequencia, só se pode suppor, que lhe concedeo

* Veja-se Brandaõ; Duarte Nunes; Vasconcellos; e o que diz Le Queien no tom 1.

a faculdade de guerrear os Mouros, e tomar-lhes o que pudesse; sendo estes ataques de grande proveito aos mesmos Reys de Leaõ.

As cortes de Lamego, que geralmente se tomam por authenticas nos daõ uma descripção da forma da inauguração do primeiro Monarcha de Portugal, e não deixaõ a menor duvida sobre a origem do seu poder.

Junctos os tres Estados do Reyno, em Lamego, que fõram convocados sem nenhuma permissaõ do Rey de Leaõ; servio de Orador Lourenço Viegas, e perguntou aos da Assembleia se queriam ao Conde D. Affonso Henriques por seu Rey; e todos respondêram, que sim. Pedio-lhes mais Viegas o seu consentimento, sobre a forma de successaõ; e respondêram todos, que queriam que lhe succeddessem seus filhos varoens, e em falta destes a femea, que casasse com Senhor Portuguez. Replicou entaõ Viegas; *Se tal he a vossa vontade dai ao Conde as insignias Reaes; e os circumstantes respondêram, que lhas concediam.* O Arcebispo de Braga foi o que entregou a coroa, pondo-na cabeça a D. Affonso; o qual aceitou esta nomeação, e reconheceo o vir-lhe do povo a authoridade legal, nas seguintes palavras. “ Bemdito seja o Senhor Deus, que sempre me ajudou quando vos livrava de vossos inimigos com esta espada, que sustento para vossa defeza; *Vos me fizestes Rey*, e eu devo repartir com vosco o trabalho de reger, e governar. Eu sou Rey; e façamos leis, que mantenham no Reyno a publica tranquillidade.”

¿ Como era possivel que D. Affonso reconhecesse mais expressamente a origem de sua authoridade do que dizendo ao povo “ Vós me fizestes Rey.”?

He ainda mais notavel, neste acto, a condição, que o povo poem a El Rey, e que faltando a ella deixaria de ser Rey; isto he, no caso de que elle prestasse homenagem a El Rey de Leaõ. Quando Lourenço Viegas fez esta pergunta aos deputados respondêram todos. “ *Nós*

somos livres, e o nosso Rey o he como nos; a nosso esforço devemos a nossa liberdade; e se El Rey consente em fazer tal *he indigno da vida*, nem reynará entre nós, ou sobre nós, posto que Rey seja.” D. Affonso não so approvou ésta declaração, mas a ampliou ainda mais dizendo “ que sería indigno de reynar qualquer seu descendente que fizesse cousa semelhante.* Despois destas declaraçoens da parte do Rey, e dos povos, parece evidente; primeiro; que o povo fez a nomeação e que el Rey a aceitou, reconhecendo por isso a authoridade da nação; segundo, que ficou reservado o direito de o depôr a elle, caso que prestasse obediencia a um Rey estrangeiro; e de declarar indigno de reynar qualquer seu descendente que fizesse cousa semelhante. Donde se segue que D. Affonso Henriques teve o melhor tittulo para reynar, que he possível ter-se; e que lhe foi conferido com as solemnidades necessarias; e com restricçoens mui uteis.

E deve aqui notar-se que as leis fundamentaes, e outras particulares, que se fizeram nas Cortes de Lamego, são feitas em nome da nação; o que se conhece bem da distincção que se faz em algumas dellas, por exemplo na sexta, sobre o casamento da filha d’El Rey herdeira; a qual lei he feita em nome d’El Rey; e nella se repete que o povo fizera Rey a D. Affonso; pois prohibindo ésta Ley que a princeza herdeira case com senhor estrangeiro, conclue assim, “ porque não queremos que nossos vassallos, sêjam obrigados a obedecer a Rey, que não nascesse Portuguez, porque elles são nossos vassallos, e compatriotas,

* Se fosse preciso uma prova para persuadir aos Portuguezes do amor que devem aos seus Monarchas, este nobre e patriotico sentimento de seu primeiro Rey, seria mais que sufficiente; despois disto pode dizer-se que nenhuma outra nação tem mais motivos de considerar ao seu Soberano como Pay da patria!

que sem auxilio estranho, e á custa de seu sangue *nos fizéram seu Rey.*”

O estabelecimento de Guilherme o Conquistador, na Inglaterra, he de natureza mui differente. Reynava em Inglaterra, com o consentimento geral da nação, El Rey Haroldo, quando Guilherme Duque de Normandia, atravessando o canal com um poderoso exercito, derrotou inteiramente os Inglezes na batalha de Hastings, e se proclamou seu Rey. He verdade que o Conquistador tentou a principio conciliar a nação, allegando o pretendido direito de successão hereditaria, por haver sido nomeado herdeiro no testamento do predecessor de Haroldo, Duarte o Confessor, mas vendo que as reiteradas oppozições do povo ao seu poder éram uma prova convincente da repugnancia com que obedeciam, tirou a mascara; derribou a antiga fabrica da legislação Saxonica; exterminou ou expulsou os possnidores das terras, e as repartio a seus capitaens, estabeleceo o completo systema feudal, e até alterou a linguagem da nação; fazendo adoptar nos actos publicos, em lugar do Inglez o seu idioma Francez Normando.

Desta maneira, posto que o governo feudal se estabelecesse, no Continente, pouco e pouco, na Inglaterra foi introduzido todo de um golpe, á força d'armas, e com todas as oppressões de um governo usurpado. Dividio, pois, Guilherme, de sua propria authoridade, o territorio de Inglaterra em sessenta mil duzentos e quinze feudos militares, cujos possuidores tinham imposta a pena do perdimento de bens se não tomassem as armas ao primeiro signal, que o Soberano lhes fizesse, para se unirem ao seu estandarte. Impoz a tyrannica ley chamada dos bosques (*forest laws*) reservando para si o privilegio exclusivo de caçar em toda a Inglaterra. Assumio o poder de impor tributos. Em uma palavra concedeo-se a si mesmo todo o poder executivo; e uma authoridade judicial ex-

tensissima, exercitada por um tribunal, intitulado *Aula Regis*, em que El Rey presidia pessoalmente ; e que recebendo appellaçoens dos tribunaes inferiores dos baroens, continha em sujeiçaõ o maior, assim como o menor dos subditos.

Daqui temos, que a origem do Governo Portuguez, se acha em um pacto expresso, e solemne do primeiro Rey, com o povo ; o que éstas duas partes contractantes estipuláram em seu nome e de seus descendentes, ficando estes ligados áquellas mutuas obrigaçoens, em tanto quanto a natureza do pacto o permite ou exige. A origem do governo Inglez, pelo contrario, provem de uma conquista,* da força armada, e de um poder phisico manifestamente opposto aos desejos da naçaõ ; e que só pôde tornar-se legitimo com o andar do tempo, pelo tacito, e continuado consentimento da naçaõ ; e por alguns actos expressos do povo e soberano, tal qual a *Magna Charta*, e outros.

Destes differentes principios resultáram tambem effeitos diversos, e consequencias importantes, que mui naturalmente não fôram previstas nem n'um, nem n'outro Reyno. Na Inglaterra, a illegalidade e violencia do Conquistador despertou a attençaõ dos povos de tal maneira, que os Inglezes vigiáram sempre cuidadosamente o procedimento do governo, e não deixáram escapar occasiaõ alguma, em que se pudessem pôr barreiras ao poder da corôa. Estando sempre alerta, e offerecendo-se éstas occasioens pelo decurso do tempo, gradualmente foram restringindo o uso dos direitos da coroa aos proprios canaes por onde deve

* Eu sei mui bem, que ésta opiniaõ he controvertida por alguns authores Inglezes, os quaes seguem, que a palavra *Conquista*, de que usam todos escriptores antigos, fallando da entrada de Guilherme o Conquistador em Inglaterra, significa, no sentido feudal, *acquisiçaõ*. Mas, perguntára eu ; se assim he, ¿ porque não chamam *conquistadores* aos mais Reys, que *adquiriram* a corôa de Inglaterra ?

correr, sem que lhe seja possível trasbordar. De maneira que a mesma violencia da origem deste governo, em um povo que fôra livre, deo indirectamente principio aos regulamentos, que ao despois se fizeram, a favor da liberdade da nação.

Pelo contrario em Portugal, descansados os povos com a legalidade de seu governo ; e até com a bondade de D. Affonso Henriques, e de muitos de seus successores, não pensáram em abrigar-se dos abusos de poder, que pela astucia de ministros ambiciosos, e de homens perversos, viêram a alegar-se, ao diante, como direito, e costume, reduzindo a forma do governo, e a administracção do Reyno ao que hoje em dia se observa.

—◆—

Continuação da serie de buletims Francezes.

Buletim 16. Ebersdorf, de Junho, 1809.

O inimigo tinha lançado sobre a margem direita do Danubio, defronte de Presburg, uma divisaõ de 9.000 homens, que se tinha entrincheirado na aldea de Engerau. O duque de Auerstadt a fez attacar hontem pelos attiradores de Hesse-Darmstadt, auxiliados pelo regimento 12 de infantaria de linha. A aldea foi rapidamente tomada. Um major, 8 officiaes do regimento de Beaulieu, entre os quaes se acha o neto deste marechal de campo, e 400 homens ficáram prisioneiros. O resto do regimento foi morto, ou ferido, ou lançado á agoa. O que restava da divisaõ achou um azylo em uma ilha, para tornar a passar o rio. Os attiradores de Hesse-Darmstadt pelejáram muito bem. O Vice-rey tem hoje o seu quartel-general em Oedenbourg. Os effeitos mais preciosos da corte fôram transportados de Buda para Peterwaradin, para onde se retirou a Imperatriz. O duque de Ragusa chegou a Laybach. O gen. Macdonald está senhor de Gratz ; e cerca da cidadella, que faz apparencias de querer resistir. —Na batalha de Esslingen, o gen. de brigada Foulers, ferido

em uma carga, foi precipitado do seu cavallo ; o gen. de divisaõ Durosnel, ajudante de campo do Imperador, vindo trazer uma ordem do Imperador á divisaõ de courasseiros, que tambem carregava, foi tambem deitado a baixo. Temos a satisfacção de saber, que estes dous gen. e 150 soldados, que criamos ter perdido, estaõ simplesmente feridos, e ficáram nos trigos, quando o Imperador, sabendo que as pontes do Danubio tinham sido quebradas, ordenou o concentramento entre Eslingen e Gross-Aspern. O Danubio abaixa ; entretanto a continuação dos calores faz receiar ainda outra enchente.

Buletim 17. Vienna, 8 de Junho, de 1809.

O coronel Gorgoli, ajudante de campo do Imperador de Russia, chegou ao quartel Imperial, com uma carta deste Soberano para S. M. Annunciou elle, que o exercito Russiano se dirigia para Olmutz, e tinha passado as fronteiras aos 24 de Maio. Antes de hontem, o Imperador passou revista á sua guarda, infantaria, cavallaria, e artilheria. Os habitantes de Vienna admiráram o numero, a bella apparencia, e o bom estado destas tropas. O Vice-rey foi, com o exercito da Italia para Oedemburg em Hungria. Parece que o archiduque Joaõ procura tornar a ajunctar o seu exercito em Raab. O duque de Ragusa, com o exercito de Dalmacia, chegou a Layback aos 3 deste mez. Os calores saõ mui fortes, e a gente practica do Danubio prediz, que haverá uma trasbordaçaõ daqui a poucos dias. Aproveita-se este tempo para acabar de finçar as estacas, alem das pontes de bateis e jangadas. Todas as noticias que se recebem do inimigo annunciam, que as cidades de Presburg, Brunn, e Znaim estaõ cheias de feridos. Os Austriacos avaliam a sua perca a 68 000 homens. O principe Poniatowski, com o exercito do gram ducado de Warsovia ; continua em suas vantagens. Depois da tomada de Sandomir, se apoderou da fortaleza de

Zamosa, onde fez experimentar ao inimigo uma perca de 3.000 homens, e lhe tomou 30 peças de artilheria. Todos os Polacos, que estão no exercito Austriaco desértam. O inimigo, depois de ter ficado mal diante de Thorn, foi vivamente perseguido pelo gen. Dombrowski. O archiduque Fernando não tirou senão vergonha de sua expedição. Deve ter chegado á Silesia Austriaca, reduzido ao terço de suas forças. O senador Wibiski se distinguio pelos seus sentimentos patrioticos, e por sua actividade. O Conde de Metternich chegou a Vienna. Vai a ser trocado nos postos avançados pela legação Franceza, a quem os Austriacos tinham, contra o direito das gentes, denegado os passaportes, e levado a Pest.

N. I. Carta do duque de Ragusa.

SENHOR ! Tenho a honra de dar conta a V. M., que, tendo recebido, do principe Vice-rey a informação de que o exercito Austriaco da Italia se tinha posto em marcha para entrar em Croacia, aos 14 de Maio; aos 16 encontramos o inimigo, nas bellas posiçoens que occupava, ha 15 dias, e ahi o attacamos. Depois de um vivo, mas curto combate, todas as posiçoens de Mont-kitta fôram tomadas pela divisaõ Clausel: matamos-lhes 300 homens, ferimos 6 ou 700, e tomamos 500: muitos largáram as armas, para se salvarem mais depressa nos rochedos, de maneira que 3 ou 4.000 homens fôram dispersos, e faltam no exercito. Entre os prisioneiros se ácham muitos officiaes, e no numero destes ultimos o gen. Sloissevich, commandante em chefe aqui. A força do corpo de exercito inimigo éra de 19 batalhoens, tudo regimentos Croatas ou das fronteiras. Somente doze destes batalhoens se acharam na açãõ, os outros tinham sido destacados sobre a baixa Zermagna. No outro dia, 17, pela manhã, marchei contra o inimigo, que occupava os entrincheiramentos, que havia construido em Popina. Aª nossa chegada abandonou elle estes entrincheiramentos, sem que fosse possível apanhallo, por causa da grande promptidaõ com que obrou. Aos 17 pela tarde, segui-o até diante de Gradschatz, e ataquei, com a minha vanguarda, a retaguarda que elle tinha deixado na desembocadura das montanhas, a fim de favorecer a entrada de dous batalhoens, que tinha em Ervenick: a sua retaguarda foi derrotada, expulsamolla de todas as suas posiçoens, e a seguim s na planicie: entãõ a fez o inimigo sustentar

com todas as suas forças; e como os batalhoens, que deviam vir de Ervenick, estavam sobre o nosso flanco, e pela natureza do terreno nos occupavam muita gente; e, alem disto, não havia tempo para chegar todo o exercito; daqui resultou que estivemos no caso de ter na planicie um combate contra forças mui superiores, combate que mantivemos com grande obstinação. Nos conservamos todas as posiçoens, que haviamos tomado, e todas as vantagens que obtivemos. O combate finalizou ás 10 horas da noite. O inimigo aproveitou-se da escuridão para evacuar a cidade; e na manhã entramos em Gradschatz. Neste ultimo combate fui ferido com um tiro de fogo no peito; mas a ferida he ligeira, a bala não fez mais que esfolar, e nem por isso deixei de preencher as minhas funcçoens. O inimigo postou-se entre Gradschatz e Gospich. Nos o seguiremos logo que nos chegar a artilheria e provisoes, que não pude trazer aos cumes, nem se puderam por em movimento se não depois de estarmos senhores da estrada grande. Espero que será isto amanhã, ou ao mais tardar no dia despois.—Não poderia louvar assas as tropas, que entraram em combate; a saber o 3° de infantaria ligeira, o 11 e 23 de linha, e os valentes e dignos coroneis destes regimentos Bertrand, Bachelu, e Minal; este ultimo recebeo sette feridas, nenhuma das quaes, felizmente, he perigosa. Devo louvar igualmente o gen. Clauzel, e fazer particularissima menção do gen. Delzons, que influio poderosamente nestas vantagens. O numero de homens, que ficaram incapazes de combater, nestas duas acçoens sobe a 300. Sou com o mais profundo respeito, &c.

Quartel general de Gradschatz, 18 Maio. (*Assignado*) O DUQUE DE RAGUZA, Gen. em chefe do exercito de Dalmacia.

N. II. Carta do Duque de Ragusa.

SENHOR! Tive ja a honra de participar a V. M. de haver entrado em campanha o vosso exercito de Dalmacia; e de haver vencido o inimigo em Mont-Kitta; e tambem de haver aprisionado o gen. Sloissevich, commandante em chefe; e do combate de Gradschatz. Agora devo referir a V. M. as operaçoens que se seguiram.—A artilheria e viveres que esperava de Dalmacia, chegaram aos 19, puz-me em marcha, aos 20, para Gospich: aos 21, mui cedo, cheguei á vista de Gospich. O inimigo se havia reforçado com as columnas d'Obrovatz, e de Ervenik, que eram compostas de 4.000 homens, e que ainda não tinham entrado em acção; havia recebido, alem disto, dous batalhoens do regimento de Bannat, e tinha feito reunir toda a populaçãõ em armas. As suas forças eram o dobro das nossas. A

posição do inimigo éra bella. Gospich está situada na reuniaõ de quatro rios, de maneira que, de qualquer lado que se apresente, he necessario passar dous; estes rios saõ mui encanados; e naõ se podem passar senaõ defronte dos sucultos, e nesta estaçaõ só um da váo. Decidi-me a naõ attacar Gospich em frente, mas a voltar-lhe a posição, de maneira que ameaçasse cortar a retirada do inimigo. Para conseguir este fim, éra necessario passar um dos rios a tiro de canhaõ das batterias inimigas, estabelecidas do outro lado do Licea, ou atravessar as montanhas extremamente ingremes, e de difficil accesso, onde os Croatas poderiam resistir com vantagem. O inimigo occupava a margem opposta deste rio, éra necessario lançallo fóra dali, a fim de poder restabelecer a ponte que elle havia cortado. Duas companhias de volteadores do 8 regimento, commandadas pelo Cap. Bourillon, passáram um vao, e obtivéram este fim; pois o inimigo, contando com a sua posição, tinha ali mui pouca força; occuparam essas companhias os dous pontaletes que tocavam o rio. Apenas se tinha executado este movimento, quando o inimigo desembocou pela ponte de Belay, e marchou sobre a divisaõ Montrichard, que seguiu a divisaõ Clauzel. Dei ordem immediatamente ao gen. Clauzel, que fizesse passar o gen. Delzons, com o 8 regimento de infantaria ligeira, o rio que nos ficava em frente, a fim de occupar as alturas de que se tinham apoderado os volteadores, e defendellas, se fosse attcado, com a maior obstinaçaõ possivel. Dei-lhe igualmente ordem de se approximar um pouco aos outros regimentos de sua divisaõ, de maneira que sustentasse a divisaõ Montrichard, com que ia combater o inimigo que desembocava.—Marchou o inimigo sobre nos em tres columnas, eu dispuz logo toda a divisaõ Montrichard, e depois de ter ficado em posição de bem julgar do projecto do inimigo, decidi-me a fazer attacar a columna do centro, pelo 18 de cavallaria ligeira, á frente do qual marchava o gen. Soyez, em quanto o 79, que commanda o cor. Godard, e com quem se achava o gen. Montrichard, continha a direita do exercito inimigo. A carga do 18 foi extremamente brilhante; e he impossivel acostar-se ao inimigo, com maior confiança e audacia do que o fez este valoroso regimento: foi o inimigo derrotado, e perdeu tres peças de artilheria. Nesta gloriosa carga foi ferido gravemente o gen. Soyez. Eu fiz auxiliar immediatamente o regimento 18, pelo 5, debaixo das ordens, do coronel Plauzonne, que marchou sobre a columna da esquerda inimiga, e a fez recuar; obstinando-se o inimigo, enviou poderosos reforços, que exigiram de nossa parte tambem nossos esforços. O regimento 73, que tinha seguido a direita do inimigo, se reunira ao nosso centro, re-

deando um outeiro que o separava. Puz em duas linhas o regimento 18, ás ordens do gen. Launay, e do cor. Bouté, e em reserva um batalhaõ do 11, que destaquei da divisaõ Clauzel. Fazendo o inimigo um novo esforço, o recebeo o regimento 79, com o seu valor ordinario, e um batalhaõ o carregou, em quanto o 81 fazia outro tanto. Esta carga foi taõ viva, que o inimigo se precipitou no rio, e muitos se afogáram: todos quantos passaram teriam sido destruidos, se doze canhoens do inimigo assestados da outra parte do rio Licea não obstassem a que fossem perseguidos. Este esforço terminou a jornada. Na nossa esquerda o gen. Daunay, que marchava á frente dos regimentos 79 e 81, foi ferido. Durante estas acçoens destacou o inimigo seis batalhoens, para attacar as posiçoens que occupava o 8 regimento ligeiro. Este corpo um dos mais valentes do exercito Francez, que commanda o cor. Bertrand, e que o gen. Delzons tinha mui bem postado, resistio com muito vigor e perseverança. Depois de muitas tentativas inuteis, para tomar esta posiçaõ á força descuberta, occupou-se o inimigo em voltalla. Estava em algum pèrigo, quando mandei ao gen. Clauzel, que enviasse ao gen. Delzons tres batalhoens do regimento 11, ás ordens do coronel Bachelu, não somente para sustentar e segurar o regimento 8, mas para tomar a offensiva, e ameaçar a retirada de todo o corpo do inimigo, que elle tinha voltado. O gen. Delzons fez o melhor emprego de suas forças, e o regimento 11 manteve nestas circumstancias a sua reputaçãõ; e em menos de tres quartos de hora, perdeu o inimigo por força, ou evacuou, todas as suas posiçoens: este successo poz fim ao combate. Durante a noite se occuparam as tropas com a maior actividade, em restabelecer a ponte que se havia cortado. A minha tençaõ era passalla ante manhaõ, com todas as trinhas forças, para me achar o mais depressa que fosse possivel sobre a communicaçãõ do inimigo, suppondo que elle não demoraria a sua retirada um so instante. Os trabalhos da ponte fõram mais longos do que eu pensava, e o transporte dos meus feridos foi taõ difficil, que ao meio dia ainda as tropas não estãvam em estado de executar este movimento. Por outra parte o inimigo tinha feito um movimento offensivo, com 4 ou 5.000 homens subindo o Licea. Esta con fança do inimigo pareceo dever prevenir a proxima chegada ao socorro, que trazia o gen. Knesevich, e que se dizia estar a poucas horas de marcha. Entretanto a divisaõ Montrichard passou o ribeiro sem inquietaçãõ, e logo que a frente de minhas columnas se mostrou á entrada da planicie, se dispoz o inimigo á retirada, chamou todas as suas tropas que tinham subido o Licea, e veio formar-se diante de nos, com sette batalhoens, e uma grande

quantidade de artilheria, para bater as gargantas, por onde devíamos penetrar as montanhas para a planície. O gen. Delzons, á frente do regimento 23, ganhou tanto terreno quanto pôde nas margens do ribeiro, e assim que o cor. Planzonne, que commanda a brigada do gen. Soyez depois de sua ferida, formou o 5 e 18 regimentos, marchou ao inimigo, e o forçou a retirar-se. Nos ganhamos em um instante terreno bastante para formar o exercito sem perigo. Este combate foi muito honroso para o cor. Planzonne, e para o regimento 5.º. Sobreveio a noite, que impedio aproveitamos-nos do bom successo; ao amanhecer ja não vimos o inimigo.—Aos 23 entramos em Gospih. Aos 24 marchamos sobre Ottochatz, e encontramos o inimigo, na posição de Jans; que se retirou á nossa chegada. Aos 25 chegamos diante de Ottochatz, onde estava ainda a retaguarda do exercito inimigo, composta de 6 batalhoens, artilheria, e bagagens. Estando as pontes cortadas, nos voltamos todos os pantanos de Ottochatz. O gen. Delzons, á frente do 6 regimento, sustentado pela divizão Clauzel, expulsou o inimigo de todas as posiçoens que occupava para cobrir a estrada grande. Este combate foi brilhante para o 8 regimento, bem como todos os que o precederam; e o gen. Delzons, segundo o seu costume, conduzio este negocio com muito talento e vigor. Eu recebi uma ferida, que espero me não impedirá de fazer o serviço em pouco tempo. Se o gen. Montrichard se não achasse tres horas para a retaguarda, evidentemente estava destruida a retaguarda do inimigo, e bagagem e artilheria tomadas. A'noite se retirou o inimigo a toda a pressa para Carlstadt; e nos tomamos alguma de sua bagagem.—Aos 26 entramos em Segna, e aos 28 em Fiume, onde o exercito se ajunctou aos 22, e d'onde partirá aos 31, para unir-se ao exercito de Italia. O inimigo, nesta breve campanha, teve obra de 6000 homens incapacitados de combater; e grande numero de desertores. Nos temos combatido, ou marchado, todos os dias, por 14 horas, e os soldados, no meio de privaçoens, e fadigas, e perigos, se tem sempre mostrado dignos das bondades de V. M. Eu deveria fazer o elogio de todos os coroneis officiaes e soldados; porque todos estão animados do melhor espirito; mas não posso dizer demasiadamente bem dos coroneis Bertrand, Planzonne, e Bachelu, que são officiaes da maior capacidade. Tambem são devidos muitos elogios ao gen. Clauzel, e devo louvar o gen. Tirlet, commandante da artilheria; o gen. Delaure chefe do Estado maior; e o chefe de esquadrão Amiot, commandante da cavallaria.—Nos temos tido nestas três differentes acçoens, 400 mortos ou feridos. Todos os nossos desejos seriam

preenchidos, Senhor, se o que temos feito, obtivesse a approvaçãõ de V. M.

Quartel general (Assignado) O DUQUE DE RAGUSA.
de Fiume, 30 de Maio, 1809.

Buletim 18. Vienna, 13 de Junho.

A divisaõ do general Chastelar, que tinha levantado o Tyrol; procedeo aos 4 deste mez para os arredores de Clagenfurth, em ordem a lançar-se na Hungria. O gen. Rusca marchou contra elle, e teve um renhido combate em que se fizéram 900 prisioneiros. O Principe Eugenio, com um grande corpo, manobra no centro. Ha alguns dias que o Danubio tem subido um pé.—O General Gratien, com uma divisaõ Hollandeza marchou para Stralsund, onde Schill se tinha entrincheirado; e tomou os entrincheiramentos por assalto. Schill deo ordens para queimar a cidade, a fim de segurar a sua retirada, mas não teve tempo de o fazer. O mesmo Schill foi morto na praça grande, juncto ao Corpo da guarda, ao momento em que fugia, e trabalhava por ganhar o porto a fim de se embarcar.—O archiduque Fernando evacuou Warsaw precipitadamente aos 2 do corrente; assim tem o exercito inimigo abandonado todo o Gram ducado; em quanto as tropas commandadas pelo Principe Poniatowsky occupam 8 quartos da Galicia.

Occurencias em Polonia.

O inimigo continua a sua retirada com a mesma precipitaçãõ; aos 28 do Maio 12 soldados Polacos, que andávam descobrindo campo, encontráram, em Skirniewice, 110 dragoens Austriacos, que iam em retirada; puzéram-nos em confusaõ e fizéram onze delles prisioneiros. Na manhã de 30 o gen. Koinski, que commandava a guarda avançada, havendo entrado em Lowiez, marchou para Sahaczow, onde ja não achou o inimigo; porque se havia retirado para o Pelica. Segundo as noticias que aqui se recebêram parece, que a maior parte das tropas Austriacas se voltáram para a Silesia superior. Commettêram toda a sorte de excesses, e levaram todas as provisões, cavallos, e gado; as requisicoes que se impuseram em todos

os departamentos, saõ executadas com a maior rapidez e effeito.— O archiduque Fernando, naõ obstante os seus ajustes com o principe Poniatowski, de naõ exigir contribuiçoens algumas, requereo da cidade de Warsovia 400.000 florins. Insistio tambem em que o producto do thesouro nacional, os bens allodiaes da coroa, e o resto do emprestimo forçado, de 1808, e que naõ éra devido senaõ em 1810, lhe fosse entregue. A'imitaçãõ do seu commandante, os officiaes generaes e soldados procurãram por todos os modos a ruina do paiz. Estes procedimentos annunciãram a evacuaçãõ de Warsovia, que se seguiu logo.—O principe Poniatowski escreveu ao principe de Neufchatel, em data de 25 de Maio. de Jozeni; e diz que aos 24 o general Rosniechi tomou posse de Jaroslaw, onde aprisionou 1 coronel, 25 officiaes, e 930 soldados. A posse deste lugar corta inteiramente toda a communicaçãõ entre Cracowia e Lemberg, e segura a possessãõ de tres quartas partes da Galicia. A guarda avançada estava a 25 legoas de Cracowia.—As ultimas noticias recebidas no Gram Ducado, do Principe Poniatowski annunciam que elle tomou posse de Boody, a ultima cidade da Galicia, nas fronteiras; e nella achou muitas muõniçoens.

Proclamaçãõ do principe Gallitzin, entrando com os Russos na Gallicia.

A Russia naõ pôde ver com indifferença a guerra, que arrebetou entre a Austria, e França. A Russia fez tudo para prevenir estas ope-raçoens hostis. Até declarou á Corte de Austria, que, segundo os artigos do tractado, entre os Imperadores da Russia e França, e a intima alliança, que havia entre éstas duas potencias, seria ella obrigada a obrar em concerto com a França. A Austria naõ attendeo a nenhuã destas representaçoens; mas trabalhou por longo tempo por occultar as suas preparaçoens da guerra, debaixo do pretexto de que éra obrigada a adoptar medidas necessarias, para sua segurança e defenza, até que por fim, por hostilidades manifestas patenteou os seus designios, e acendeo as chamas da guerra.—A Russia naõ podia hesitar por mais tempo o tomar parte em uma guerra; em que ella estava obrigada a entrar, em virtude dos mais solemnes tractados. Logo que ella soube que tinham começado as hostilidades, rompeo todas as relaçoens de amizade, que tinham subsistido entre ella e Austria, e deo ordens ao seu exercito, que avançasse sobre a Galicia. O Commandante em chefe do exercito, entrando nesta provincia, para se oppor ás vistas da Austria, e para resistir á força, recebeo de S. M. o Imperador ordens expressas, para assegurar solememente aos pa-

cifcos habitantes da Galicia, que as vistas da Russia não são hostis ; que entre todas as operações militares, a segurança, das pessoas e da propriedade, será inteiramente respeitada.—O commandante em chefe provará pela sua conducta, que os principios recommendados pelo seu Soberano, são congenies com as suas inclinações, e sentimentos. Quartel general 11 de Maio, de 1809.

Principe GALLITZIN, Commandante em Chefe.

Buletin 19. Vienna, 10 de Junho, 1809.

O anniversario da batalha de Marengo foi celebrado pela victoria de Raab, que obteve a ala direita do exercito, commandada pelo Principe Vice-Rey, sobre os corpos unidos do archiduque João e archiduque Palatino.—Depois da batalha do Piava tem o Vice Rey perseguido o archiduque João á ponta da bayoneta.—O exercito Austriaco esperava acantonar-se nas margens de Raab, entre St. Gothard e Kermond. Aos 5 de Junho avançou o Vice Rey de Neustadt, e estabeleceu o seu quartel general em Oedenburgh, na Hungria. Aos 7 seguiu os seus movimentos, e chegou a Guns. O gen. Lauriston, com o seu corpo de observação, formou uma junção com a sua ala esquerda. Aos 8, o gen. Montebun, com a sua divisaõ de cavallaria, effectuou a passagem de Raabnitz, juncto a Sovenyhaga, derrotou 300 de cavallo da insurreiçaõ Hungara, e os expulsou para alem de Raab. Aos 9 marchou o Vice-Rey para Sarva. A cavallaria do gen. Grouchy encontrou a retaguarda do inimigo, em Vasvar, e lhe tomou alguns prisioneiros. Aos 10 chegou o gen. Macdonald de Gratz a Kermond. Aos 11 veio o gen. Grenier, e se encontrou em Karako com uma columna do corpo de flanco do inimigo que defendia a ponte. Elle com tudo passou o rio á força. O Gen. Debroc fez uma brilhante carga, com o 9 de Hussares, sobre um batalhaõ de 400 homens, 300 dos quaes ficaram prisioneiros. Aos 10 passou o exercito a ponte de Merse, juncto a Papa. O Vice Rey observou de um Outeiro todo o exercito, inimigo disposto

em linha de batalha. O gen. Montebrun, desembocou na planicie e carregou a cavallaria inimiga, que derrotou completamente, depois de haver feito muitas e habéis manobras. O inimigo tinha ja começado a retirar-se— o Vice Rey passou a noite em Papa. Aos 13 ás 5 horas da manhaã marchou o exercito para Raab. A nossa cavallaria, e os Austriacos se avistáram juncto á aldea de Szarach. O inimigo foi derrotado, e nos tomamos 400 prisioneiros. Havendo-se unido o archiduque Joaõ com o archiduque Palatino, tomou o exercito inimigo uma bella posição juncto ás alturas, tendo a ala direita em Raab, uma cidade fortificada; e a esquerda cubrindo a estrada de Comorn, outra praça forte de Hungria.—Aos 14 ás 11 da noite dispôs o Vice Rey o seu exercito em ordem de batalha; e com 35.000, atacou 50.000 do inimigo. Porém o zelo de nossas tropas foi animado pela lembrança da memoravel victoria, que tinha sanctificado este dia. Todos os soldados déram gritos de alegria quando víram o inimigo, que se collocou em tres linhas, consistindo de 20 a 25 mil homens, dos restos do bello exercito da Italia, que se imaginava senhor da Italia; de dez mil homens commandados pelo general Haddich; e de 5 ou 6 mil dos restos do Corpo de Jellachich, e Corpos do Tyrol, que se tinham ajunctado ao exercito na passagem de carinthia, e de dez ou doze mil da insurreiçãõ Hungara.—O Vice Rey pos a cavallaria do gen. Montbrun, a brigada do gen. Cobbett, e a Cavallaria do gen. Grouchy, na sua direita: o corpo do gen. Grenier formou dous pelotoens, sendo o da direita a divisaõ do gen. Serre. Na guarda avançada uma divisaõ Italiana, commandada pelo gen. Baraguay d' Hilliers, formou um terceiro pelotaõ. A reserva do gen. Puthod formou a reserva. O gen. Lauriston, com o seu corpo de observaçãõ, sustentado pelo gen. Sahve, formou a extremidade da ala esquerda, e observou Raab.—A's duas da tarde principiou a cauhonada; ás tres estávam at-

tancando os nossos segundo e terceiro pelotoens. O fogo de musqueteria foi severo. A primeira linha do inimigo foi inteiramente derrotada; mas a segunda manteve-se por um momento contra o choque da nossa primeira divisaõ, a qual sendo promptamente reforçada, derrotou tambem a linha do inimigo. Apareceu entaõ a reserva do inimigo. O Vice Rey, de sua parte, que seguia todos os seus movimentos avançou com a sua reserva. Foi tomada a bella posiçaõ dos Austriacos, e ás quatro éra a victoria decisiva. O inimigo, que estava em completa desordem, não se pôde unir facilmente, de maneira que não houve obstrucçaõ alguma á nossa cavallaria. Tres mil prisioneiros, seis peças de artilheria, e quatro estandartes saõ as memorias deste feito. O inimigo deixou 3.000 mortos no campo de batalha; entre os quaes ha um Major-general. A nossa perca sobe a 900 mortos ou feridos. Entre os primeiros está o Coronel Thierry; e nos ultimos o Brigadeiro gen. Valentine, e Coronel Ecpent. (Aqui se seguia o louvor dos differentes generaes e divisoens Francezas.) O campo de batalha fôra ja de muito tempo escolhido pelo inimigo, que determinou manter-se nesta bella posiçaõ. Aos 15 foi apertadamente perseguido sobre o caminho de Comorn e Pest. Os habitantes do paiz ficáram tranquilos, e não tomáram parte na guerra. A proclamaçaõ do Imperador tem aquietado os espiritos de todos os homens que pên-sam. He cousa bem sabida, que a naçaõ Hungara sempre desejou a sua independencia. A parte da insurreiçaõ, que está agora com o exercito foi levantada pela ultima Dieta; está em armas, e faz o serviço.

Buletim 20. Vienna, 20 de Junho, 1809.

Quando chegáram a Buda as noticias da victoria de Raab, deixou a Imperatriz logo aquella cidade.—O exercito inimigo foi perseguido nos dias 15 e 16, passou o Danubio na ponte de Commorn.—A cidade de Raab foi in-

vestida ; e esperamos fazernos senhores della em poucos dias. Tomamos ja o campo entrincheirado de Raab, que conterà 100.000 homens. O inimigo tem inundado o paiz com noticias falsas ; isto he parte do systema adoptado para mover a classe baixa do povo.—Mr. De Metternich deixou Vienna aos 18. Será elle trocado por Mr. Dodun, e mais officiaes da Legação Franceza.—O Principe Galitzin entrou na Gallicia aos 3, em tres columnas.

Buletin 21. Vienna, 22 de Junho, 1809.

Um ajudante de campo do principe Joseph Poniatowski chegou aqui do quartel general do exercito do Gram ducado. Aos 10 do corrente o Principe Sergio Galitzin deveria estar em Lublin, e a sua guarda avançada em Sandomir. O inimigo se entretem com publicar diariamente buletins, em que falla de novas victorias. Segundo a sua conta, 20.000 espingardas, 2.000 couraças lhe caíram nas mãos, na batalha de Esslingen. Diz elle que ficou senhor do campo de batalha aos 20 e aos 24. Até tem distribuido medalhas de prata em commemoração desta batalha, representando-se como se estivesse com um pé na margem esquerda, e outro na margem direita do rio, e as suas baterias commandando, em todos os pontos, as ilhas e campo de batalha. Elle tambem inventou uma acção a que chama a batalha de Kitsee, (Kitsee está na margem direita do Danubio, uma legua distante do rio) um grande numero de Francezes fôram mortos ou aprisionados. Estas pueris historias, espalhadas pelas pequenas columnas de Landwher, como fôram as de Schill, são uma especie de tatica empregada para agitar o paiz, e excitar a insurreiçãõ.

O general Marziani, que fôra tomado prisioneiro, na batalha de Raab, chegou ao quartel gen. Diz elle que o Archiduque Joaõ, depois da batalha de Piava tem perdido dous terços de suas forças, e que recebeu subsequentemente recrutas, que quasi preencheram as faltas, porém

que não sabem o uso da espingarda. Avalia a perda dos archiducques Joaõ e Palatino, na batalha de Raab, em 12.000 homens. Segundo a relação dos prisioneiros Hungaros, o Palatino foi o primeiro que fugio naquelle dia. Avaliaram alguns as forças do exercito Austriaco, em 90.000 homens, e comparáram este numero com 80.000 homens tomados prisioneiros desde que se abriu a campanha, mas nisto se mostráram capazes de mui pouca reflexão. O exercito Austriaco começou a campanha com nove Corpos de exercito, cada um de 40.000 homens, e no interior havia corpos de recrutas, e Landwber; de maneira que a Austria tinha actualmente em armas 400.000 homens. Desde a batalha de Abensberg até a tomada de Vienna, incluindo os acontecimentos da Italia e Polonia, devia o inimigo ter perdido 100.000 prisioneiros, e 100.000 mortos, feridos e extraviados. Elle deve portanto ter ainda 200.000 de resto, que estáram distribuidos da maneira seguinte.—O archiduque Joaõ, antes da batalha de Raab, tinha 50.000 homens; o principal exercito Austriaco, antes da batalha de Esslingen, consistia de 90.000 homens; ficam 25.000 do exercito do archiduque Fernando, em Warsaw; e havia 25.000 homens espalhados pelo Tyrol e Croacia, obrando como partidarios nas fronteiras de Bohemia.

Os Austriacos em Esslingen consistiam do 1.º corpo, commandado pelo gen. Bellegarde (um que não tinha entrado em acção e estáva ainda intacto) e dos restos do 2.º, 3.º, 4.º, e 5.º, Corpos, que soffrêram muito nas acçoens precedentes. Se estes corpos não tivessem soffrido perda alguma, e na sua junção contivessem a mesma força, que tinham no principio da campanha, teriam consistido de 240.000 homens. O inimigo, porém, não tinha mais de 90.000 homens; d'onde fica manifesto, que tinham soffrido terriveis percas. Quando o archiduque Joaõ sahio a campo consistia o seu exercito do oitavo corpo, e que fa-

zia um aggregado de 80.000 homens. Em Raab tinha 50.000; pelo que a sua perda deve ter sido 30.000 homens. Mas entre estes 50.000 se incluíam 15.000 da insurreicão Hungara, de maneira que a sua perda actual sobe a 45.000 homens. O archiduque Fernando entrou em Warsaw com o 7.^{mo} corpo, composto de 40.000 homens, está reduzido a 25.000; de maneira que a sua perda fôram 15.000 homens. He obvio o como estas differentes avaliçoens se supportam, e corroboram umas ás outras. O Vice Rey derrotou 50.000, em Raab, com 30.000 Francezes. Em Esslingen 90.000 fôram derrotados e repulsados por 30.000 Francezes, que totalmente os destruiriam, se não fosse pelo accidente das pontes, que occasionou a falta de muniçoens.—Os grandes esforços da Austria são o resultado do papel moeda, e da determinaçãõ adoptada pelo Governo Austriaco, de arriscar as maiores perças pelos maiores ganhos. Exposto ao perigo de uma bancarrota, que terfa produzido uma revoluçãõ, quiz antes acumular 500:000.000 á massa existente do seu papel moeda, e fazer o ultimo esforço para que fosse pago pela Alemanha, Italia, e Polonia. He provavel que ésta razaõ mais do que nenhuma outra, influisse a sua determinaçãõ.—Não tem voltado da Hespanha um so regimento Francez, excepto as Guardas Imperiaes.—O gén. Conde Lauriston adianta o cerco de Raab, com o maior zelo. A cidade esteve ja em chamas por 24 horas, e o exercito, que em Esslingen ganhára taõ grande victoria, que lhe cahiram nas mãos 20.000 mosquetes, e 2,000 courassas; o exercito que na batalha de Kitsee matou tantos, e fez tantos prisioneiros; o exercito que, segundo os seus mentirosos buletims obteve tantas vantagens, na batalha de Raab;—socegradamente vê a sua principal fortaleza cercada, e incendiada, e a Hungria de fastada pelas partidas de batedores de campo; e manda sua Imperatriz, a sua Corte, e os effeitos preciosos de seu governo, a fim de segurança, para as fronteiras da Tur-

quia, e as mais distantes extremidades da Europa.—Um major Austriaco emprehendeo cruzar o Danubio com dous vazos na boca do Marcha. O gen. Gilly Vieux foi contra elle, com umas poucas de companhias, lançou-lhe a sua força ao rio, e fez 40 prisioneiros.

Buletim 22. Vienna, 24 de Junho, 1809.

Raab capitulou, ésta cidade forma uma excellente posição no centro da Hungria; he defendida por Bastioens; os seus fossos estão cheios d'agua, e uma inundaçãõ cobre parte delles; está situada na confluencia de tres rios? em pequena escalla parece-se com a situaçãõ de um campo entrincheirado, onde o inimigo esperava ajunctar e exercitar a insurreiçãõ Hungara, e onde havia construido immensas obras. A guarniçãõ, composta de 1800 homens, éra insufficiente. O inimigo intentava deixar 5.000 homens, mas por causa da batalha de Raab ficou o seu exercito separado daquella praça. A cidade soffreo consideravelmente por um bombardeamento de oito dias, que destruiu os seus mais bellos edificios. Naõ teve effeito tudo quanto se lhe disse sobre a inutilidade da defensiva; enganava-se a guarniçãõ pela esperanza de ser soccorrida. O Conde de Metternich, depois de estar tres dias nos postos avançados voltou para Vienna. O secretario de Embaixada Dodun, e as pessoas addidas ás Legaçoens dos alliados, que se naõ tinham retirado antes da captura de Vienna, fôram postos em liberdade nos confins da Hungria, quando se recebeo em Buda a noticia da perca da batalha de Raab.—Dous batalhoens de Landwehr, dous esquadroens de Hulans, e um batalhaõ de tropas de linha, formando ao todo 2.500 homens, entráram em Bayreuth. Tem elles, na forma do costume, distribuido proclamaçoens, e trabalhado por excitar insurreiçoens. Ao mesmo tempo o gen. Am Ende entrou em Dresden, com tres batalhoens de linha, tres batalhoens de Landwehr, e uma co-

lumna de gente levantada pelo Duque de Brunswick, e alguns esquadroens de Cavallaria tirados dos differentes corpos; formando ao todo 7 ou 8 mil homens. O Rey de Westphalia, se ajunctou ao 10^{mo} corpo, e está em marcha. O Duque de Valmy pos em movimento a guarda avançada do exercito de reserva, que commanda, (seguia-se a capitulação de Raab, que consiste de 11 artigos, he datada de 22 de Junho, concedeo-se á guarnição as honras da guerra, depositar as armas na esplanada, se não forem soccorridos até ás 4 horas da tarde de 24. Ao despois irão para Comorn, e não servirão contra a França e seus alliados, durante a guerra até serem regularmente trocados.)

Buletim 23. Vienna, 28 de Junho, 1809.

Aos 25 deste mez passou S. M. revista a um grande numero de tropas, nas alturas de Schoenbrunn. Vio-se ali uma bella linha de 8000 cavallos, de que as guardas formávam parte, e em que havia somente um regimento de Courasseiros: havia tambem uma linha de 200 peças de artilheria. A apparencia, e ar marcial das tropas excitáram a admiração dos expectadores.—Sabbado, 24, ás 4 horas da tarde, entraram as nossas tropas em Raab, e aos 25 sahio a guarnição prisioneira de guerra. Segundo a avaliação que se fez, montam a 2.500 homens. S. M. tem dado ao general de divisaõ Narbonne o commando deste lugar, e de todos os estados de Hungria rendidos ás armas Francezas. O duque de Auerstadt está diante de Presburgh; o inimigo trabalha nas fortificaçoens. Foihe intimado que desistisse das obras, se não queria attrahir sobre os socegados habitantes as maiores desgraças. Elle não fez caso disto: 4000 bombas o obrigáram a renunciar ao seu projecto; mas arreventou o fogo na quella infeliz cidade, e varios bairros fôram queimados. O duque de Ragusa, com o exercito de Dalmacia, passou o Drave aos 22, e marchou para Gratz.—Aos 24 embarcou o gen. Vandame 300 Wurtemberguezes, commandados

pelo major Kechler, em Molk, em ordem a lançar-se na margem opposta do Danubio, e adquirir noticias, effectuouse o desembarque. Estas tropas derrotáram duas companhias do inimigo, tomáram dous officiaes, e 80 homens do regimento de Milbrowski.—O principe de Ponte Corvo, e o exercito Saxonico, estão em St. Polten.—O duque de Dantzic, que está em Lintz, ordenou ao gen. Wrede, que reconhecesse a margem esquerda. Todos os postos do inimigo fôram renulsados varios officiaes, e 20 homens foram aprisionados. O objecto deste reconhecimento foi tambem procurar noticias.—A cidade de Vienna está plenamente provida de carne, o provimento de paõ he mais difficil, por cauza do impedimento de moer o trigo. A respeito da subsistencia do exercito, está segura por seis mezes; tem vinho, e vegetaes em abundancia. Os vinhos das adegas dos conventos fôram postos em um armazem, para fornecerem distribuçoens ao exercito. Alguns milhoens de garrfas se ajunctaram por este expediente. Aos 10 de Abril, justamente ao tempo em que o gen. Austriaco prostituia o seu character, e armava laços ao Rey de Bavaria, escrevendo a carta que appareceu em todos os papeis publicos, o general chasteller excitava o Tyrol a insurreiçãõ; e surprendeo 700 Francezes conscriptos, que fãam para Ausburgh, onde estavam os seus regimentos; e que marchávam na confiança da paz. Obrigados a render-se e feitos prisioneiros, fôram todos assassinados. Entre elles havia 80 Belgas, nascidos na mesma cidade de Chasteller. Oito centos Bavaros que fôram aprisionados ao mesmo tempo foram tambem passados a espada. Chasteller, que commandava foi testemunha destes horrores. Elle naõ somente se naõ oppos a isto, mas até o accûsam de se ter rido vendo a matança, com a esperanza de que os Tyrolezes, temendo a vingança devida a um crime de que naõ podãam esperar perdaõ, se entranhassem mais na sua rebeliaõ. Quando S. M. foi informado destas atroci-

dades, se achou n'uma situação difficil. Se quizesse fazer reprezalias ; 20 generaes, 1000 officiaes, e 80.000 homens, que foram aprisionados no mez de Abril, podiam haver satisfeito aos manes dos infelizes Francezes, que foram mortos com tanta covardia. Mas os prisioneiros não pertencem á Potencia por quem pelejaram ; estaõ debaixo da salvaguarda da nação que os desarmou. S. M. considerou a Chasteler como obrando sem estar authorizado ; porque, não obstante a furiosa proclamação, e linguagem violenta dos princies da casa de Lorena, éra impossivel crêr que elles approvassem taes crimes. S. M. em consequencia, publicou a seguinte ordem do dia.

(*Continuar-se-ha.*)

Alemanha.

O Archiduque Carlos resignando o seu lugar de Generalissimo das tropas do Imperador, fez ao exercito a seguinte despedida. Zittau, 31 de Julho, 1809.

“ Havendo-me resolvido, por mui importantes razoens, a requerer a S. M. que aceitasse a minha resignação do commando do exercito, que me fôra confiado ; recebi hontem o seu consentimento, e ao mesmo tempo as suas ordens para transferir o commando em chefe ao gen. de cavallaria Principe de Lichtenstein.

“ Deixando o exercito, me interesso, o mais vivamente que he possivel, na sua sorte. A perfeita convicção em que estou do seu valor, a confiança que nelle sempre puz, e o constante habito de dedicar os meus esforços ao seu serviço, fazem ésta separação indizivelmente penosa. Lisonjeo-me de que o exercito participa della, e retribue estes sentimentos.”

“ CARLOS.”

França.

Paris, 30 de Agosto.

O Commandante Inglez na Hespanha tendo sido obri-

gado a deixar na sua retirada um grande numero de feridos em Talavera, escreveo a carta seguinte ao General em Chefe do exercito Francez :—

SENHOR!—A sorte da guerra poz nas vossas mãos um numero de officiaes, e Soldados Inglezes. Elles saõ valerosos, e merecem a attençaõ, e o cuidado daquelles, que apreciaõ o valor. Eu tenho a honra de vollos recomendar e de requerer que hajais de permittir-me mandar a Talavera, afim de cuidar d’elles, alguns officiaes, que naõ seraõ considerados prisioneiros de guerra, mas que teraõ licença de voltar, quando os feridos algum tanto melhorarem.

Requeiro tambem a vossa permissaõ para transmitir aos officiaes feridos pequénas sommas de dinheiro, de que devem estar em muita precizaõ.

He em nome da humanidade, que eu vos dirijo este peditorio, o qual tenho direito á fazer-vos, pois que sempre prestei particular attençaõ aos Soldados Francezes, que o acaso da guerra tem feito meus prisioneiros, e tenho mesmo suprido os officiaes com dinheiro. Tenho a honra de ser, &c. &c. (*Assignado*) “ARTHURO WELLESLEY.”

Resposta do Duque de Treviso (Marechal Mortier.)

“ Quartel General, 10 de Agosto.

SENHOR!—Recebi a carta aberta dirigida por vos ao Commandante em Chefe, em que requerieis a sua attençaõ pelos doentes, e feridos, que vos visteis obrigado a deixar na vossa retirada. Elles saõ tractados como os nossos doentes, e feridos; e eu tenho-me esmerado em dar todos os soccorros possiveis áquelles, que cahiram nas minhas mãos. Dividas, General, taõ estas, que as naçoens valorosas devem umas ás outras.

Eu remetterei a vossa carta ao Commandante em Chefe, que so pode responder ao vosso peditorio de mandar officiaes a Talavera, até que os doentes, e feridos de alguma sorte melhorem. Entre tanto eu terei o prazer de os suprir com o dinheiro, que elles precisarem. Tenho a honra de ser, &c. &c.

O Marechal Duque de TREVISQ.

Por occasião de Festividade, Napoleaõ, o Imperador passou o decreto seguinte. Do nosso campo Imperial de Schoenbrun, 15 de Agosto.

“ Napoleaõ, Imperador do Francezes, &c.

“ Por quanto he nosso dezejo commemorar, por um monumento duravel, a nossa satisfacção, á cerca da conducta do nosso exercito e do nosso povo, durante a campanha de Jena, e do Vistula; nos temos determinado, e aqui decretamos o seguinte:—

“ I. Erigir-se-ha sobre a Ponte Nova um Obelisco de marmore de Cherbourg, de 180 pés de altura, com ésta inscripção.—O Imperador Napoleaõ ao Povo Francez.

“ II. Nos lados do Obelisco seráo representadas todas as proezas, que nestas duas campanhas contribuíram para a gloria da França.

“ III. O Director-Geral do nosso Museo fica encarregado da execucao deste Monumento. O nosso Ministro do interior nos apresentará o modello do Obelisco até ao 1 de Janeiro, de 1810.

“ IV. Fundos particulares seráo destinados para as despezas deste Monumento.”

“ NAPOLEAÕ.”

Hollanda.

Relação official do Marechal Dumonceau, commandante em chefe do exercito Hollandez, no Brabante e Zelândia.

SENHOR! A Infanteria debaixo do meu commando chegou aqui hontem á noite ás 5 (em Wemeldinge) e immediatamente despois um batalhaõ de caçadores foi para Ter Goes, que o inimigo desocupára na manhã antecedente. Hoje o ten. gen. Bruno tomou a seguinte posição: o 3.º regimento de linha esta em Wemeldinge, e observa os movimentos do inimigo em Ketten, e toda a linha ao longo do Scheldt Oriental ante Kallendyke; o 2.º regimento possui a cidade de Ter Goes, e tem a guarda de

Beveland do norte, com duas companhias de caçadores; o 1.º regimento de caçadores occupa Neer-Arendschurch, Nisse, e Baarland, guarda o Sloe para Hoedkenschurch; o ten. gen. Bruno fortificou-se em Ter Goes; os Hussares devem tomar uma posição no districto de Ter Goes; e toda a linha de postos avançados está cheia de numerosas patrulhas, ao mesmo tempo que a artilheria se aquartellará em reserva por de traz de Ter Goes, a fortaleza de Bathz está occupada pelo 6.º regimento. O inimigo ainda não evacuou Walcheren, mas tudo anuncia que elle não tardará em abandonar a Zeelandia; porque não trabalha nas baterias, e presume-se que está embarcando a bagagem pezada. Ajuncto a lista dos navios do inimigo, que estão agora á vista; recebi a dicta lista em Ter Goes, onde passei a noite, ás 11 horas. He possível que antes da noite possa haver outro movimento. Hontem algumas pinnaças Francezas chegaram ao forte de Bathz, e fôram outravez para Lillo; eu não sei se o exercito Francez tem feito algum movimento. A communicacão com o principe de Ponte Corvo tem-se feito mais difficultosa; e ésta he certamente a razão porque não tenho recebido resposta á minha carta de 4.

Chapeler em Ter Goes, 6 de Sept.

O Marechal da Hollanda DUMONCEAU.

Segunda relação Official.

SENHOR! Forte Bathz foi tomado aos 4; dia do anniversario de V. M. Esta empreza parece ter causado a maior admiracão ao inimigo. Na mesma noite parti para Bergen-op-Zoom, aonde cheguei á noite com todas as minhas tropas. O almirante Ruijach, e general de Mellet, governador da praça, me dêram todo o adjutorio que pudéram, a fim de ajunctar os vasos necessarios ao transporte da soldadesca, que me devia acompanhar para Beveland do Sul. Embarcamos aos 5, pelo meio dia. Ao largar do porto encalháram alguns vasos; eu prosegui com

o resto, e cheguei ás cinco da tarde ante Wemeldingen. O inimigo, que estava anchorado, na distancia de tiro e meio de peça, vio o nosso movimento sem tentar interrompêllo; e todas as minhas tropas desembarcáram sem accidente. Os nossos cavalloos não se pudéram desembarcar até a manhaã do dia 6; e durante a noite se entreteve o inimigo em mandar alguns soldados em chalupas, fizéram fogo de musqueteria, sobre os nossos vasos que estávam protegidos por um batalhaõ do 3.^o regimento de linba. Depois da desembarcaçaõ, mandei tres companhias de caçadores tomar posse do lugar de Ter Goes, e eu fui igualmente para ali com o Major-General Stedman, chefe do Estado-maior-general. A's 7 horas entramos entre repiques de sinos, em quanto o commandante da Cavallaria, e o ten. gen. Bruno, um dos melhores generaes de V. M., ajunctava as suas tropas cerca de Wemeldingen. Aos 6 ao amanhecer, procedeo o gen. com tres batalhoens para Ter Goes, em quanto dous batalhoens fôram postos por detraz de Slue.—Durante a noite e ao romper do dia, fui informado de que a força inimiga, que me cercava, éra todavia mui consideravel. Vimos 218 vasos, fragatas, brigues, e cutters; sem contar os botes, que se não podiam bem numerar por causa da neblina. A frota do inimigo, no Scheldt oriental, subio por Zierikzee ante Keeten, e acima por Stavenisse, em quanto 120 navios estavam anchorados ne Scheldt accidental, de Borseleu até Baarland. Sendo esta a nossa situaçaõ, nos estavamos algum tanto expostos; mas quando o inimigo percebeo que nós estavamos acima de Sloe, e que os nossos atiradores tinham chegado a Ellewoutsdyk; onde se ajunctávam em grande força; julgou-se mais exposto do que nós estavamos; porque, durante a noite, se retirou sobre um lado a Flushing, e sobre o outro para traz de Zierikzee, e para o Roompot.—Quando os nossos attiradores viéram para Ellewoutsdyk, o inimigo, que occupava aquella aldeia

se retirou, e os nossos volteadores fizéram alguns prisioneiros. O sargento Smit só fez prisioneiros quatro Inglezes; tal éra a sua confusão.—Desde hontem de manhaã que se não tem o inimigo opproximado a Beveland do Sul; occupa elle Walcheren, e está levantando seis ou sette batterias, de quatro peças cada uma, sobre a margem do Sloe, a fim de defender a passagem.—Deixando ao gen. Bruno o cuidado de observar o inimigo, parti hontem para Bathz, levando comigo o capitão de engenheiros Van. Ingens official de distincção, que naõ posso recommendar assas a V. M.—As noticias, que recebemos hontem á noite, annuncíam que o inimigo está evacuando Ter Vere. V. M. pode estar seguro de que terei todo o cuidado possivel em obedecer fielmente ás instrucçoens que V. M. foi servido dar-me. Durante as poucas horas que tem decorrido depois que aqui estou, tenho preparado tudo para levar adiante as minhas operaçoens. Estou a partir daqui por momentos.

Bergen-op-Zoom,

Marechal DUMONCEAU.

Sept. 8, 1809.

Conta Statistica da Gram Bretanha.

População da Inglaterra propriamente dicta, em 1377, 2:092, 978; em 1483, 4:686.000; em 1688, 6:500,000; em 1786, e na ultima enumeração por ordem do Parlamento, cerca de 8:000.000.

Avaluação das rendas nacionaes, calculada para a imposição das taxas, e tributos.

Renda de terras	-	-	libras esterlinas	29:000.000
Renda de cazas	-	-	-	8:500.000
Lucros de agricultura, e occupação de terras				6:120.000
Reditos dos trabalhadores em agricultura	-			15.000.000
Lucros de Minas, canaes, carvoarias, &c.	-			2:000.000
Lucros de navios mercantes, e costeiros	-			1:000.000
Reditos dos proprietarios de acçoens nos fundos publicos	-	-	-	20:500.000

De hypothecas, e outros dinheiros de em- prestimo	-	-	-	3:000.000
Lucros no negocio estrangeiro	-	-	-	11:250.000
Lucros de manufacturas	-	-	-	14:100.000
Pagamentos do exercito, marinha, e mari- nheiros mercantes	-	-	-	5:000.000
Reditos do clero de todas as descripçoens	-	-	-	2:200.000
Juizes, e mais officiaes de justiça	-	-	-	1:800.000
Professores, mestres da escolha, &c.	-	-	-	600.000
Mercadores de retalho	-	-	-	8:000.000
Varias outras proffissoens, e empregos	-	-	-	2:000.000
Criados e Criadas	-	-	-	2:400.000
				132:470.000

Desta taboa se pode formar um calculo da somma de capital nacional; que monta a £1:200:272.000. Mr. Pitt no anno de 1795 avaliou toda a propriedade de raiz a 750:000.000; e a propriedade pessoal a 600:000.000, fazendo um total 1:350.000.

—◆—

Reflexoens sobre as noticias deste mez.

Norte da Europa.

Os negocios do Imperador de Austria acham-se a este momento envolvidos em certa obscuridade mysteriosa, que não he mui facil explicar. O character violento de Buonaparte affiança a conjectura de que, se os Francezes estivessem seguros da superioridade de forças de que se gabam, não teriam soffrido prolongar-se uma negociação para ajustar pontos, que uma batalha mais ou menos podia decidir com brevidade; e deixar os exercitos Francezes livres para podêrem concluir com a Hespanha. e levar a diante, o ataque da Turquia e mais planos da ambiciosa França. Tem-se querido explicar a delonga destas negociaçoens, pelo descontentamento do Imperador da Russia, o qual, segundo os rumores, não quer acquiescer aque Buonaparte fique senhor da Galicia; e com effeito, se nós pudessemos suppor, que o raciocinio imparcial, e não a intriga, que os principios da saã politica, e não os interesses particulares de certos cortezaõs, dirigiam os

negocios do Gabinete de S. Petersburgo, dariamos grande pezo a ésta conjectura; porque todos os offerecimentos de Buonaparte de ceder á Russia a maior parte da Turquia Europea, ainda suppondo o improbabilissimo caso de que Buonaparte, por um exemplo raro, cumpria com a sua palavra, a acquisição de parte da Turquia Europea offereceria mais um ponto de contacto entre a França e Russia; e que juncto á posse da Galicia, confinante com o imperio Russiano obrigaria ao Czar ou a manter em todas éstas vastas fronteiras um exercito capaz de vigiar e embaraçar todos os movimentos hostis dos Francezes; o que lhe deve custar mais do que o imperio pode pagar; ou a não fazer isto he preciso, que o Czar se abandone inteiramente á discripção de Buonaparte. Mas a razão porque não supponmos que estes racionios são os que determinam as resoluçoens do Gabinete de S. Petersburgo; he, que passou ja o momento em que o Imperador da Russia se podia declarar pela Austria, e combinando os seus exercitos tentar a fortuna das armas, para obrigar Buonaparte a ceder de suas extravagantes pretensoens. Que estes não sêjam os motivos da prolongação do armisticio, mas sim o conhecimento que Buonaparte tem de que não he assas forte para levar os seus planos á execução sem o auxilio da intriga, se prova pelas continuadas levas que se fazem em França, e até pela formação de novos corpos de exercito. Infelizmente, porém a resignação do archiduque Carlos, e outras medidas da Corte de Austria indicam, que a discordia de opinioens no Gabinete Austriaco não da lugar a que se aproveite da fraqueza relativa de Buonaparte, o qual no entanto amadurece os seus planos, e ajuncta os meios de os pôr em execução.

Negocios da Peninsula.

Ha dous mezes passados depois que as esperanças sobre os successos da Hespanha pareciam taõ bem fundadas, que apenas haveria quem pudesse conjecturar o resultado actual. Os exercitos Francezes divididos em pequenos corpos, e obrigados, a estar separados, como unico meio de ter posse effectiva das Provincias que haviam tomado. O exercito Portuguez, debaixo de Beresford, o Inglez comandado por Lord Wellington; tres exercitos Hespanhoes, sob Romana, Cuesta, e Vane-gas, tudo em plena marcha para Madrid, sem que se temesse alguma interrupção. Tal prospecto seguramente não dava lugar a crêr que seria permittido aos Francezes reunir todos os seus corpos, sem que nenhum delles fosse atacado separadamente; para cumulo de admiração, diz-se que os Francezes não ganháram a victoria em Talavera; que foram obrigados a dispersar-se outra vez para as posiçoens que

d'antes occupávam ; e não obstante isto os exercitos alliados abandonam o plano de marchar a Madrid, e poem-se tudo, em plena retirada!! As causas que se tem assignado publicamente para ésta retirada, são a ruindade dos caminhos, a falta de viveres, e ainda uma culpa formal ao gen. Hespagnol Cuesta. Mas se a Hespanha tem maos caminhos, se tem escaceza de mantimentos ; não soffrem os Francezes taõbem os mesmos inconvenientes? A causa pois de se frustrarem taõbem fundadas esperanças deve existir em outro principio até aqui não explicado ao publico. Venegas teve um ataque com os Francezes em que se diz que ficára victorioso: mas ganhar ou perder uma acção he quasi indifferente ; o politico olha para o resultado geral. O chamamento de Cortes, que todos os partidos confessam agóra ser uma medida necessaria ; se tivesse sido executado ha um anno teria feito mais bem á causa da Peninsula do que vinte batalhas ganhadas. O Marquez de La Romana foi chamado para Sevilha, e dizem que he para ajudar com sua influencia á meditada reforma do Governo Hespanhol.

O Decreto da Juncta Suprema, em Sevilha, datado do 1o. do Corrente mez, comparado com outros que se tem publicado, mostra clarissimamente a necessidade que ha de organizar uma forma de governo, que adoptando por baze a justiça, e o bem da nação, destrua os abusos antigos e mostre aos povos, que elles podem esperar de um governo de nacionaes, reformas uteis; quando os Francezes não faraõ mais do que illudillos com promessas de beneficios, que nunca realizam. Os canaes e estradas que Junot prometteo a Portugal, ainda não chegáram, a contribuição forçada, essa realizou-se logo: em uma palavra he necessario que os governos ouçam a vos da philosophia e da humanidade para ter a affeição dos povos; he ésta a unica barreira que se pode oppor á guerra actual, que he justamente una guerra de opiniaõ. A Juncta Suprema diz no seu Decreto que “ não poderia satisfazer nem aos seus desejos nem ás esperanças do povo, se não tractasse de corrigir os vicios que existem no interior da administraçaõ.” He a Juncta Suprema quem confessa estes males, ja não he o escriptor philanthropo, aquem até agora chamavam desorganidor, por que dizia aquillo mesmo. Mas quem se enfurecia contra os amigos da humanidade, que notavam a necessidade de reformas? Cortezaõs viciosos, interessados no mal.

Inglaterra.

A mudança de Ministerio neste paiz, he a mais importante novidade do dia. A nação Inglesa tinha formado grandes esperanças

sobre o resultado da expedição a Walcheren, e porque esses resultados, que cada um se imaginava, não acontécêram, lançou-se a culpa toda sobre os ministros, a opiniaõ publica desacreditou-os; e elles fõram obrigados a renunciar os seus lugares. A conducta destes homens será indubitavelmente objecto de inquiriaçãõ judicial, e portanto he necessario differir até entãõ o nosso juizo, para fallar com exactaõ; mas ao mesmo tempo que não supponmos os ministros passados de nenhuma maneira responsaveis por certos accidentes imprevisitos, como foi o armisticio de Austria, que desconcertou os seus planos, ventos contrarios, &c; não podemos deixar de louvar o character da nação Inglesa, que bem longe de acquiescer a tudo quanto fazem os homens publicos, exige delles até o explicar as falhas, que, sendo imputaveis ao acaso, não fõram previstas. Esta feliz ilha, portanto, não pode deixar de prosperar, em quanto a nação continuar a fazer responsaveis as pessoas a quem encarrega da administraçãõ dos negocios publicos. O Inglez he livre; porque considéra os ministros, não como semideozes, mas como os ministros, isto he os servos da nação.

Portugal.

Deste paiz, graças á actividade dos Governadores do Reyno, nada temos a dizer senãõ, que estaõ fazendo o processo a um homem morto (o gen. Freire) e que continuam a ter nas prizoens da Inquisiçãõ alguns dos prezos de quem ja fizemos mençaõ por mais de uma vez. Uma de duas, ou este systema de procedimentos illegaes hade acabar; ou a causa da Peninsula se hade ultimamente perder. As nossas esperanças fundamentam-se na primeira alternativa,

America Meredional.

As ultimas noticias, recebidas do Rio da Prata, fazem mençaõ de que Linieres, depois da chegada do novo Governador, nomeado pela Juncta Suprema da Hespanha, se retirou para o interior do paiz, formou um corpo, de Hispano-Americanos, e se dispunha a fazer uma opposiçãõ decidida, contra o actual governo da Hespanha. Ainda que nós não costumamos nem publicar, nem fundamentar os nossos raciocinios sobre noticias que não são officiaes, com tudo ésta he taõ provavel, e taõ analoga ao que temos sempre suposto, a respeito da futura sorte das colonias de Hespanha; que temos bastante susto que não séja este o signal para uma guerra civil, na quelle paiz; acontecimento que repetidas vezes temos dicto ser muito para recear. Supponhamos a hypothose de que Linieres, vendo que não pode segurar

aquellas colonias para a França, e temendo ao mesmo tempo confiar a sua pessoa ao Governo Hespanhol, offerece aos habitantes do Paraguay e Chili, o capitaneallos na sua declaração de independencia; neste caso, uma opposição da parte dos partidistas da antiga Hespanha, he cousa summamente provavel; e eis ahi a guerra civil declarada. Agora ; que parte deve tomar a Inglaterra nesta disputa; para ficar amada do partido vencedor, no fim da contenda? Mas não he só ao Governo Inglez, aquem compete o obrar com circumspecção, e vistas do futuro. O Governo do Brazil tem nisto o mais immediato interesse. He agora que se podem lançar os fundamentos a uma solida amizade entre naçoens vizinhas; ou, se seguirem uma politica contraria; fomentar uma inimizade, que pode, com o andar dos tempos, produzir mui funestas consequencias. Praza a Deus que a saã politica, e naõ os prejuizos, conduza agora o Gabinete do Brazil; e que a Inglaterra naõ deixe a Linieres gritar aos do Paraguay que he da França que pódem esperar a sua independencia. Se deixarem prevalecer este grito; as consequencias saõ evidentes.

Estados Unidos.

A lei, que prohibio a communicação com a Inglaterra, e que tinha sido suspendida, pelo Presidente, na supposição de que o Governo Inglez tinha abolido as suas Ordens em Conselho; foi tornada a reviver, logo que se soube nos Estados Unidos, que a Inglaterra naõ approvára a negociação do seu Ministro, em Washington. Como quer que sêja todas as noticias particulares, que temos daquelle paiz tendem a mostrar, que as cousas se accommodaraõ em bem, quando lá se ouvirem as proposições do novo Ministro, que a Inglaterra lá mandou.

Brazil.

He verdade universalmente concedida, que de todos os inventos humanos nenhum tem contribuido mais para propagar as sciencias, e artes, e por consequencia dilatar a felicidade dos homens, do que he a invenção da imprensa. No Corr. Braz. Vol. I. p 517 se mencionou a introduccão da imprensa no Brazil, fazendo-se o devido elogio ao homem aquem se suppoz, que isto éra devido; mas ao depois nos chegou á maõ a seguinte Provisão.

D. João &c. Mando a vos Juiz da Alfandega da Cidade—que pondo em inteira observancia a minha lei de 16 de Dezembro de 1794, e as mais leis e ordens que ella

manda guardar, não admitacs a despacho livros nem papeis alguns impressos, que nessa alfandega entrarem, sem que se vos apresente licença da meza do Dezembargo do Paço do Brazil. E outrosim ordeno que me remetaes por maõ do meu escripto da Camara que ésta fez escrever, uma relação exacta dos livros e papeis, que neste presente anno tivérem sahido, e que na conformidade das dictas minhas ordens deviam ter licença. O Principe Regente N. S. o mandou pelos seus Ministros abaixo assignados do seu Conselho, e seus Dezembargadores do Paço. Joaquim Jozé da Silva a fez no Rio de Janeiro a 14 de Outubro de 1808. Joaquim Jozè de Souza Lobato a fez escrever.—Jozé Pedro Machado Coelho Torres.—Jozé de Oliveira Pinto Botelho e Mosqueira.—

A leitura desta Provisão não causou outra supposição senão de que eram estes os ultimos esforços de um systema agonizante de restricçoens da imprensa; que não poderia prevalecer contra o vigor de um Ministro illuminado, em quem suppunhamos boas intençoens. Mas a publicação do seguinte edictal no Rio de Janeiro, motivou a indagação, e merece a exposição de seus motivos.

EDICTAL.

Paulo Fernandez Vianna do Conselho de S. A. R. Fidalgo cavalleiro de S. R. caza, proffesso na Ordem de Christo, Dezembargador do Paço, e Intendente geral da Policia da Corte, e Estado da Brazil, &c.—Faço saber aos que o presente Edictal virem, que importando muito á vigilancia da Policia, que cheguem ao seu conhecimento todos os avizos, e noticias impressas, que se affixão ao publico á cerca de livros, e obras estrangeiras, que se procuram divulgar, muitas vezes sem procurarem a approvação das Authoridades, a quem a P. R. N. S. tem confiado ésta particular inspecção; fica de hoje em diante prohibida a liberdade, que se tem arrogado abusivamente os que fazem semelhantes publicações; e todos os que tiverem de dar noticias de obras, e escriptos estrangeiros, impressos, ou não impressos, deverão primeiro trazer estes

avizos, ou annuncios á Secretaria de Intendencia Geral da Policia, para nella serem vistos, e examinados, e se lhes permittir ésta liberdade, e conhecer-se se tem ou naõ obtido a approvaçaõ indispensavelmente necessaria; E os que o contrario fizerem ou sêjam Nacionaes, ou Estrangeiros, seraõ presos na cadêa publica, e pagaraõ de pena duzentos mil reis, alem das mais que se impoem aos que procuram quebrantar a segurança publica; para o que haverá inquiriçaõ aberta em que se conheça dos transgressores, e se admittiraõ denuncias em segredo. Rio de Janeiro, 30 de Maio, de 1809.—Paulo Fernandes Vianna.

Entre outras incoherencias legaes deste edictal ha duas, que se fazem mui conspicuas: uma o erigirse o Intendente da Policia em legislador, arbitrando multas de sua propria authoridade; outra, o admittir, contra os principios da justiça universal, as denuncias occultas; diremos alguma cousa sobre isto; e depois veremos a tendencia politica destas medidas.

He um principio incontestavel de direito, que o designar os crimes e estabelecer-lhes as penas correspondentes he officio que unica e privativamente compete ao legislador, e por tanto o magistrado, que de sua authoridade irroga penas, commete um crime de lesa Magestade; e os ministros que tal cousa concedem que se faça, quaesquer que sêjam os seus motivos, ajudam a imprimir no espirito dos povos a falta de respeito á authoridade legislativa. As leis de Portugal saõ taõ estrictas a este respeito, e taõ sabiamente pensadas, por os antigos legisladores; que até naõ permitem que o magistrado ou juiz possa estender a sancçaõ da lei criminal aos casos semelhantes; devendo restrictamente limitar-se aos casos especificados na letra da lei (Ordenaçaõ do L. 2. tt. 13. in fin. pr.) se pois o magistrado naõ pode estender a lei criminal aos casos semelhantes, como lhe hade ser permittido estabelecer penas a seu arbitrio, sem uma flagrante usurpaçaõ dos sagrados direitos da Soberania? E saõ os ministros que tal consentem amigos e fieis servidores de seu Soberano?

Quanto ao admittir as delações occultas; com effeito admira, que se naõ evergonhem disto no Secculo XIX os promotores desta medida; porque em fim nenhum jurisconsulto crimimalista, hoje em dia, deixa de reconhecer a injustiça das accusaçoes particulares; e a tendencia desta medida, em desassocegar o espirito dos povos, per-

turbando a tranquillidade ate do mais innocente cidadão (veja-se *Berccaria Dei delitti e delle pene* tom. 1. pag. 28. edit. Venet. 1781. *Bernardi Principes des loix criminelles* III. P. § II.) E na verdade como he possivel que ninguem viva socegado, e tranquillo em seu espirito, quando se lembrar, que está no poder de qualquor malevolo o fazer uma denuncia occulta contra elle, donde o menor mal que se pode seguir ao accusado he o ser chamado perante o magistrado, ser prezo, mettido de segredo, interrogado, em uma palavra passar por immensos incomodos antes que se manifeste a sua innocencia? Como he possivel desfazer os enredos, ou escapar as ciladas de um inimigo occulto, protegido pelos magistrados, para quem o accusado olha parapedir justiça? As nossas leis conhecem tanto a necessidade disto, que nenhum depoimento de testemunha he valido, sem que o reo esteja presente para o contradizer; (*Ordenaçã do Reyno* Liv. 3. tt. 62. §. 1. e ord. liv. 3. tt. 24. §. 20. e liv. 3. tt. 32. §. 1.) Como pois se permite a um magistrado (por um erro de nome chamado de policia,) violar assim a sabia legislaçã do Reyno, que em quanto foi observada literalmente fez a felicidade dos povos Portuguezes?

Sobre a tendencia politica destas restricçoens da imprensa, lembarei um facto. Cayenna foi tomada pelos Portuguezes, e havia naquella colonia duas impressas. Ou o Governo do Brazil as prohibe, ou as permite: se as prohibe, dá logo a conhecer aos habitantes de Cayenna, que o governo novo, que vaõ a ter, he peor que o que tinham pois este agora lhe tira a vantagem da imprensa, cujos beneficios todo mundo conhece; isto he um principio de odio ao novo governo, cujos elleitos a força armada pode suprimir á custa de sangue e de despezas; mas naõ poderá nunca annihilar. Se deixa la existir as impressas dá logo a conhecer ao Brazil, que estes novos subditos e vassallos adoptados, gozam de melhor tratamento que os antigos. ¿Que alternativa he peor?

He logo manifesta a injustiça, assim como a impolitica desta medida; conjecturemos pois os seus motivos occultos. He bem sabido, que existia um partido Francez em Lisboa, que aconselhando ao Governo Portuguez, medidas que faziam este governo odioso á naçaõ, alhanãram o caminho ás vistas de Napoleaõ, e se o Principe Regente tivesse seguido ate o fim as insinuaçoens perfidas desse partido, em vez de reynar nos seus Estados do Brazil, estaria hoje soffrendo a sorte de Carlos IV, e de Fernando VII. Um dos principaes agentes desta facçaõ está hoje em Paris, vivendo no maior desprezo e obscuridade, digno premio da sua traiçaõ. Mas o Brazil tem a infelicidade de conter tal parte desta cabala, quanta baste para o arruinar,

as suas tramas não fôrem descobertas a tempo; e como manobra esse partido considéro eu a publicação deste edictal: porque os seus promotores sabem muito bem, que não são os efforços de uma ignorante policia os que haõ de evitar (naõ obstante a tyrannica medida de admittir delações occultas) que se leiam no Brazil as obras que se imprimem na Europa; mas com ésta medida ganha esse partido o fazer o Governo odioso á nação; fazendo-o apparecer debaixo as cores de um governo que só dejesa manter a ignorancia dos povos; e assim prepara uma disposição favoravel aos Francezes, quando elles lá forem fazer as promessas de melhoramentos que fizéram, em Portugal; e que nunca tem tenção de verificar. Ganha mais esse partido o ridicularizar o Ministro, que publicou ao mundo os seus desejos de admittir a imprensa no Brazil; e ao mesmo tempo que solapam o amor que os povos tem ao seu Governo, fazendo-o apparecer em cores odiosas; fazem recahir a impopularidade desta medida na repartição do unico ministro, que, ao nosso modo de pensar (como máis de uma vez nos temos exprimido), he em quem se concentram todas as esperanças do melhoramento daquelle vasto imperio do Brazil. Eis aqui como debaixo da máscara de servir o Soberano se attacam indirectamente os seus interesses, para dar a uns poucos de intrigantes o prazer de arruinar um ministro, de quem não gostam; ou de ganhar lugares enredando a nação porque, uma vez mais o repetimos, o interesse dos povos he o mesmo dos Soberanos; e os intrigantes os podem dividir,



Em uma das folhas que novamente se publicam em Lisboa (Abelha-do-meio-dia de 17 de Agosto) foi o Correio Braziliense atacado, e com alguma aspereza. Nada podia dar-nos maior prazer do que observar, que ja a liberdade da imprensa em Portugal permite fazer invectivas ao author do Correio Braziliense, sem que o Censor prohibisse essas invectivas por serem um doesto. A alegria pois que nos causa este melhoramento na liberdade da imprensa, apenas nos deixa lugar para dizer outra couza senão agradecer ao Editor da Abelha o favor que elle fez á sua nação em ser o primeiro a romper a marcha; Deus queira, que passe agora a responder a outros papeis, que aqui se imprimem continuamente, onde tudo quanto pertence ao governo, e nação Portugueza he tractado com o maior desprezo; se lá he não respondem por serem impressos em diversa lingua, e precisarem a sua versaõ nos lhos traduziremos a Portuguez. Fazemos porém uma advertencia ao Edictor da Abelha, e he que não falte nunca á ver-

dade em suas accusações, como o faz insinuando que nós atacamos o Soberano.

O Correio Braziliense tem tomado a seu cargo responder aos ataques que se tem feito em diversas nações, contra os direitos Soberanos de Portugal, sem respeitar, nisto, nem ainda a mesma Inglaterra, onde o Correio Braziliense se imprime (veja-se a refutação da obra impressa em Londres intitulada *causas e consequencias, &c.* Corr. Braz. V, I. p. 120, e p. 203.) A convenção de Cintra foi analysada no Corr. Braz. com a liberdade necessaria para defender os justos direitos da nação Portugueza; isto nunca fizeram os Senhores que escrevem em Portugal, que até tem medo de escrever em defesa da sua nação. Quanto aos principios da usurpação Franceza, ninguem os tem combatido com maior ardor do que o Correio Braziliense, veja-se toda a sua linguagem e principalmente a refutação da obra impressa no Porto intitulada *Desengano-proveitoso, &c.* (Corr. Br. V. III. p. 149.) Alem disto jamais appareceu no Corr. Braz. uma so palavra contra o character, pessoa, ou attributos do Soberano de Portugal; e he assim que se pertende mostrar, a grandissima differença que ha entre a justa veneração devida do Soberano, e o miseravel systema de louvar a torto e a direito quantos ministros estão á testa das repartições publicas, quantos parasitas enchem a barriga no Paço, quantos intriguistas enredam os negocios publicos para fazer a sua fortuna particular; pelo contrario quem dirige a edicção do Correio Braziliense está persuadido que he fazer um serviço tanto á nação como ao Soberano o desmascarar os ambiciosos, e avarentos que não obstante terem sido mandados para a Africa, voltam tão mãos como fôram, para enriquecer-se com extorsoens manifestas, e depois disto nunca se lembram mandar escrever um paragrapho contra o Correio Braziliense se não depois que lhe tocou por caza.
